

Confiança na urna eletrônica vai a 82%

Índice é 13 pontos maior do que o registrado pelo Datafolha no fim de 2020, apesar de ataques do presidente ao sistema

A confiança do eleitor brasileiro nas urnas eletrônicas saltou 13 pontos desde o último ciclo eleitoral e chegou a 82%, mostra pesquisa do Datafolha. A lisura do sistema tem sido alvo frequente de Jair Bolsonaro (PL).

O levantamento, no qual foram ouvidas 2.556 pessoas de 16 anos ou mais em 181 municípios, revela ainda que 77% da população prefere manter o atual mecanismo a retomar o voto impresso defendido pelo presidente.

Em dezembro de 2020, os que diziam confiar na urna eletrônica eram 69%, ante 29% que desconfiavam — a falta ética caiu agora para 17%. A margem de erro da nova pesquisa é de dois pontos para mais ou para menos.

O grupo dos que apoiam as urnas eletrônicas se divide entre quem confia muito (47%, salto de 14 pontos em 13 meses) e um pouco (35%). No caso do aval à retomada do voto em papel, ele decalou de 23% para atuais 20%.

Mesmo entre os eleitores de Bolsonaro a confiança no equipamento é alta: 70%. Sem apresentar nenhuma prova, o presidente questiona a acuidade do voto eletrônico e diz acreditar que venceu em 2018 no primeiro turno.

Em julho, o chefe do Executivo promoveu uma live de mais de duas horas dedicada a levantar suspeitas sobre o sistema. Observadores alertam que a retórica pode ser evocada caso ele seja derrotado neste ano. **Política A8**

Ceticismo diminuiu, mas 82% dizem não acreditar no que presidente fala **A10**

ANÁLISE Anna Virginia Balloussier
Evangélicos são disputados voto a voto **A8**

Saúde, educação e economia são as principais preocupações do brasileiro **A10**

Ilustrada C5

Música e protesto

Com Pablo Vittar, o Lollapalooza viu no primeiro dia críticas a Bolsonaro, a Putine à invasão da Ucrânia, interrupção de show devido à chuva e até acidente com estrutura que caiu e feriu uma pessoa.

Ilustrada C1 e C4

Após viralizar no Tik Tok, Anitta chega ao 1º lugar no Spotify Global com 'Envolver'.

Folhinha C8

Preço alto até do gíbi mostra para crianças o que é a inflação e os impactos no país



Julian Casablancas, vocalista da banda The Strokes, canta em show que encerrou o 1º dia do Lollapalooza, em São Paulo. **Roberto Cavallari/Folhapress**

A pandemia em 25 mar

Dados das 20h

POPULAÇÃO VACINADA NO BRASIL

As menos uma dose (dose única ou 1ª dose)

83,9%

1ª dose vacinal completa (duas doses ou 2ª dose)

74,4%

Dose de reforço

34,8%

Óbitos

de 14 a 21 mar

251 (-48,2%*)

Total 656.626

Casos (-31,6%*) **(discretizado)**

*Variação em relação a 14 dias

Bolsonaro anuncia pacote para aliviar punição a policiais

Em aceno à base eleitoral, Jair Bolsonaro (PL) enviou ao Congresso uma série de projetos para endurecer penas a quem comete crimes contra policiais e aliviar punições a agentes. O presidente defende o excludente de ilicitude em caso de excesso na ação policial. **Cotidiano B2**

Prefeito diz ter recebido pedido de dinheiro por evento do MEC

O prefeito de Piracicaba (SP), Luciano Almeida (União Brasil), diz que recebeu pedido de dinheiro para que o município abrigasse evento com a presença do ministro da Educação, Milton Ribeiro, em agosto de 2021. Almeida afirma ter recusado a proposta, e o encontro não se concretizou.

A Folha ouviu de dois servidores do MEC que os pastores com supostos privilégios dentro da pasta, Gilmar Santoso e Arilton Moura, estariam à frente dessa negociação. Procurados, ambos não responderam.

A PF abriu dois inquéritos para investigar o ministro e os religiosos. **Política A4 e A6**

José Simão

Ouro? Eu pediria 1 kg de contrailé

"Prefeito diz que pastor pediu 1 kg de ouro por verba do MEC". O pastor segurou na mão do prefeito e disse: OUREMOS Rararri! Eu pediria 1 kg de contrailé! Equemissosspastores amigos do Bozo que mandam no MEC? Surgiram do nada! São da pancada evangélica! **Ilustrada C6**

Medida flexibiliza regulamentação do trabalho híbrido

O governo assinou medida que flexibiliza regras para contrato por teletrabalho e enrijece as do auxílio-alimentação. Abriu mão do controle de jornada em acordo por produção e tarefa pode ser inconstitucional, diz o procurador-geral do Trabalho José de Lima Pereira. **Mercado A21 e A23**

Butanvac empaca e tem 10 milhões de doses paradas

Um ano após anúncio da vacina "100% brasileira" contra Covid, a Butanvac teve obstáculos nos testes em humanos. Dez milhões de doses prontas estão paradas no Butantan. O diretor Dimas Covas diz que o ensaio clínico da vacina foi remodelado. Agora o imunizante é avaliado como reforço a vacinados. O estoque corre risco de ter a validade expirada. **Saúde B1**

Nova Tamoios será aberta hoje, com circulação vetada das 22h às 6h

Cotidiano B3

queiroz paulao
CONSTRUTORA

Nova Tamoios: engenharia de ponta e respeito ao ambiente

- Duplicação, inaugurada hoje, agiliza viagem e impulsiona economia
- Tecnologia inédita preserva Mata Atlântica
- Pessoas fazem a diferença nas grandes obras

EstúdioFOLHA

PÁGS. 5, 7 e 9

ISSN 1614-4773 33940 9 771414 572070 101010

Governo pede ao STF que União controle Noronha

A AGU iniciou uma disputa no STF com Pernambuco para que seja declarado domínio federal sobre Fernando de Noronha. Segundo a União, o estado fez concessões indevidas de edificações e ampliou a rede de hotéis irregularmente. A gestão pernambucana contesta. **Cotidiano B2**

EDITORIAIS A2

Até Aras se mexeu
Sobre apuração do escândalo dos pastores no MEC.

Retrocesso vacinal
Acerca de queda dos índices de imunização no país.

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Fries
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Fonce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helela Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Roberto de Almeida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Fries e Sérgio Dávila (secretário)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (financeiro, planejamento e novos negócios), Marcelo Benise (comercial) e Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais)

EDITORIAIS

editoriais@folha.com.br

Até Aras se mexeu

Escândalo no MEC é tão grave, e as evidências, tão grandes, que procurador se viu obrigado a agir

Com o perdo do trocadilho, a escandalosa atuação de pastores no Ministério da Educação provocou um pequeno milagre: levou Augusto Aras a agir contra os interesses do governo Jair Bolsonaro (PL). Como se sabe, a marca de Aras à frente da Procuradoria-Geral da República é a inércia. Ele se comporta como espectador passivo diante das inúmeras barbaridades cometidas pelo presidente da República e finge que vigiar o poder não está entre suas atribuições.

Desmandos na crise sanitária, ataques ao Supremo Tribunal Federal e tentativas de tumultuar as eleições são exemplos de atitudes presidenciais que passaram incólumes sob as barbas inertes de Aras.

Se ele se mexeu agora, portanto, é porque se viu sem alternativa. Afinal, a existência de um balcão de negócios instalado no MEC para liberar verbas orçamentárias teve a confirmação de ninguém menos que o ministro Milton Ribeiro.

Em conversa gravada obtida pela Folha, Ribeiro explica que o governo prioriza prefeituras cujos pedidos tenham sido negociados pelos pastores Gilmar Silva dos Santos e Arilton Moura, ambos sem vínculos funcionais com a pasta.

De acordo com o ministro, ele próprio um pastor presbiteriano, a ideia da negociação não partiu de sua pasta. Trata-se de um pedido especial de Bolsonaro. Essa foi apenas uma das provas

que se acumularam desde que o jornal O Estado de S. Paulo revelou a movimentação da dupla.

De lá para cá, alguns gestores confirmaram o esquema. Um deles, o prefeito Gilberto Braga (PSDB), de Luís Domingues (MA), disse que havia liberação de verba após pagamento de 1 kg de ouro.

Bolsonaro e Ribeiro nem tentaram negar os fatos. Em vez disso, afirmaram que, antes de o escândalo vir à tona, já procuravam pôr fim às intermediações dos pastores.

Se isso fosse verdade, por que as negociações continuaram mesmo depois de eles supostamente terem agido? Em sua live semanal, Bolsonaro ainda afirmou a desfeitor de afirmar que não existe corrupção em seu governo porque ele sempre está um passo à frente.

Mentira deslavada. Seu governo, atuou, isso sim, contra a autonomia dos órgãos de fiscalização e combate aos desmandos.

Basta ver o que o procurador geral, mesmo num caso de propina relutante, ainda tenta preservar o mandato, forçando a ministério Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal, a lembrar-lhe do imperativo de investigar todos os envolvidos.

Procuradoria, Tribunal de Contas, Controladoria-Geral da União e Polícia Federal precisam honrar seu papel no arranjo institucional brasileiro. Não podem cruzar os braços diante de um escândalo que, vá lá, adquire proporções bíblicas.

Retrocesso vacinal

Queda na taxa de cobertura e negacionismo abrem flanco para decadência da imunização geral

Todos os países e o país todo têm por que alarmarem-se com a notícia de que a vacinação está no nível mais baixo em três décadas. Fica assim ameaçada pelo próprio sucesso um dos principais fatores de redução na mortalidade infantil do Brasil.

Em 1990, a taxa era de 47 mortes até um ano de idade por mil nascidos vivos, cifra que recuou para 13,1/1.000 no presente. Parece de todo o fáceis alcançar a meta de reduzir a taxa a 5,1/1.000 até 2025.

Não se seguir o atropelamento Programa Nacional de Imunizações, que começou antes do governo Jair Bolsonaro (PL). A vacina pentavalente (difteria, tétano, coqueluche, hepatite B e bactéria Haemophilus influenza B), por exemplo, tinha cobertura de 96% em 2019, caiu a 84% em 2017 e a 68% em 2021.

A tríplice viral, que inclui sarampo, teve evolução semelhante: 80%, 86% e 71%, nos mesmos anos. Não espanta que, em 2018, Roraima tenha vivido surto da doença. O país arrisca apresentar até um retorno da poliomielite (100%, 85% e 69%, respectivamente).

O paradoxo decorre do desempenho exemplar do programa. Com a prevenção eficaz de moléstias graves, a população deixa de perceber-se como risco palpável e perde forte incentivo para imunização.

Apesar do quadro, a verba para a publicidade oficial das campanhas vem caindo desde 2017, quando chegou a R\$ 97 milhões. Foram R\$ 86 milhões em 2018, depois R\$ 67 milhões (2019), R\$ 69 milhões (2020) e R\$ 33 milhões (2021).

Ainda que restrições orçamentárias tenham contribuído para a involução, é patente que Bolsonaro negligência sobremaneira essa forma de prevenção. Em seu governo, política e ideologia têm prioridade sobre saúde pública.

Primeiro prevaleceu um virtual veto à imunização de meninas e meninos contra o HPV. Conservadores religiosos propagam a baleia de que tal providência favorecerá atividade sexual precoce.

Depois o Planoalto sabotou vacinação contra a Covid para fustigar a iniciativa Coronavac do governador João Dória (PSDB-SP).

Mais recentemente, surgiu a absurda campanha desfavorável à vacinação de crianças contra o coronavírus. Até a uma hedionda acusação do imunizante com a Aids presidente recorre.

O desfecho óbvio das investidas negacionistas é semear mais dúvidas em mães e pais. Bolsonaro não é o único responsável pelo retrocesso, porém se destaca hoje como solapador mor da imunização.



Apostando na inflação

Hélio Schwartsman

"Hybris", o termo grego para "soberba", é um troço complicado. Há pouco, petistas mais entusiasmados falavam numa vitória de Lula já no primeiro turno. A pesquisa Datafolha divulgada esta semana, que mostra uma redução da vantagem do petista sobre Bolsonaro, serve para injetar um pouco de realidade nas mentes mais exaltadas.

Derrotar um político que concorreu à reeleição nunca é fácil. A taxa de sucesso na recondução de governantes ao cargo é da ordem de 80%, considerada uma base de quase 3.000 pleitos realizados em diversas partes do mundo ao longo dos últimos dois séculos e meio. Se quisermos ser mais específicos, o quadro fica ainda mais desafiador. Desse de uma redemocratização, 100% dos presidentes brasileiros que tentaram a reeleição a obtiveram. Verdade de N. e, portanto, apenas três: FHC, Lula, Dilma.

Para Bolsonaro tem três forças a favor de sua candidatura e duas contra. A pandemia, embora não tenha acabado, está ficando menos mortí-

fera e menos disruptiva. E, quanto mais nos afastamos dos momentos críticos, menos peso o eleitor deve dar ao desempenho criminoso do presidente na gestão dessa crise. Outro fator benéfico para Bolsonaro é o auxílio Brasil de R\$ 400. Programas como esse rendem votos no Brasil. E aconteceu com o PT, deve acontecer com Bolsonaro.

Há, por fim, o antipetismo. O fenômeno ainda apareceu com força nas eleições municipais de 2020. Seria ingenuidade imaginar que simplesmente foi embora. Bolsonaro vai tentar atá-lo e deve colher frutos.

Contra Bolsonaro temos a inflação, que tende a ser tóxica para candidaturas situacionistas. Nada indica que ela caira rápida e substancialmente. Temos também o que eu chamaria de análise objetiva. Quem se dispuser a analisar desapontadamente as realizações de seu governo não concluirá que ele é o pior presidente da história do país. Mas a objetividade não tem muito peso eleitoral. Melhor apostar na inflação.

heloio@uol.com.br

'Os amigos do pastor Gilmar'

Crístina Serra

Dois dos ministérios de maior alcance social, Educação e Saúde, são os mais prejudicados no desgoverno de Bolsonaro por uma combinação perversa de transbordo político-religioso, corrupção em grande escala e incompetência na gestão de políticas públicas.

As duas pastas estão no quarto titular. Pela Saúde passaram Mandetta, o cometa Teich, o capacho Eduardo de um "mande, outro obedece" Pazuello e hoje é ocupada pelo sonador de música para crianças, Marcelo Queiroga.

A Educação estreou com o despreparado Ricardo Vêlez Rodriguez e foi rebaixada com o fugitivo Abraham Weintraub. Carlos Decotelli, mentido sobre o currículo e não pôde assumir. Assim chegamos a Milton Ribeiro, aos pastores Gilmar dos Santos e Arilton Moura e aos amigos de ambos, a quem o ministro, pressuoso, empunha-se em situação, como Bolsonaro determinara.

Os pastores não ocupavam cargos oficiais, mas tinham o que interessa a quem disputa o butim: o poder

de abrir portas, a agenda do ministro e a chave do cofre do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), além da preferência de marcar encontros em hotéis ou restaurantes.

Grças à CPI da pandemia no Senado, soube que negociações para a compra de vacinas envolviam circunstâncias semelhantes, à margem dos canais formais, com a intermediação sorrateira de "facilitadores". O leitor deve lembrar, por exemplo, o figurante como cabo Di Minghetti e o choroso pastor Arilton Gomes de Paula, e das conversas que combinavam na mesma frase as palavras vacina e propina, no restaurante de um shopping.

As políticas de educação definem um país. A saúde do seu povo o sustenta. A tragédia na Saúde pode ser contada nas 660 mil covas abertas para os mortos pela Covid. A crise na Educação será sentida por gerações. Como Darcy Ribeiro diagnosticou décadas atrás: "A crise de educação no Brasil não é uma crise; é um projeto".

Cocar da azar

Alvaro Costa e Silva

A cara de espanto do mito foi qual quer nota. Era março de 2020, quando a pandemia começava a mudar o mundo, e ele não estava nem ali, negando a gravidade da situação em conversa com a seita em frente ao Alvorada. Eis que um imigrante haitiano começou a falar: "Bolsonaro, acabou. Você não é presidente mais. Precisa desistir. Você está espalhando o vírus e vai matar os brasileiros".

Esta última era uma profecia falsa. Mas o jeito de Bolsonaro se comportar — incomodado, olhos baixos, mãos entrelaçadas na cintura — suscitou a esperança entre seus adversários de que aquele homem fosse o mensageiro de uma maldição às avessas, a qual impedisse o destino trágico do país: fome, inflação, desemprego, destruição ambiental, aparelhamento das instituições, orçamento secreto, corrupção. Sim, corrupção, cada vez mais escancarada.

Dois anos depois, ninguém sabe onde anda ou que fim levou o haitiano, e o presidente pode se reeleger.

Dono de uma confiança suicida, Bolsonaro recebeu dando chance ao azar. Ao receber a Medalha do Mérito Indígenista, vestiu um coque azul. O folclore político ensina que coque azar, sobretudo se o candidato desceste o índio. Se a ave que cedeu as penas tiver morrido, o estrago é ainda maior. Na lista de quem usou o adorno e perdeu nas urnas estão Jaumez Távora e Mário Andreazza. Tancredino ganhou, mas não levou. Ulisses Guimarães caiu em depressão. Sarney ataca a superstição, ao contrário de Lula e Dilma.

Bolsonaro é reincidente. Por duas vezes, em 2021, tirou folgas com cocares na cabeça, e sempre defendendo o garimpo em terras indígenas. Eu folclore político ensina que coque azar é o leão da rapaziada do Cacique de Ramos no Carnaval de abril.

Contra vodas e pájes, o presidente pede que pastores lobistas orem pela graça da reeleição. São os mesmos que, sem cargo público, mandam na liberação de recursos do MEC e, em troca, exigem um quilo de ouro.

Aldear a política

Taxi Surui

Coordenadora da Associação de Defesa Etnocultural - Kanindê e do Movimento da Juventude Indígena de Rondônia

O movimento indígena, através da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil - Apib, convoca para 4 a 14 de abril o Acampamento Terra Livre (ATL), maior mobilização indígena nacional com o tema "Retomando o Brasil: demarcar territórios e aldear a política", diante das ofensivas e ataques aos direitos dos povos originários, principalmente por via do Legislativo, com projetos de morte como os PLS 1190/2020, 490/2021, 2.653/2020 e 510/2021, entre outros. Projetos que ameaçam não somente a existência dos povos indígenas como todo o meio ambiente.

Nunca os povos indígenas enfrentaram tamanhas ameaças. Lutamos contra um projeto genocida e fascista que quer acabar com as maiores riquezas do Brasil que são suas florestas e os povos que vivem nelas. Estamos vendo o enfraquecimento das leis ambientais e dos órgãos ambientais e não somente a omissão, mas o incentivo pelo Governo Federal para a invasão das terras indígenas.

Diante disso, os povos originários partem para a luta, seguindo com nossa resistência milenar, para a construção de um Brasil democrático, que respeite os povos e seja justo para todos. Neste ano, com uma das eleições mais importantes da história, levantamos a importância de ocuparmos o espaço institucional e lutarmos por mais representatividade e menos desigualdades no campo político. Levando a importância inclusiva dos não indígenas votarem em candidatos indígenas para a construção de um país que queremos.

O Movimento da Juventude Indígena de Rondônia se reunirá para discutir e lutar por exigir o compromisso da aqueles que pretendem nos representar com demandas para seus planos de governo.

Apresento algumas: compromisso em atuar na defesa dos povos e de seus territórios no estado, ameaçados constantemente pelas forças do extrativismo predatório dos projetos de ampliação de monoculturas, pecuária, garimpo, desmatamento e demais grandes empreendimentos; manter diálogo permanente com os movimentos e organizações indígenas para a participação política dos povos indígenas nas territorialidades e demais oportunidades de participação social no processo de tomada de decisão; apoiar estratégias que visem a ampliação da participação política dos povos indígenas, incluindo o incentivo às campanhas eleitorais nas línguas de cada povo e a manutenção e aumento da presença da representação indígena no legislativo federal, estadual e municipal, destinado a financiar candidaturas indígenas.

A luta dos povos indígenas é pela vida e deveria ser a luta de todos. Convidamos todos os cidadãos da sociedade para se juntarem a essa luta no Acampamento Terra Livre 2022.

TENDÊNCIAS/DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofohla.com.br

Os artigos publicados com assinatura não refletem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

A criação do 'open health' é positiva para o sistema de saúde?

Não Carta branca para a exclusão de vulneráveis

Tudo faz crer que operadoras poderão avaliar seus clientes sob a ótica do risco

César Eduardo Fernandes

Presidente da Associação Brasileira

Em tese, o "open health" representaria o compartilhamento dos registros eletrônicos de saúde dos beneficiários de planos de saúde, podendo incluir os atendimentos privados e do Sistema Único de Saúde, o SUS. Vale, por oportuno, considerar que o usuário eletrônico portátil em si parece, em princípio, boa medida salvaguardadora da confidencialidade e do sigilo. O acesso a ele, uma vez implantado, só deverá ser feito com autorização formal prévia do paciente, em princípio, pelo beneficiário, e apenas pelo médico. Jamais, sob quaisquer circunstâncias, por operadores de saúde.

Ademais, a proposta de "open health" ou outra qualquer precisa estar em conformidade com a Constituição Federal, que garante a inviolabilidade da intimidade e da vida privada de qualquer cidadão. E trata-se de uma Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), que assegura proteção especial às informações referentes à saúde e veda às operadoras o tratamento de tais dados para a prática de atividades de risco na contratação e exclusão de beneficiários.

O cenário vivido atualmente e a atuação da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), reforçada pela pandemia de Covid-19, decorreram vários problemas enfrentados pelos consumidores dos planos de saúde. Especialmente os mais idosos e acometidos por alguma doença são mais vulneráveis, que sofrem para acessar coberturas pelas quais, muitos deles, pagaram por anos. Mais recentemente, consumidores

e médicos assistem a seguidas tentativas de limitação dos direitos garantidos pela lei nº 9.637/98, a Lei dos Planos de Saúde. Em particular, para limitar a cobertura e a autonomia do médico, atribuir taxatividade ao rol de procedimentos de cobertura obrigatória elaborado pela ANS. Em suma, as operadoras desejam que só valham os procedimentos de listas engessadas e restritivas — na mídia. Além da insuficiência legal da tese da taxatividade, imaginem distribuições causadas simplesmente pela inexistência de nomenclaturas para um mesmo procedimento.

Por tudo isso, a despeito da roupagem moderna do "open health", não parece promissora a sua implantação por aqui. Ainda mais com foco na maior concorrência do mercado

[...]

A despeito da roupagem moderna do "open health", não parece promissora a sua implantação. Ainda mais com foco na maior concorrência do mercado e na possibilidade de oferecimento de planos subsegmentados, antigo sonho das empresas combatido historicamente por entidades médicas e de defesa dos consumidores

e na possibilidade de oferecimento de planos subsegmentados, antigo sonho das empresas combatido historicamente por entidades médicas e de defesa dos consumidores.

Tudo faz crer que a proposta permitirá uma seleção específica por parte das operadoras, que poderão utilizar informações de saúde e condições físicas dos beneficiários sob a ótica do "risco" antes de aceitar um novo consumidor.

A proteção de dados dos pacientes não é novidade para os médicos, já que um dos princípios fundamentais do Código de Ética Médica é o dever de guardar sigilo sobre todas as informações de que detenhem conhecimento no desempenho de suas funções. O acesso desmedido a tais dados, contudo, é o mesmo desejo antigo das empresas do setor.

Precisamos, sim, olhar para o futuro e incorporar tecnologias que venham a proporcionar melhorias ao atendimento à saúde na relação médico-paciente, paciente-operadora, médico-operadora e operadora-SUS. Mas sempre respeitando a lógica da prestação dos serviços de saúde, a intimidade e a privacidade de todos os envolvidos. Podemos somar com uma ferramenta como promete ser o "open health", mas há muita lição de casa por fazer. As deficiências do setor são escancaradas todos os dias, e prometer soluções miraculosas é inadmissível.

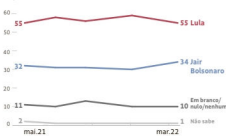
Compreendemos que respeito à privacidade e ao sigilo dos beneficiários é a base de sustentação de qualquer sistema de saúde digno e eficaz.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofohla.com.br
Cartas para: Sr. Barão de Limeria, 425, São Paulo, CEP 07022-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Presidente diminui vantagem de Lula

Resposta estimulada e única, em %



Liderança

Segundo o Datafolha, Lula lidera entre mulheres e mais pobres; Bolsonaro, entre os mais ricos. Quanto reducionismo... O genocida também lidera com folga entre milicianos, negociantistas, grileiros, racistas e homofóbicos.

Paulo Bittar (São Paulo, SP)

* * *

O eleitorado sabe o que Lula fez nos verões passados. Pouco importa que o STF tenha anulado as condenações. O Datafolha mostrou sinais de alerta preocupantes para o ex-presidente, evidenciando que os ministros do STF não são senhores da consciência dos eleitores. A história de Lula, mancha da com tintas indelevel, não é a história de uma vestal. O Sebastianismo petista é a crença dos trouxas.

Mário Soares Carvalho

(Belo Horizonte, MG)

* * *

O governo está abrindo o cofre em direção aos mais pobres para vencer as eleições. Mas tanta benevolência vai custar muito caro em 2023 justamente para os mais pobres; ou seja, o governo dá com uma mão e tira com as duas. Mais desumano impossível.

Luciano Vetterazzo

(São José do Rio Preto, SP)

* * *

A corrupção nos governos está sempre presente. No governo Lula a terminava sempre em "do", como mensalão, petroleiro, no governo Bolsonaro o trabalho de fôrmigas pastores, na saúde, na educação e assim por diante. E, pasmem, Lula e Bolsonaro estão em primeiro lugar nas pesquisas. E aí não poiminho, o brasileiro!

Cecília Centurion (São Paulo, SP)

* * *

A nova pesquisa Datafolha dá um fôlego a Bolsonaro. A minha dúvida é se os eleitores querem realmente a continuação deste (des)governo ou se se trata de antipetismo.

Marcos Barbosa (Caxa Branca, SP)

* * *

A economia irá certamente definir a eleição presidencial deste ano. E, para reverter o atual cenário econômico, Bolsonaro terá que fazer algo que nunca fez na vida: trabalhar muito. Ou seja, Lula pode dormir tranquilo.

Teotônio Junior Lara

(Belo Horizonte, MG)

* * *

Apoiéis e Vanderlei Vazelek Ribeiro está correto ao afirmar que o presidente em exercício tem apoio das Forças Armadas e concentra amplos recursos de poder (Painel do Leitor, 25/3). Mas esquece que Lula tem apoio irrestrito do Supremo, do STF e dos demais segmentos da sociedade brasileira. Briga boa. Para o bem do Brasil, será interessante os dois saírem derrotados.

Maurilio Poltello Junior

(Ribeirão Preto, SP)

* * *

Onde foi parar?

Claudia Costin, didática e afiada ("O Nôo Enem e o Inep", Opinião, 25/3). Defato, o Enem é um sistema de desqualificação educacional de classe mundial, implantado pelo saudoso ministro tucano Paulo Renato. Essa criação, o Plano Real e outros avanços nos fazem indagar agora: do "open health" trará benefícios para a saúde dos brasileiros e para a saúde do SUS.

Nacim Chico

(São Paulo, SP)

Atos e omissões

A descrição feita por Ruy Castro da tragédia Bolsonaro foi perfeita ("A sua biografia de Bolsonaro", Opinião, 25/3). O teatro de mau gosto promovido pelo procurador-geral da República, Augusto Aras, fingindo intenção de investigar o chefe, é um escárnio. Típico do modus operandi instalado nas ações desse desgoverno. E toda a turma citada nominalmente pelo colunista merece ser julgada, por seus atos e omissões.

Marcos Fortunato de Barros

(Americana, SP)

Sem lama

"Malafeia pede quebra de sigilo de pastores e diz que não vai 'tomar lama' por eles" (Política, 25/3). Que pastor é esse que apoia aquele que diz claramente ser a favor da tortura e do crime de extermínio? Do que ele acha que morreu Cristo, que ele diz pregar naquele púlpito extremamente vazio de amor e de boa vontade? São pessoas que de dia acendem vela para Deus e à noite dão pinga para o diabo.

Marcelo Ghibu

(Santos, SP)

* * *

Esse sujeito excrevê está furioso porque ficou de fora do esqueleto e deixou de levar a sua parte no butim. Como diria o Barão de Itararé, "negociata é um bom negócio para o qual não fomos chamados".

Tadeu Roberto Corbi

(São Bernardo do Campo, SP)

* * *

A cara no fogo

"Boto a cara no fogo pelo Milton Ribeiro, diz Bolsonaro em meio à crise no MEC" (Política, 25/3). Bolsonaro pede que enguê de um negócio para o qual não fomos chamados".

Tadeu Roberto Corbi

(São Bernardo do Campo, SP)

* * *

Maria Viana

(Recife, PE)

* * *

Se ele der a cara a tapa, eu quero bater! Faça esse favor ao povo: sacrifique nenhum

Ferreira Queiroz

(Rio de Janeiro, RJ)

* * *

Quando a cara é de pau, melhor não colocar no fogo!

Luciana Sadi Mennucci

(São Paulo, SP)

* * *

ERRAMOS

eramos@folha.com.br

POLÍTICA (25 MAR., PÁG. A6) Diferentemente do publicado no texto "Ações 'pró-povo' de Bolsonaro minam candidatura de Lula", as oscilações de Lula e Bolsonaro entre os mais pobres ocorreram dentro da margem de erro da pesquisa, não fora.

MERCADO (22 MAR., PÁG. A20) O volume de papel vendido pela Suzano no mercado interno equivale a 45% do total comercializado no país, não a 70%, como publicado no texto "Preço do papel dispara, e editoras cotinham tiragens".

CRITICANDO (25 MAR., PÁG. B3) O nome do partido Republicanos foi grafado incorretamente no texto "Nunes diz que só segura tarifa nos ônibus até abril". Além disso, o deputado Marcos Ferreira de Deus é por São Paulo, não pelo Espírito Santo.

Sim É solução inclusive para o SUS

Quanto mais informação sobre o paciente, mais economia à rede pública

André Cripa e Thays Takahashi

Chief Innovation Officer na CTC, empresa de tecnologia com foco no segmento de saúde

Médica especializada em gestão de saúde Únipe e gerente de informática médica CTC

O governo federal anunciou recentemente a intenção de criar o "open health". Chamado de privatizador por uns, o sistema teria como inspiração o open banking: favorecer a portabilidade de dados de saúde, oferecer maior transparência nos negócios da área e facilitar o acesso a dados atuais do paciente.

Em artigo publicado nesta Folha (6/3), o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, afirma que a adoção do "open health" é "questão de tempo, corrares". Quem já teve que trocar de plano de saúde sabe os dores do sistema atual. E mais: como discutir "open health" em um país onde a segurança dos dados vive constantes ataques? Ou onde a integração desses dados é tão incipiente?

A LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados) já deu um grande passo para o "open health": ao colocar a pessoa física como detentora legal de seus dados pessoais. Assim como no open banking, o "open health" exigirá do usuário autorização para que os players possam analisar seus dados médicos — de planos de saúde à rede do Sistema Único de Saúde, de hospitais particulares a públicos. Mas não para falar de qualquer maneira de saúde, pública ou privada, tendo nas mãos o seu histórico — se ele as

sim o quer e autorizar. A RNDS (Rede Nacional de Dados em Saúde), instituída em 2020, é a plataforma nacional que prevê a troca de informações entre todos os pontos da Rede de Atenção à Saúde. O sistema do governo abrange a interoperabilidade de dados em saúde, entrelaçando todos os atores da área.

O "open health" é um sistema inovador para a saúde pública, com um potencial gigantesco para melhorar o atendimento público. A segurança das redes, porém, ainda é um dos principais calcanhares de Aquiles.

Outras duas principais críticas surgem ao "open health": a de que seria uma nova privatização da saúde ao propor mais soluções para a saúde complementar do que para o pro

[...]

O "open health" é um sistema inovador para a saúde pública, com um potencial gigantesco para melhorar o atendimento público. (...) O paciente é o proprietário do dado e poderá disponibilizá-lo em troca de desconto no plano de saúde, da mesma forma que acontece quando informa o CPF em farmácias

blemas do SUS em si, o que causaria esvaziamento e enfraquecimento do sistema; e a dificuldade em organizar a gigantesca quantidade de dados da saúde, espalhados em uma infinidade de sistemas.

Quanto à privacidade, o paciente é o proprietário do dado e poderá disponibilizá-lo em troca de desconto no plano de saúde, da mesma forma que acontece quando informa o CPF em farmácias para vincular às suas compras e obter um preço menor — ato válido desde que seu objetivo seja explicado previamente. Faltava-se ainda em "esvaziamento do SUS": se o cidadão quiser e puder migrar para a rede privada, ele não tem esse direito? Quanto mais informação tivermos sobre esse paciente, mais economia será gerada para a rede pública, inclusive.

Em relação à quantidade de dados, realmente é um grande desafio. É importante observarmos o "open health" não como uma corrida de curto prazo, mas como uma maratona. A estruturação de redes, a interoperabilidade e as novas tecnologias devem, gradativamente, permitir a implementação desse sistema.

O assunto é complexo e não adianta apenas boas vontades ou discussões conceituais ou políticas. O sucesso da iniciativa dependerá de um debate técnico e amplo, que envolva as redes pública e privada.

Se isso ocorrer, não há dúvidas de que o "open health" trará benefícios para a saúde dos brasileiros e para a saúde do SUS.

política

PAINEL

Fábio Zanini

painel@folha.com.br

Bandeirante

Agora pré-candidato a deputado federal por São Paulo, o carioca Mario Frias (PL) decidiu fazer viagens para se familiarizar com o estado, em que mal pisou durante sua gestão. Em março, o secretário da Cultura já passou por seis municípios em 25 dias: Leme, Pirassununga, Anailândia, Piracicaba, Itaquaquecetuba e São Caetano do Sul. Em fevereiro, esteve em São Bernardo, Campinas e Brotas. Sua agenda pública não registra qualquer passagem por SP entre fevereiro e agosto de 2021.

MAIACIAÇÃO Na maioria das viagens, Frias encontrou-se com lideranças regionais e deu entrevistas para a imprensa local, todas em tom agressivo, com palavrões e ataques à oposição e à classe artística. Ele declarou à secretária no começo de abril. Procurado, não quis se manifestar.

OSÓRIO O novo fôlego ganhou por Jair Bolsonaro (PL) na pesquisa Datafolha não foi suficiente para que ele reconquistasse eleitores que desertaram desde 2018. O presidente perdeu o apoio de 36% dos que votaram nele no segundo turno, em que bateu Fernando Haddad (PT). O número não se alterou com relação à pesquisa de dezembro de 2021.

FÉ O Datafolha mostrou que a confiança na urna eletrônica se mantém em alta entre os eleitores de dois partidos que já pregaram contra a segurança do equipamento: PDT e PSDB. No grupo dos que anunciam voto em Ciro Gomes (PDT), 82% dizem acreditar na segurança dela. Entre os apoiadores de João Dória (PSDB), são 90%.

HOLOGRAMA 1 Em ritmo frenético de eventos de inauguração e de entrega de obras antes de deixar o Governo de SP, João Dória (PSDB) marcou para sexta (25) apresentação virtual de um trem que está sendo produzido na China e tem previsão de chegar ao Brasil somente no fim do ano.

HOLOGRAMA 2 É o primeiro trem da linha 17-ouro, que está na fábrica da empresa BYD, na China. No evento, Dória marcou por teleconferência a composição que futuramente circulará no estado.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

Cláudio



GRUPO FOLHA

FOLHA DE S.PAULO ***

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman: ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-075-8000
Atendimento ao assinante: (11) 3224-3090 | 0800-775-8000
Assine a Folha: assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 31º MES	R\$ 1,90	R\$ 1,90
DO 1º AO 12º MES	R\$ 9,90	R\$ 9,90
A PARTIR DO 13º MES	R\$ 29,90	R\$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa	Assinatura semestral*
MG, PR, RJ, SP	seg. a sáb. dom. R\$ 5,50	Todos os dias R\$ 2,70
DF, SC	R\$ 5,50	R\$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R\$ 6,00	R\$ 1.138,90
AL, BA, PE, SE	R\$ 9,25	R\$ 1.420,90
Outros estados	R\$ 10,00	R\$ 1.764,90

*10% taxa com entrega domiciliar. Cartão crédito/só 3,6%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)

361.387 exemplares (fevereiro de 2022)



Milton Ribeiro, o púlpito, discursando em evento em Nova Odessa (SP) com os pastores Arilton Moura (próximo dele, de branco) e Gilmar Santos (último à direita, de cinza). (Camila Chaves - 21.abr.21 / Divulgação MEC)

Prefeito cita pedido de dinheiro em troca de evento do MEC com Milton Ribeiro

Chefe do Executivo de Piracicaba (SP) diz que se negou a pagar; ministro esteve em cidade vizinha com pastores suspeitos

Paulo Saldaña

PF ABRE DOS INQUÉRITOS PARA INVESTIGAR O MINISTRO E PASTORES
A Polícia Federal abriu nesta sexta (25) dois inquéritos que miram a atuação de pastores na liberação de verbas do Ministério da Educação. O primeiro deles foi aberto na Superintendência da PF no Distrito Federal e irá apurar as suspeitas apontadas em um relatório da Controladoria-Geral da União sobre verbas de Educação. A outra investigação é instaurada na sede do órgão, no setor que cuida de inquéritos que tramitam no STF (Supremo Tribunal Federal), e tem como alvo o ministro Milton Ribeiro e a falta dele em áudio revelado pela Folha. No caso do ministro, serão apuradas suspeitas de corrupção passiva, tráfico de influência, prevaricação e advocacia administrativa.

BRASILIA O prefeito de Piracicaba (SP), Luciano Almeida (União Brasil), diz que recebeu um pedido de dinheiro para que o município abrigasse evento com a presença do ministro da Educação, Milton Ribeiro, em agosto de 2021. O gestor municipal afirma que se recusou a fazer o pagamento e que o encontro acabou não se concretizando.

A Folha ouviu de dois servidores do alto escalão do MEC (Ministério da Educação) que os pastores com supostos privilégios dentro da pasta estavam a frente dessa negociação.

Equipes técnicas do ministério e do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) já se mobilizavam, segundo esses relatos, para o atendimento em Piracicaba. Isso foi interrompido após o pedido ter sido recusado.

A reportagem conversou com o prefeito Luciano Almeida após receber essas informações. Ele confirmou o pedido, mas disse não se lembrar quem fez a abordagem.

“Alguém em nome do MEC ligou para perguntar se eu faria o evento em nossa cidade e disseram que, para isso, haveria um custo, um dinheiro, que eu deveria dar toda a minha estrutura, tinha que arranjar hotel, dar suporte, pagar passagens para pessoas de fora”, disse o prefeito. “Isso se evento não aconteceu depois que falei que não pagava”.

Luciano Almeida diz não lembrar se o interlocutor citava valores específicos. Dentro do MEC, a informação é de que haveria um custo de R\$ 70 mil na proposta dos pastores.

Diapas, relata o prefeito, o município recebeu um convite oficial do MEC para um encontro, com as mesmas características, mas em Nova Odessa (SP). As cidades ficam a 40 km de distância.

Milton Ribeiro esteve em Nova Odessa em 21 de agosto de 2021 junto com os pastores Gilmar Santos e Arilton Moura. Ambos, que não têm cargos oficiais na pasta, foram responsáveis pela organização do encontro no município, sentaram na mesa da solidariedade ao lado do ministro e do presidente do FNDE, Marcelo Lopes da Torre, e tiveram falas no púlpito como se fizessem parte do governo.

Cerca de 80 gestores municipais de cidades da região estiveram no local. No extra-tipo de viagem do ministro para Nova Odessa está registrada do que ele se encontraria com pastores na cidade, sem comentários. Na agenda oficial não há menção, mas os pastores apareceram em fotos oficiais.

A Folha revelou na segunda-feira (21) áudio em que Ribeiro afirma que o governo prioriza prefeitos cujos pedidos de liberação de verba foram negociados pelo pastor Gilmar Santos — Arilton Moura trabalha para Gilmar e estava na reunião em que o ministro deu as declarações.

Milton Ribeiro diz no áudio que a prioridade ao pastor Gilmar estava sendo solicitada do presidente Jair Bolsonaro (PL) e menciona pedidos de apoio que seriam supostamente direcionados para construção de igrejas.

Os pastores negociavam com prefeituras transferências de recursos do FNDE, órgão vinculado ao MEC. A atuação dos pastores foi publicada na semana passada pelo jornal O Estado de S. Paulo.

Após a revelação do áudio, a pressão política sobre Ribeiro disparou. Ele disse, em entrevista aos dois veículos de imprensa, que não se lembra do áudio, que enviou à CGU (Controladoria-Geral da União) uma suposta denúncia anônima que envolvia tentativa de interferências.

Esse envio teria ocorrido em agosto, mas em que Nova Odessa recebeu o evento após Piracicaba ter recusado o pedido de dinheiro.

O presidente do Advante em Piracicaba, José Edvaldo Brito, disse ao portal MetrôPro que ele é próprio denunciou ao ministério a tentativa de fraude ilegal dos pastores.

Edvaldo Brito estava presente no encontro em Nova Odessa. “Tu sou uma das pessoas que comuniquei ao ministro e já fui ouvido pela CGU”, disse ele à Folha, sem dar detalhes se os fatos da denúncia surgiram na cidade.

Ele afirma que participou da organização da agenda em Nova Odessa. Segundo ele, o evento “poderia ter sido em Piracicaba”, mas não ocorreu, diz ele, por causa da Covid.

Em Nova Odessa também teria ocorrido distribuição de Bíblias, cuja compra seria uma forma de repassar recursos para os pastores, de acordo com o jornal O Estado de S. Paulo.

O prefeito de uma cidade paulista relatou à Folha, sob anonimato, que isso teria ocorrido em Nova Odessa e em outras duas cidades.

Em nota, a Prefeitura de Nova Odessa negou que tenha havido distribuição de Bíblias no evento. O município diz que apenas cedeu um ginásio e que a organização do encontro de trabalho foi feita por pessoas indicadas pelo próprio MEC.

A reportagem instituiu uma entrevista sobre quem foram essas pessoas indicadas, mas não foi possível localizá-las.

o município não respondeu.

Ainda na nota, disse que “não os quais qualquer pedido de vantagem por terceiros ao prefeito” ou ao secretário de Educação “por parte das lideranças religiosas citadas nas reportagens”. Os recursos solicitados por Nova Odessa ao MEC e ao FNDE ainda não foram liberados, cita a nota.

Segundo os dados oficiais públicos, a prefeitura não teve empenhos ou pagamentos autorizados desde agosto.

O MEC foi questionado, mas não respondeu. Em nota e entrevistas, o ministro negou que os pastores tenham intermediado liberações de recursos federais com prefeituras.

Os pastores Gilmar Santos e Arilton Moura foram procurados, mas não responderam. Em nota, Gilmar negou qualquer intermediação e acesso privilegiado ao MEC.

O ministro Milton Ribeiro atravessou uma crise desde que veio à tona a existência de um balcão político para liberação de verbas do FNDE, que concentra os recursos federais destinados a transferências para municípios. Um prefeito relatou ter recebido pedido de 1 kg ouro em troca de liberação de verba para obras.

A prioridade aos indicados dos pastores, a pedido de Bolsonaro, foi citada por Ribeiro em áudio revelado pela Folha.

O jornal ainda mostrou que, sob o sigilo da imprensa e com o centrão no FNDE, o órgão viu uma espécie de balcão político. Dados oficiais mostram explosão de aprovações, ausência de critérios técnicos, bulo no sistema e priorização de pagamentos a aliados.

Após a divulgação do áudio, houve reação da polícia, Judiciário e parlamentares.

A Polícia Federal abriu nesta sexta-feira (25) dois inquéritos que miram a atuação de pastores na liberação de verbas no Ministério da Educação.

O primeiro deles foi aberto na Superintendência da PF no Distrito Federal e irá apurar as suspeitas apontadas em um relatório da Controladoria-Geral da União sobre verbas de Educação.

A outra investigação foi instaurada na sede do órgão, no setor que cuida de inquéritos que tramitam no STF (Supremo Tribunal Federal), e tem como alvo Milton Ribeiro.

Os membros da Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado aprovaram na quinta-feira (24) requerimento de convite a Ribeiro.

Arreportagem instituiu uma entrevista sobre quem foram essas pessoas indicadas, mas não foi possível localizá-las.

Arreportagem instituiu uma entrevista sobre quem foram essas pessoas indicadas, mas não foi possível localizá-las.

Arreportagem instituiu uma entrevista sobre quem foram essas pessoas indicadas, mas não foi possível localizá-las.

Arreportagem instituiu uma entrevista sobre quem foram essas pessoas indicadas, mas não foi possível localizá-las.

Arreportagem instituiu uma entrevista sobre quem foram essas pessoas indicadas, mas não foi possível localizá-las.

Arreportagem instituiu uma entrevista sobre quem foram essas pessoas indicadas, mas não foi possível localizá-las.

Arreportagem instituiu uma entrevista sobre quem foram essas pessoas indicadas, mas não foi possível localizá-las.

Arreportagem instituiu uma entrevista sobre quem foram essas pessoas indicadas, mas não foi possível localizá-las.

Nova Tamoios preserva Mata Atlântica, agiliza viagens e impulsiona economia



Arquivo/Construtora Queiroz Galvão

Executado pela **Construtora Queiroz Galvão** e operado pela **Concessionária Tamoios**, novo complexo viário formado por túneis e viadutos **dobra a velocidade na subida da serra** e conta com recursos modernos de segurança

O desafio era imenso: tornar mais rígidas, seguras e confortáveis as viagens ao Litoral Norte de São Paulo e preservar a exuberância da Mata Atlântica, uma das florestas mais ricas em diversidade de vida no planeta. Para superar os obstáculos geológicos, ambientais e de engenharia, foi necessário realizar uma das obras de maior complexidade já feitas no Brasil, com tecnologia de ponta, as mais avançadas técnicas de construção, know-how e o emprego de milhares de pessoas.

A partir de hoje será possível começar como foi possível concluir o desenvolvimento e a preservação ambiental com o início da operação do novo trecho de serra da Rodovia dos Tamoios, um moderno complexo viário de 22 quilômetros, formado na maioria por túneis e viadutos, que irá interligar o Litoral Norte ao Vale do Paraíba.

“É uma melhoria como a assinatura da Construtora Queiroz Galvão. Um símbolo do que temos de melhor: equipe especializada, competência técnica, trabalho dedicado e comprometimento com a qualidade”, afirma Agostinho Serafini Jr., diretor-presidente da construtora.

A nova serra da Tamoios é utilizada como pista de subida, no sentido Caraguatatuba - São José dos Campos. As duas pistas já existentes ficaram desviadas para a descida da serra, no sentido litorâneo. Com isso, o motorista levará apenas uma hora e meia para chegar ao seu destino. Realizada pela Construtora Queiroz Galvão e administrada pela Concessionária Tamoios, responsável pela operação e manutenção da rodovia desde 2015, a duplicação irá oferecer, aos cerca de 60 mil usuários que trafegam por dia pela Tamoios, pistas modernas e recursos que tornam a viagem mais segura, como câmeras inteligentes que detectam perigos e novos sistemas de iluminação e comunicação.

Com 85% da construção executada dentro do Parque Estadual da Serra do Mar, a opção por túneis e viadutos foi a solução em contradição pelas equipes de engenharia para preservar ao máximo as áreas de Mata Atlântica.

VIAGEM MAIS SEGURA E CONFORTÁVEL

Rodovia dos Tamoios ganha novo trecho de serra, com pistas modernas, túneis e viadutos



“A subida da serra foi uma obra complexa de engenharia, realizada em um desnível de cerca de 800 metros, que exigiu recursos tecnológicos modernos para evitar danos ao meio ambiente”, afirma Leonardo Arima, diretor da Concessionária Tamoios.

O desnível equivale a um prédio de 26 andares e, com técnicas modernas de construção, a nova pista de subida ficou com inclinação máxima de 5%, “isso significa que a 70 ou 80 quilômetros por hora, o motorista quase não nota que está subindo uma serra, de tão suave”, afirma Arima.

Do total de 22 quilômetros da nova serra, 12,8 são percorridos em túneis e 2,6 por viadutos. A nova Tamoios tem o maior túnel rodoviário do país, com 5,5 quilômetros de extensão e, mesmo antes de ser inaugurado, já foi destaque internacional pela dimensão e complexidade da construção.

Os novos túneis contam com vários recursos. São mais de 600 câmeras, inclusive as que fazem detecção de movimento (PIV), como um carro parado ou a entrada de animal ou de pessoa a pé. As imagens são enviadas em tempo real

para o Centro de Controle Operacional (CCO), que monitora a rodovia 24 horas todos os dias da semana.

Os motoristas passam também por um viaduto de 191 metros, em curva, construído em um local de difícil acesso, com uma tecnologia inédita no país: um teleferico de cargas australianas chamado cable crane. O equipamento eleva e transporta materiais usando um cabo de aço aéreo, fixado entre duas torres de mais de 30 metros de altura. O sistema permitiu a preservação de uma área de vegetação nativa equivalente a cinco campos de futebol (veja mais sobre o teleferico nas páginas seguintes).

“Essa obra mostra que, com boa engenharia e equipes comprometidas, é possível construir e preservar”, afirma Fábio Figueiredo Silva, engenheiro da Queiroz Galvão gestor da obra da Tamoios.

Com investimento de R\$ 2,9 bilhões, a modernização da Rodovia dos Tamoios deverá reduzir custos logísticos e agilizar o escoamento de produtos, especialmente aqueles destinados ao Porto de São Sebastião. Além de promover o desenvolvimento da região, a nova Tamoios deve incrementar o turismo no Litoral Norte. A rodovia é um dos principais acessos para as praias de Caraguatatuba,

São Sebastião e Ilhabela.

“A entrega da duplicação do trecho de Serra da Rodovia dos Tamoios é um exemplo de resiliência e gestão da Construtora Queiroz Galvão, especialmente demonstrado no investimento que garantiu a segurança dos trabalhadores durante a pandemia e a continuidade da execução das obras”, afirma Mário Bianchini Júnior, diretor comercial da Queiroz Galvão.

“Em consonância com as secretarias do governo do estado de São Paulo, com a Vigilância Sanitária dos municípios do entorno, com a concessionária e a Artop (Agência de Transporte do Estado de São Paulo), a construtora implantou medidas de proteção que incluíram fornecimento de máscaras, reforço na higiene, aferição de temperatura e testagem periódica, além de distanciamento no transporte, refilatórios nas áreas de destinação”, complementa Bianchini.

MODERNIZAÇÃO

Além da construção do novo trecho, a Concessionária Tamoios modernizou as pistas já existentes, que foram iluminadas e ganharam acostamento.

A nova serra dobrou a velocidade máxima na subida, de 40 km/h para 80 km/h. “No trafegar pela nova serra, o motorista vai notar a harmonia entre o verde e o concreto”, afirma Fábio Silva. Agora a Concessionária Tamoios trabalhará obras de contornos de Caraguatatuba e São Sebastião, que foram retomadas em outubro de 2021, após acordo com o governo do Estado de São Paulo. As obras demandam investimento de R\$ 1,5 bilhão e devem gerar, no pico, cerca de 2.000 empregos.

Investimento na obra:
R\$ 2,9 bilhões

Trafégo (usuários/ano):
22 milhões

Extensão atual gerida pela concessionária:
83,9 km

Início da obra: dez/2015
Início da operação: mar/2022
Administração: Concessionária Tamoios
Empresa responsável pela obra: Construtora Queiroz Galvão

Benefícios da nova rodovia para os usuários e a região

- Aumento da segurança nas viagens
- Melhora do escoamento de carga para o Porto de São Sebastião
- Suporte para o desenvolvimento econômico da região
- Incremento do turismo no Litoral Norte

Fonte: Concessionária Tamoios



Dos 22 km da nova serra, 12,8 são percorridos em túneis

política

Sob um guarda-chuva nuclear

Sem este fator, Putin provavelmente teria sido derrotado

Demétrio Magnoli

Sociólogo, autor de "Uma Gota de Sangue: História do Pensamento racial". É doutor em geografia humana pela USP

Quando deflagrou a invasão da Ucrânia, Putin imaginava uma cavalaria triunfante das forças russas até Kiev. Seu colapso de cálculo transformou a operação de conquista numa armadura de aço de aço conduzida à sombra do arsenal nuclear da Rússia.

Sem o fator nuclear, Putin provavelmente teria experimentado uma derrota humilhante no teatro de guerra. À luz do fracasso da ofensiva inicial russa, a Otan atenderia aos apelos de Zelenskiy, impondo uma zona de restrição aérea sobre a Ucrânia.

Mísseis e aviões da aliança

destruiriam, num intervalo de dias, os sistemas de radar e os baterias antiaéreas das forças ucranianas. Na sequência, o efetivo aéreo da Otan lançaria uma campanha de patrulha dos ares, neutralizando os aviões russos. Então, ao que tudo indica, os ucranianos repetiriam, em terra, os incompetentes invasores.

Os EUA rejeitaram a ideia da zona de restrição aérea não pelo temor das forças convencionais da Rússia, que até agora não obtiveram supremacia aérea, mas para evitar o risco de uma retaliação nuclear. É perigoso demais encerrar um urso com armas nucleares.

A crise ucraniana evidencia uma inversão do paradigma clássico da dissuasão nuclear. Na Guerra Fria, a dissuasão funcionava como alavanca da segurança estratégica da Europa Ocidental diante da URSS. Hoje, serve como escudo para uma guerra de agressão desencadeada pela Rússia.

Entre 1945 e 1948, a URSS implantou regimes fantoches nos países ocupados da Europa centro-oriental. A Otan foi fundada em 1949, como ferramenta de defesa dos aliados europeus dos EUA. Segundo o consenso da época, o Exército Vermelho não tinha rival

no continente: seria capaz, em poucas semanas, de ocupar a Alemanha Ocidental.

Por isso, a dissuasão de uma hipotética invasão soviética reposava inteiramente na ameaça de retaliação nuclear americana.

O equilíbrio nuclear —isto é, a doutrina da Mútua Destruição Assegurada— garantiu a longa paz europeia da Guerra Fria. Mas, registre-se: nas últimas décadas, supunha-se que os EUA seriam os primeiros a empregar armas nucleares, pois a URSS detinha vasta superioridade militar convencional no teatro da Europa.

A tragédia ucraniana evidencia que inverte-se a antiga suposição. As forças armadas de Putin revelaram-se um fiasco. Sob uma tática combinada de corrupção, falhas de planejamento, incompetência estratégica e, principalmente, resistência das tropas em servir à guerra de conquista, a Rússia mostrou-se incapaz de derrotar um exército mais fraco, mas altamente motivado.

Depois de um mês de guerra na Ucrânia, alguém duvidaria do resultado de um confronto convencional entre as forças russas e as da Otan no teatro europeu?

O próprio Putin parece não nutrir ilusões excessivas. Significativamente, após os lançamentos da ofensiva fracassada, o chefe da Kremlinonquia que teria orientado a transição de seu aparato nuclear para um nível elevado de alerta.

A chantagem nuclear funciona. Biden, Johnson e Macron repetem sem cessar o mantra

de que a Otan não é recusa em guerra com a Rússia e recusa explicitamente o debate sobre a imposição de uma zona de restrição aérea. Mais segundo os índices disponíveis, eles selecionam o material bélico fornecido à Ucrânia de modo a evitar a hipótese de contra-ofensiva ucraniana generalizada. É preciso, acreditasse, deixar aberta uma porta honrosa de saída para Putin.

A lenta agonia das deslocações ucranianas e o maior deslocamento de população desde a Segunda Guerra Mundial —isto é, o prelo cobrado pela chantagem nuclear russa. À sombra das armas de destruição em massa, Putin reinventou a guerra de conquista territorial, algo que se imaginava uma reliquia do passado, e cometendo crimes de guerra sérios. E ainda há gente que, carente de um sentido básico de vergonha na cara, responsabiliza a Otan pela matança e o sofrimento em curso.

com. Elói Gaspari, Janio de Freitas | seis. Celso R. de Barros | tes. Joel P. da Fonseca | qua. Elói Gaspari, Conrado H. Mendes | sex. Reinaldo Azevedo, Ângela Alonso, Sílvia Almeida | sáb. Demétrio Magnoli

Aliados de Bolsonaro temem feitor eleitoral de crise no MEC

Presidente da República resiste à pressão para demitir ministro da Educação

Mariana Holanda e Julia Chubb

Em Brasília, enquanto o presidente Jair Bolsonaro (PP) diz que colocaria a cara no fogo pelo ministro da Educação, Milton Ribeiro, aliados admitem, reservadamente, que o caso é ruim para a imagem do mandatário e temem que possa acabar a campanha eleitoral. Um aliado disse à Folha que o presidente precisará tomar providências diante da avaliação de que o escândalo acabou de forma rápida.

Em outras frentes, líderes evangélicos aliados do Palácio Planalto defendem que Ribeiro se licencie enquanto as investigações estão em andamento. O pastor Silas Malafaia disse à Folha que este seria um "caminho bom". "Se ele não tem nada, volte [ao cargo]. Se tem alguma coisa, que pague o preço. Acho que não tem nenhum problema ele se licenciar enquanto se vê isso", disse.

Apesar de admitir que é grave a crise no MEC, o entorno do Bolsonaro avalia que dificuldades do ministro não devem comandar a pasta.

Uma das principais bandeiras da campanha de Bolsonaro é dizer que não houve corrupção em seu governo. Interoportunidades minimizam o caso ao colocá-lo em perspectiva com outros que consideram mais delicados, como o petróleo. Dizem, porém, que temo de acompanhar o desdobramento das acusações diariamente.



Integrantes do MST fazem protesto em frente ao MEC com barras de ouro falsas. Sérgio Louro/ABF

Há a preocupação de passar a imagem de que o Planalto reconhece eventuais irregularidades, o que, de acordo com auxiliares de Bolsonaro, ainda não está comprovado. O caso está sob apuração da PF (Polícia Federal). Além disso, o ministério da Educação conta com a confiança da família presidencial,

em especial da primeira-dama Michelle Bolsonaro.

Ribeiro ganhou sua confiança ao dar atenção a temas caros a Michelle, como projetos ligados a deficientes auditivos, segundo relatos de integrantes do governo.

Quem conversou com o ministro nos últimos dias disse não ter sentido dele nenhuma

disposição de pedir licença ou entrar em licença. Integrantes do governo não descartam, porém, que a escalada da crise aumente a pressão, sobretudo no núcleo familiar do ministro, que o leve a pedir para sair.

Alcance, avaliam integrantes do segmento evangélico, seria uma forma de dar uma

saída honrosa a Ribeiro. Eles reconhecem, porém, que a licença seria apenas um outro nome dado à demissão e que o ministro não retornaria à pasta.

Junto ao presidente, o ministro representa um importante filtro ideológico na pasta. De acordo com assessores palacianos, durante sua gestão, ele levou nome a algumas indicações de reitores com suas fichas corrompidas a Bolsonaro para analisarem juntos quem estaria de acordo com os critérios do governo.

Na festa de aniversário de Bolsonaro no Palácio do Planalto, nesta semana, depois que as suspeitas contra os pastores já havia sido revelada pela imprensa, Ribeiro fez uma oração pelo presidente da República ao microfone.

Na transmissão semanal desta semana, na quinta-feira (24), o chefe do Executivo disse que é "covardia" o que está fazendo com o ministro. "Milton, coisa rara de eu falar aqui: eu boto minha cara toda no fogo pelo Milton. Estou fazendo uma covardia contra ele", disse, durante sua live.

Essa foi a primeira vez que Bolsonaro se manifestou publicamente sobre o tema.

Em entrevistas na quarta-feira, Ribeiro disse que conversou com o mandatário logo depois que a Folha revelou o caso e que o ministro diz priorizar pedidos dos pastores Arilton Moura e Gilmar dos Santos, por solicitação de Alcance. Segundo o ministro, Bolsonaro teria dito não ter visto nada demais na gravação. Outro ponto levantado por auxiliares é que, se o ministro deixasse a pasta, poderia deflagrar uma guerra na base aliada pelo comando do ministério, em especial com aliados evangélicos.

Defensores da manutenção de Ribeiro dizem ainda que chegar ao quarto minis-

tro da Educação em um mandato seria muito desgastante. Além disso, as denúncias apresentadas pelo ministro à CGU (Controladoria-Geral da União) deram sobrevida a Milton Ribeiro.

A conclusão das investigações pelo órgão do governo, que terminaram no começo deste mês, não conta de que não houve envolvimento de agentes públicos em irregularidades, mas sim de terceiros.

Diante das novas revelações desta semana, a CGU disse em nota ter decidido reabrir as apurações. A ordem é para que a controladoria ouça todos os prefeitos que vierem a apresentar denúncias contra os pastores.

Ribeiro disse, na quarta-feira, que acionou a controladoria em agosto do ano passado.

Porém, continuou recebendo os pastores e liberando verbas por eles intermediadas. Segundo ele, orientado pela CGU, para não levantar suspeitas das investigações.

De acordo com registros da agenda oficial, o Paulo recebeu em seu gabinete ao menos três prefeitos acompanhados por Arilton —ele atua em conjunto com o pastor Gilberto Mendes.

Um desses prefeitos, Gilberto Braga (PSDB), do município de Luis Domingos (MA), disse que houve pedido de 1 kg de ouro como propina por um dos pastores para a liberação de verba. Ele disse não ter aceito a transação. A informação foi divulgada pelo site da agenda oficial. O Paulo é confirmado pela Folha.

Depois disso, houve empenho de dinheiro público e desbloqueio de ações que favorecessem esses municípios. No áudio revelado pela Folha, Ribeiro menciona pedidos de apoio que seriam supostamente direcionados para construção de igrejas —o que, posteriormente, em entrevistas, ele nega e fala em apoio simbólico.

Telegram assina compromisso contra fake news nas eleições

Marcelo Rocha

BRASIL. O Telegram aderiu ao programa de enfrentamento à desinformação nas eleições, anunciado nesta sexta-feira (15) o TSE (Tribunal Superior Eleitoral). O objetivo do programa é combater conteúdos falsos relacionados à Justiça Eleitoral, incluindo as redes eletrônicas e os atores envolvidos do pleito —ministros do TSE, por exemplo.

Outras plataformas já haviam firmado a parceria com a corte no mês passado, incluindo Twitter, TikTok, Facebook, WhatsApp, Google, Insta-

gram YouTube e Kwai. O aplicativo assinado em Dubai (Emirados Árabes), porém, vinha escapando das tentativas de contato e só apareceu após o bloqueio de funcionamento no país durante a eleição pelo ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal) na sexta-feira (18). A ordem foi revogada dois dias depois.

Moraes fez quatro determinações para a garantia do funcionamento do Telegram: necessidade de indicação do representante da empresa no Brasil (pessoa física ou jurídica); informação de todos

as providências adotadas para combater desinformação e divulgação de notícias falsas no canal; imediata exclusão de publicações no link jaibolsonaro.brasil/2022; bloqueio do canal claudiolessajornalista (Claudio Lessa, bolsonarista, é servidor da Câmara).

O advogado Alan Thomaz, nomeado representante da plataforma no Brasil como uma das providências adotadas pela empresa para reverter a suspensão, se reuniu com técnicos do TSE na última quinta-feira (24) e recebeu informações sobre o programa. Thomaz disse à corte que le-

varia a proposta aos executivos do serviço de mensagens. O Telegram é comandado pelo seu fundador, Pavel Durov.

A ferramenta se comprometeu a manter o canal em sigilo sobre as informações a que tiver acesso ou conhecimento, salvo autorização em sentido contrário.

O Telegram afirmou ainda que haverá um monitoramento manual dos 200 canais mais populares do país, diariamente. Postagens poderão ser marcadas como "imprecisas", a partir de parcerias com agências brasileiras de checagem.

O programa tem caráter administrativo e colaborativo, e não regulatório ou sancionatório, informou a corte eleitoral. A parceria entre o tribunal e o Telegram é uma das principais apostas no combate à desinformação nas eleições de outubro deste ano.

Em outra reunião, está correndo os dez dias para que Thomaz envie ao MPF (Ministério Público Federal) em São Paulo dados sobre moderação de conteúdo e combate às notícias falsas por parte do Telegram, além de investigações que os procuradores conduzem sobre o tema.

A Procuradoria afirmou que as informações solicitadas constituem dados técnicos indispensáveis à tramitação do inquérito civil sob responsabilidade do órgão e que o não atendimento à requisição pode configurar crime de desobediência.

Ao lado de outras ferramentas, como o Twitter, o Telegram, o aplicativo é alvo de um inquérito civil no MPF. Apesar de a empresa ter cumprido a decisão de Moraes e conseguido reverter o bloqueio decretado pelo magistrado, o trabalho de apuração prossegue na Procuradoria.

Obra da Tamoios usa tecnologia inédita para preservar meio ambiente

Teleférico de carga austríaco montado pela primeira vez no Brasil permitiu a construção de viaduto e túnel sem a necessidade de abrir acessos em meio à vegetação fechada

CABLE CRANE

Teleférico de carga que transporta materiais por um cabo de aço foi montado em área preservada

Capacidade de carga
20 toneladas

A torre 1 foi construída em área de difícil acesso, o que exigiu o uso de um helicóptero

O cable crane foi usado na construção do viaduto 3, em local de difícil acesso e emboque de túnel

Obra de arte especial. É assim que os engenheiros chamam as estruturas que transcendem grandes obstáculos: estas pontes e viadutos. Na construção da nova serra da Rodovia dos Tamoios, em meio a montanhas e vegetação fechada e preservada, as obras de arte especiais são 12, que somam 2,6 quilômetros e horam o nome. Executada pela construtora Queiroz Galvão, a obra do novo trecho de serra, entre Caraguatuba e São José dos Campos, usou uma tecnologia de ponta, inédita no país, que permitia a construção de um viaduto em curva, numa área de difícil acesso, coberta pela Mata Atlântica.

A novidade veio da Áustria e se chama cable crane. Trata-se de um teleférico de carga que transporta materiais e equipamentos por um cabo de aço aéreo, preso entre duas torres metálicas. Usado pela primeira vez no Brasil, o cable crane permitia a construção do viaduto e o emboque de um túnel sem a necessidade de abertura de acessos e caminhos de serviço pela mata, preservando assim uma área de 41 mil metros quadrados de floresta.

O projeto foi idealizado em parceria com a empresa austríaca LCS Cable Cranes, especializada no transporte de cargas em terrenos acidentados, com mais de 200 projetos realizados em 32 países.

"O cable crane foi tropicalizado para a Tamoios e atuou em quatro frentes: na construção do viaduto, de um túnel, na terraplenagem e no transporte de insumos, equipamentos e alimentos", afirma Fábio Figueiredo Silva,

engenheiro da Queiroz Galvão e gestor da obra da Tamoios.

O teleférico foi montado entre duas torres, com vão de 394 metros entre elas. Como uma das torres precisava ser construída em local inacessível, uma operação complexa foi estruturada. Ela contou com quatro especialistas da empresa austríaca e 25 profissionais da Queiroz Galvão, além de um helicóptero.

GRANDES TÚNEIS

Os dois maiores túneis rodoviários do país estão na serra da Tamoios

1º Tamoios

5.550 m

2º Tamoios

3.675 m

3º Rodovia dos Imigrantes

3.146 m

Com 42 metros de altura, a torre foi montada em módulos, içados e transportados com cabos presos ao helicóptero. As peças de até 3,2 toneladas eram encaixadas uma a uma, formando a torre. Foram necessárias 33 viagens do helicóptero. O projeto do cable crane foi apresentado em eventos internacionais e recebeu prêmios pela inovação e contribuição à sustentabilidade.

Enquanto o viaduto era erguido com a ajuda do teleférico, outra etapa importante da obra estava em andamento: a escavação do maior túnel rodoviário do país, com 5,5 quilômetros de extensão. A maioria de quase 1 milhão de metros cúbicos de rocha para a realização desse túnel daria para encher 360 piscinas olímpicas. Boa parte foi reutilizada na obra.

Enquanto o viaduto era erguido com a ajuda do teleférico, outra etapa importante da obra estava em andamento: a escavação do maior túnel rodoviário do país, com 5,5 quilômetros de extensão. A maioria de quase 1 milhão de metros cúbicos de rocha para a realização desse túnel daria para encher 360 piscinas olímpicas. Boa parte foi reutilizada na obra.

EQUIPAMENTOS NOS TÚNEIS

Alto-falantes	1.542
Câmeras	664
Cânculas	38
Painéis de mensagem	27
Portas corta fogo	100
Saídas de emergência	50
Semáforos	40
Telefones de emergência	266
Luminárias	7.650

Arquivo Construtora Queiroz Galvão



O teleférico de carga foi pendurado em um cabo de aço capaz de carregar máquinas pesadas como caminhões e retroscavadeiras

Capacidade de cabine
10 pessoas

A torre 2 foi erguida com a ajuda de um guindaste. Ela fica na parte mais alta do teleférico e serviu como base para o envio de materiais e equipamentos

Esse método de construção evitou a abertura de acessos e caminhos de serviço na mata, o que permitiu a preservação de área equivalente a cinco campos de futebol

O viaduto 3 foi construído em curva, numa região de difícil acesso, coberta por vegetação nativa

12,6 m

315 m

Arquivo Construtora Queiroz Galvão

Cable crane viabilizou a construção do viaduto em área de difícil acesso



CONSTRUÇÃO DOS TÚNEIS

Veja como foram feitos os túneis da serra



Uma máquina fez perfurações e drenos no fundo da escavação do túnel, em posições estratégicas

Equipes especializadas fizeram a instalação dos explosivos

Os explosivos instalados foram detonados

A explosão gerou o avanço na escavação do túnel

Boa parte do material rochoso retirado foi aproveitado na obra

No avanço foram instaladas camadas de sustentação e aplicada uma camada de concreto, o que permitiu a continuidade do processo

SISTEMA DE VENTILAÇÃO

Os túneis são equipados com um poderoso sistema de ventilação longitudinal que, em caso de incidente, inicia a operação de forma automática



Em caso de incêndio, o sistema promove a evacuação da fumaça, protegendo os usuários e equipes de atendimento e de socorro

política

Confiança nas urnas eletrônicas chega a 82%, mostra Datafolha

Taxa favorável ao atual sistema estava em 69% em 2020, segundo instituto; Bolsonaro lidera ataques às urnas

Felipe Bächtold

SÃO PAULO Subiu a confiança da população nas urnas eletrônicas usadas nas eleições no país, segundo o Datafolha. Pesquisa realizada pelo instituto entre terça (22) e quarta-feira (23) aponta que 82% dos entrevistados disseram que confiam no sistema eletrônico de votação, ante 71% que afirmam que não confiam.

No levantamento anterior, feito em dezembro de 2020, pouco depois das eleições municipais daquele ano, a taxa de confiança era de 69%, ante 29% de céticos do sistema.

O Datafolha ouviu nesta rodada 2.556 pessoas em 181 municípios de todo o país. A margem de erro máxima é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos, com nível de confiança de 95%.

Os grupos dos que apoiam as urnas eletrônicas se dividiram entre os que confiam muito (47%) e os que confiam pouco (35%). Também nesse subitem há uma alta em relação a 2020: os que confiam muito eram 50,3% naquela ocasião.

O instituto também perguntou aos entrevistados agora

se seria melhor o país voltar ao sistema de voto em papel, que vigorava até os anos 1990.

Disseram que é melhor o Brasil continuar com urnas eletrônicas 77%, e 20% defenderam a volta ao papel. No fim de 2020, o placar estava em 73% a 23%.

O apoio ao atual sistema é alto mesmo entre os eleitores do presidente Jair Bolsonaro (PL), principal crítico das urnas eletrônicas. A taxa de confiança no segmento da população restrito a eleitores de Bolsonaro é de 70%.

O presidente tem dito, sem apresentar nenhuma evidência, que venceu o pleito de 2018 no primeiro turno e que houve fraude na ocasião.

Desde o levantamento anterior do Datafolha, em 2020, ele trouxe o assunto para o topo de sua agenda de prioridades, o que foi seguido por seus apoiadores.

A militância do presidente contra as urnas eletrônicas chegou ao ponto de ele promover uma live de mais de duas horas, em julho passado, exclusivamente para levantar suspeitas sobre a confiabilidade do sistema.

Na ocasião, acompanhado de um militar da reserva identificado como "analista de inteligência", ele exibiu teorias que circulavam há anos pela internet e que já tinham sido desmentidas anteriormente.

A iniciativa de promover a live levou o presidente a se tornar investigado também no chamado inquérito das fake news, em tramitação no Supremo Tribunal Federal.

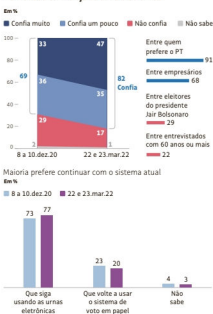
Também naquela época, sob pressão do bolsonarismo, a Câmara dos Deputados aprovou proposta para instituir o voto impresso. O projeto foi ao plenário em 10 de agosto e recebeu votos favoráveis de 229 dos 513 deputados, quantidade insuficiente para a aprovação.

Assim, o assunto se manteve nas discussões políticas e foi uma das principais pautas dos atos de rua golpista promovidos pelo presidente e por seus apoiadores no Sete de Setembro.

O debate só arrefeceu quando o próprio Bolsonaro, pressionado por aliados e desgastado pelos ataques do Supremo, baixou o tom.

"Passamos a acreditar no

Aumenta a confiança na urna eletrônica



Fonte: Pesquisa Datafolha presencial com 1.556 pessoas com 16 anos ou mais em 22 e 23 de março. A margem de erro máxima é de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

voto eletrônico", afirmou ele, em novembro.

No ocasião, o presidente citou a participação das Forças Armadas em comissão do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) sobre a segurança e transparência do sistema. A iniciativa de indicar um militar para o grupo foi do ministro Luis Roberto Barroso, então presidente da corte eleitoral e um dos principais

alvos de Bolsonaro.

Apesar do recuo no discurso, o presidente continuou fazendo ataques às urnas. Em live de fim de ano, disse, novamente sem apresentar provas, que no pleito de 2018, quando o eleitor apertava o seu número de candidato à época, aparecia na tela a imagem do ex-presidente Lula (PT), que nem mais concorria.

Neste ano, afirmou que os

militares da comissão no TSE apontaram falhas no sistema — mas eles apenas haviam pedido informações e esclarecimentos.

No meio político, há receio de que Bolsonaro ou seus apoiadores usem a suposta falta de confiabilidade do sistema de votação eletrônico como pretexto para não reconhecer eventual derrota eleitoral em outubro.

O temor é de uma repetição da situação vivida nos Estados Unidos entre 2020 e 2021, quando eleitores do então presidente Donald Trump, derrotado na votação, causaram tumultos e invadiram o Congresso em protesto.

No ano passado, Bolsonaro chegou a ameaçar a não realização da eleição.

Como era de se esperar, a taxa de confiança nas urnas eletrônicas avança entre quem não declara voto em Bolsonaro no Datafolha. Quando os entrevistados são apenas eleitores do ex-presidente Lula, 84% dizem confiar nas urnas eletrônicas — na população em geral são 82%.

Entre os eleitores do presidente, o percentual que defende a volta do voto em papel pula para 40% — são 20% na totalidade do levantamento.

Considerando apenas quem afirma que votará no ex-lula Sérgio Moro (Podemos), 86% preferem que o país continue usando urnas eletrônicas. O apoio ao atual sistema é maior entre quem votou há anos.

No recorte regional, a confiança é maior no Nordeste (86%) do que no Sudeste (79%). Na faixa da população com renda familiar mensal de cinco a dez salários mínimos, o índice recua para 78%.

Divididos, evangélicos firmam-se como pote de ouro eleitoral

ANÁLISE

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO A nova pesquisa Datafolha traz boas notícias para a turma de Jair Bolsonaro (PL), que recuperou alguns pontos perdidos e voltou a sonhar com os quites de uma posse presidencial. Já entre eleitores evangélicos, foi o eleitorado que ele faz de tudo para agradar, o presidente ainda passa longe daquela arrebatedora dianteira que coronou sua vitória em 2018.

É verdade que, nesse nicho específico, Bolsonaro agora aparece numericamente na frente num eventual segundo turno com seu principal antagonista, Lula (PT): tem 46% das intenções de voto contra 43%. Mas tudo dentro do empate técnico.

No último levantamento, de dezembro, era o petista quem tinha 46%, e o atual mandatário, 44%. A margem de erro da atual sondagem, considerando apenas esse recorte evangélico, é de quatro pontos percentuais.

Nas projeções para o primeiro turno, atual (37%) na 38%, a depender dos nomes apresentados) e ex-presidente (34%) também estão embodados nesse segmento.

Baseando-se apenas em 2.556 eleitores em 181 cidades, nesta terça (22) e quarta-feira (23), numa porção amostral em que 26% se declararam evangélicos. As entrevistas, portanto, coincidiram com a revelação do escândalo no MEC (Ministério da Educação) envolvendo dois pastores.

Enquanto os pontos pouco se mexem nesse quadrante eleitoral, o mesmo não se pode dizer dos dois maiores adversários deste pleito.

Bolsonaro continua não medindo esforços para paricar uma das bases que lhe é mais fiel. No 8 de março, encenou uma saída do Palácio da Alvorada de forma espetacular. Lá diria à nação para o lado que os senhores assim o desajarem.



O presidente Jair Bolsonaro participa de encontro com lideranças evangélicas no Palácio da Alvorada

Pedro Ladeira - Rm222/Folhapress

[...]

É bom lembrar também que essa parcela populacional não é um monólito e, mesmo concordando com algumas considerações conservadoras de megapastores bolsonaristas, não necessariamente vai fechar com um presidente que, na ponta do lápis, a deixou numa situação social mais vulnerável

Os números, contudo, mostram que o apoio nesse nicho religioso é menos superlativo do que seus aliados alardeiam.

Pastores em sua órbita rebaixam pesquisas sérias a pinóques esquerdistas e insistem, sem nenhum medidor científico, que o presidente tem ao seu lado a maioria esmagadora do eleitorado evangélico. Não é verdade, ou ele ganharia de lavada de Lula, ao menos nesse público.

E por que Bolsonaro não consegue avançar justo no eleitorado que tanto corteja? Há algumas hipóteses, como a de crise econômica que, de mãos dadas com a sanitária, atinge em cheio as classes mais baixas, de forte composição evangélica.

E bom lembrar também que essa parcela populacional não é um monólito e, mesmo concordando com algumas considerações conservadoras de

megapastores bolsonaristas, não necessariamente vai fechar com um presidente que, na ponta do lápis, a deixou numa situação social mais vulnerável.

Na jagalar foi Paulo Marcelo, pastor pentecostal que se juntou à campanha petista, ao explorar esse flanco econômico em entrevista à Folha. "A pergunta é muito simples: o que há na sua vida melhor? Quanto na sua igreja tinha de receita, na época de Lula e Dilma, e quanto tem de receita hoje?"

Mas e o PT, hein? A trupe lulista argumenta que há mais coisas entre o Palácio do Planalto e o mundo evangélico do que supõe nisso via cartografia ideológica. Reforça que o segmento é plural e, se resgatado da máquina de ódio bolsonarista, vai entender que o partido não é esse diabo que o outro lado gosta.

Petistas também inclui-

ve de lembrar que, se Lula fosse tão ruim assim, pastores como Edir Macedo, Silas Malafaia e a família Ferreira (da Assembleia de Deus Maracanã) não teriam se afeiçoado a ele em 2022.

Só que os gestos a evangélicos que a legenda fez até agora não lhe deram grande vantagem sobre um governo que, bem ou mal, está fragilizado diante de um Brasil com alta de preços e um saldo de mortes-pandêmicas que pode chegar a 750 mil até a eleição.

E tudo bem que igrejas pequenas formam o esteio evangélico, hiper-horizontalizado e com as mais variadas demandas locais, nem sempre eleitoralmente guiadas pelas grandes brigas morais comandadas pela bancada evangélica.

Mas é complicado esboçar o poder de persuasão dos líderes de projeção nacional, que comandam impérios re-

ligiosos (como a Igreja Universal, que sem descaçar do PT nos editoriais de seu jornal) ou movimentam redes sociais e inspiram pastores menores, que por sua vez podem influenciar seus fiéis.

Levantamento feito em 2022 pela startup Behup revela que Cláudio Duarte, um pastor que prega sobre sexo como se fosse um comediante de stand-up, é o religioso mais admirado por evangélicos, mais até do que Malafaia (terceiro lugar), outra potente base local. Os dois, entusiasmados nada tímidos de Bolsonaro, agem como influenciadores em seu meio, alcançando várias denominações.

Aliados sustentam publicamente que Lula optará por falar diretamente com o fiel evangélico na ponta, mais nos bastidores tercem pelo rearranjo com alguma igreja maior que já respaldou o PT no passado.

Até porque, na avaliação interna, o partido compreende que não dá para agarrar-se apenas a um punhado de pastores progressistas com alguma força midiática, mas sem inserção maior nas bases, que servem mais para diluir um ranço contra certos ainda punge em setores da esquerda (o mérito do que os pastores tercem Lula às igrejas (o objetivo).

Pesquisas, vale lembrar, são retratos eleitorais que podem se desbotar rápido e mesmo revelar apostas incorréncias ao eleitorado. No atual Datafolha, Lula é citado por 48% dos evangélicos como candidato que não votariam de jeito nenhum no primeiro turno — Bolsonaro é o segundo mais mal colocado, com 43%.

Já na sondagem de dezembro, 43% desse grupo cristão revelaram apoio ao atual presidente. Mas a história do Brasil, segundo 94% preferem o atual mandatário.

Esse cabalo de guerra eleitoral continua sem vencer (obviamente, mas a religião aliada será muito esticada até a abertura das urnas em outubro.

Pessoas fazem a diferença em grandes obras

No pico da construção, a Nova Tamoios contou com mais de 2.500 profissionais, recrutados, em sua maioria, na região e treinados até para conhecer espécies de plantas nativas

A obra de duplicação da serra da Rodovia dos Tamoios contou com mais de 2.500 trabalhadores, entre funcionários diretos da construtora Queiroz Galvão e da Concessionária Tamoios, e indiretos, ligados às prestadoras de serviços.

Grande parte dos colaboradores foi recrutada na região e treinada em diversas funções específicas da obra. O que chamou os olhos do Parque Estadual da Serra do Mar recebeu treinamento dos monitores ambientais do parque sobre a importância de preservar e até para conhecer as espécies de plantas nativas da região.

"Grande e desafiadora, a duplicação foi uma 'faculdade' de engenharia a céu aberto, com aulas em estruturas, geologia, meio ambiente e gestão de pessoas. Todos os que por ali passaram saíram melhores do que entraram", afirma Bertonio Araújo Cavalcanti, diretor de Engenharia da Construtora Queiroz Galvão.

A complexa engenharia da Tamoios contou com profissionais como o Bota Fora, apelido do mestre de túneis Anderson Pereira, 47 anos, um especialista em perfuração e construção de túneis que chegou à obra no seu início, em 2012.

Itailano de Paulo Afonso, Bota Fora levou para a Tamoios sua experiência de 27 anos com perfuração de túneis, como os do metrô do Rio de Janeiro, onde trabalhou. Mas a obra não se deu com uma rotina bem diferente. "Na escavação do túnel 1, de 2,9 quilômetros, logo vimos que o material era diferente, com rochas bem nos primeiros metros, e depois muita água e lama", conta. "O desafio aqui passou pelos túneis da Tamoios não imaginava as dificuldades que enfrentamos nessa construção".

Em uma atividade como essa, riscos não faltam. Mas com os rígidos protocolos da construtora Queiroz Galvão e a gestão focada em acidente zero de Fábio Silva, Bota Fora ainda se surpreende por ter passado quase cinco anos na obra sem nenhuma acidente. "Nunca vi isso na minha carreira. Todos alcançaram a ideia de acidente zero e a gente conseguiu. Foi um grande diferencial", afirma.

Além da segurança e dos treinamentos para a preservação da vegetação nativa, o que mais impressionou também mestre de túneis Fernando Medeiros, capitão de 42 anos que trabalha na Queiroz Galvão desde 2001, foi a topografia da região. Medeiros lembra que durante a montagem do telêmetro de curvas cable-crane, o arvoredo era feito por escadas. Os trabalhadores precisavam vencer mais de 500 degraus na mata. "Isso foi bem no início da obra. Depois, passaram a fazer montadas e com o funcionamento do cable crane tudo melhorou", diz. Medeiros começou a trabalhar na Queiroz Galvão como ajudante de produção e foi crescendo na carreira até chegar a mestre de túneis. "As oportunidades aparecem e eu ia aprendendo com as

pessoas e crescendo na empresa", afirma. Hoje de estudo Engenharia de Produção, mora em Caraguatatuba e gosta do que chama de "vida do trecho", por estar sempre em pontos diferentes de uma obra.

ATENDIMENTO AO USUÁRIO
Na retaguarda da Rodovia dos Tamoios, mas também envolvido

EQUIPES ESPECIALIZADAS E COMPROMETIDAS

Obra da Rodovia dos Tamoios contou com mais de 2.500 colaboradores

NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS NO PICO DA OBRA



Programa de Capacitação: 850 colaboradores promovidos

Programa Jovem Aprendiz: 164 passaram pela obra e 24 foram contratados

Aulas a céu aberto: 1.500 alunos e professores universitários visitaram as obras

PREOCUPAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE
Concessionária Tamoios criou programas para preservação da vegetação e dos animais, reutilização e reciclagem de materiais

Centro de Reabilitação de Animais Silvestres (Craa): parceria com a Univap para receber animais resgatados na rodovia e em outras áreas da região

Animais enviados aos Craa: 7144, sendo 168 provenientes da Tamoios

Projeto Tamoios de Plantio: parceria com ONG para o plantio de 450 mil árvores e a recuperação de rios e nascentes

Projeto de compensação ambiental: no Estado de São Paulo

Parque Estadual da Serra do Mar: parceria permitiu o treinamento de colaboradores diretos e terceirizados que atuaram dentro do parque

Passagens de fauna na rodovia: 14 (2 vias e 12 subterrâneas)

Reuso de água: 382.438 m³

Reuso de material escavado: 1.343.299,24 m³ (acumulado)

Reciclagem: 271 toneladas de materiais (acumulado de 2021)

Serraria: 808 m³ de madeira aproveitada

Fonte: Concessionária Tamoios e Construtora Queiroz Galvão

com os deslocamentos das obras do trecho de serra, está Eduardo Lossavaro, 33 anos, supervisor de operações do Centro de Controle Operacional (CCO).

Formado em logística, Lossavaro começou na Concessionária Tamoios em 2015, como atendente dos usuários da rodovia que precisavam de ajuda. Logo foi promovido e não parou mais. Hoje seu maior desafio é estruturar e liderar as equipes de atendimento aos usuários. "Pelo contrato de concessão, 90% dos resgates precisam ser feitos em até 30 minutos. Mas temos equipes muito rápidas, que chegam em 5 ou 6 minutos, o que faz com que os usuários se sintam seguros", afirma.

Os ocorrências não são poucas. Em fevereiro, foram quase 1.000, entre resgates, remoções e problemas mecânicos. Mas com a entrada em operação do novo trecho de serra da Tamoios, a segurança para o usuário deve aumentar. "A serra antiga era um ponto crítico de acidentes. Com a duplicação, isso vai diminuir. Câmbio frontal, por exemplo, só vai mais acontecer", afirma Lossavaro.

Concessionária investe em ações de preservação

Com a maior parte da obra dentro do Parque Estadual da Serra do Mar, a necessidade de preservar passou a ser uma das prioridades desde a concepção do projeto. Foram realizados levantamentos geológicos, estudos de fauna e flora, treinamentos dos colaboradores por monitores ambientais e projetos para a construção de passagens para os animais até o plantio de 450 mil árvores.

"Como engenheiro, aprendi muito com essa obra, mas os desafios que tivemos para preservar o meio ambiente serviram como uma universidade. É incrível o que foi feito com o mínimo de impacto no meio ambiente", diz Leonardo Arima, diretor da Concessionária Tamoios.

Uma das ações da concessionária foi a parceria com a Universidade do Vale do Paraíba (Univap) para a criação do Centro de Reabilitação de Animais Silvestres (Craa). O objetivo era ter um local de acolhimento para os animais resgatados na rodovia e na obra, onde pudessem ser tratados, quando possível, e reintegrados à natureza. "O Estado de São Paulo é carente de centros desse tipo e hoje temos mais um", diz Arima, da comunidade da região", afirma Arima.

Além dos projetos ligados diretamente à sustentabilidade, a obra da Tamoios criou formas de reutilizar material proveniente das escavações dos túneis, que se transformaram em concreto para a própria obra. Boa parte da água retirada dos túneis também foi reutilizada.

TAMOIOS



Aponte a câmera do celular para ver mais fotos e vídeos da duplicação da Tamoios



“As pessoas são as peças fundamentais. Não adianta só ter equipamentos de última geração, é preciso ter gente motivada para enfrentar um desafio desse tamanho”

Fábio Figueiredo Silva, gestor da obra da Tamoios



Mestre de túneis Anderson Pereira (Bota Fora), em frente ao túnel 1, no km 65 da Tamoios



Eduardo Lossavaro, supervisor de operações do CCO da Rodovia dos Tamoios, e equipe

política

Disputa atuliza cenários dos antistas petismo e bolsonarismo

Pesquisa Datafolha mostra rejeição firme a Jair Bolsonaro e primeiros desafios para a candidatura de Lula

ANÁLISE

Bruno Boghossian

BRASIL Os anos no poder levaram Jair Bolsonaro (PL) a atravessar uma fronteira perigosa no mundo da política: a marca dos 50% de rejeição. Em 2018, o capitão conseguiu se eleger porque foi capaz de conter o repúdio da maioria do eleitorado, enquanto surfava num sentimento de oposição ao PT. Agora, ele entra na campanha à reeleição em desvantagem.

O cenário não era exatamente confortável para Bolsonaro há quatro anos. Seus índices de rejeição subiram cedo, mas ele segurou esses números e chegou à véspera do segundo turno com a oposição de 45% dos eleitores.

A nova pesquisa do Datafolha mostra que 55% dos entrevistados acreditam que Bolsonaro não merece um novo mandato.

O movimento desses pontos será um fator determinante da próxima eleição. O cenário de uma disputa concentrada entre Bolsonaro e o ex-presidente Lula (PT) indica que a rejeição a um dos lados favorecerá o outro.

A pouco mais de seis meses da disputa, a conexão entre voto e rejeição é quase tão intensa quanto a correspondência identificada às vésperas da eleição de 2018.

De acordo com os números atuais do Datafolha, 66% dos entrevistados que rejeitam Lula declaram apoio a Bolsonaro no primeiro turno. Entre aqueles que rejeitam o atual presidente, 68% votam no petista.

Em 2018, Bolsonaro recebia o voto de 65% daqueles que rejeitavam a candidatura de Fernando Haddad (PT). A força no sentido contrário era menor: 43% de quem rejeitava o capitão votava no petista — o que pode ser explicado pelo fato de que, naquele momento, Bolsonaro ainda não era uma força política sólida.

A polarização da disputa de 2022 atualiza esse quadro. O antibolsonarismo se cristalizou como uma força relevante da campanha. Já o antipetismo refletiu ao longo dos últimos anos, sob a liderança de Lula, mas começa a dar as caras.

Lula é hoje o candidato com a segunda maior taxa de rejeição: 37% dos eleitores dizem que não votam

nele de jeito nenhum.

O petista está bem distante de Bolsonaro nesse quesito, mas os números apontam para alguns desafios em sua campanha — especialmente porque cada variação para cima beneficia diretamente o atual presidente.

A esta altura, há sinais de uma resistência à candidatura de Lula em segmentos que têm ampliado sua adesão a Bolsonaro. Em alguns deles, o petista margeia aquele patamar de risco dos 50%.

Eleitores com renda intermediária (de dois a cinco salários mínimos por mês) dão a Lula uma rejeição de 48% no primeiro turno — mesmo índice registrado por Bolsonaro. Esse grupo representa um terço da população e é um dos potenciais motores da recuperação do presidente neste início de ano.

Outros focos de rejeição ao petista são pouco surpreendentes: 46% entre os eleitores com ensino superior completo, 45% na região do Sul, 45% entre eleitores que se declaram brancos e 48% no segmento evangélico.

Segundo a lógica da polarização, Bolsonaro conseguirá seus menores índices negativos em alguns desses segmentos: 43% dos evangélicos se recusam a votar nele, assim como 46% dos eleitores do Sul.

Um de seus pontos fracos está na fiação do eleitorado com ensino superior completo — que foi um grupo importante para a vitória há quatro anos. Atualmente, 57% dos eleitores dessa categoria dizem que não votam em Bolsonaro de jeito nenhum.

Esses antigos territórios bolsonaristas devem ser os principais alvos de sua campanha, numa expectativa de reverter a rejeição ao governo e, por consequência, a rejeição à candidatura do presidente da República.

Em outros segmentos, uma reviravolta parece quase impossível. No Nordeste, por exemplo, 62% dos entrevistados se recusam a votar em Bolsonaro.

O petista sabe que não deve ganhar a disputa na região, mas um repúdio em massa amplia a vantagem de Lula e dificulta a tarefa de compensar essa diferença em outras regiões.

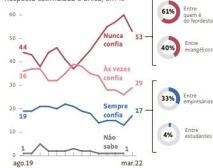
Um obstáculo complementar aparece na fiação de eleitores de baixa renda: 66% dos entrevistados desse segmento rejeitam Bolsonaro — que deve usar a máquina do governo e programas como o Auxílio Brasil para amenizar os números.

Quando a campanha esquentar, reduzir o nível de rejeição se tornará uma tarefa urgente para Bolsonaro. Ele precisa ficar abaixo do limite de 50% para selivar do carimbo de inelegível.

No caso do ex-presidente Lula, os números da rejeição aparecem diretamente ligados aos esforços do PT para construir uma chapa ampla. O objetivo da sigla é estancar o antipetismo, agarrar um punhado de eleitores arrendados de Bolsonaro e evitar uma onda a favor do atual presidente.

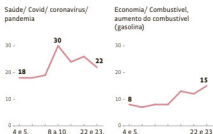
53% dizem nunca confiar em Bolsonaro

Resposta estimulada e única, em %



Saúde é o principal problema apontado pelos brasileiros

Resposta estimulada e única, em %



Desemprego



Inflação



Educação



Corrupção / roubo / roubar / desonestidade



Violência / segurança / polícia



Social (Desigualdade social / má distribuição de renda)



Salário



Administração / má administração / falta de administração / governabilidade / falta de gestão



Presidente / Bolsonaro



Acreditam que piorou



Acreditam que melhorou



Diminui desconfiança no que Bolsonaro fala, mas 82% ainda duvidam dele

Joelmir Tavares

SÃO PAULO A parcela de brasileiros que dizem nunca confiar nas declarações do presidente Jair Bolsonaro (PL) caiu na comparação entre a pesquisa do Datafolha de dezembro e o levantamento feito pelo instituto nesta semana. O percentual diminuiu de 66%, recorde na gestão, para 53%. Já o índice dos que responderam acreditar sempre no que o mandatário fala é de 17% hoje, ante 13% na sondagem anterior. Os que dizem crer nele só se vieram a 26% agora, ante 26% no último mês de 2021. Somando os que desconfiam total ou parcialmente das declarações, o total chega a 82%.

A pesquisa foi feita com 2.556 eleitores com 16 anos ou mais em 181 cidades de todo o país, na terça (22) e quarta (23). A margem de erro de dois pontos percentuais, para mais ou menos. O levantamento está registrado no TSE sob o número BR-08967/2022.

A reatuação da pesquisa na credibilidade de Bolsonaro acompanha a queda na aprovação ao desempenho do governo, que foi de 52% para 46% de dezembro para cá.

A queda no percentual de entrevistados que nunca confiam nas declarações interrompe uma sequência de alta nesse quesito que se arrastava desde dezembro de 2020. Naquele mês, o índice era de 37%, segundo a série histórica do Datafolha, que registrou elevação nas seis semanas seguintes.

De forma geral, a credibilidade de Bolsonaro na pesquisa reflete a simpatia de parcela que compõem seu eleitorado, com taxas superiores de confiança entre homens, pessoas na faixa acima dos 45 anos de idade e aqueles que ganharam mais de cinco salários mínimos.

Os percentuais de confiança também são mais elevados no Sul do país, onde o presidente tem ampla aprovação, os que nunca acreditam nele são 44%, ante 66% no Nordeste, justamente a área geográfica onde ele é mais rejeitado.

Já os sulistas que acreditam sempre nele são 23%. Embora tenha base considerável no meio evangélico, dentro desse grupo a taxa dos que nunca confiam no presidente (26%) é superior à dos que fazem isso sempre (25%) e a dos que só creem às vezes (34%).

No recorte por ocupação, mais empresários (21%) acreditam sempre no mandatário do que assalariados (8%), funcionários públicos (23%) e aposentados (26%). A menor taxa é entre estudantes (4%).

No cruzamento com as intenções de voto, os dados do instituto mostram o esperado: os mais confiantes nas palavras de Bolsonaro são seus eleitores. Entre os que pretendem votar nele, a taxa dos

que acreditam sempre bate 58%; já entre quem prefere Lula o percentual é de misérrimo 2%.

Nas mesmas condições de confiança plena nas falas do presidente chega a 6% entre os entrevistados que avaliam seu governo como ótimo ou bom e despenca para 1% entre aqueles que consideram a gestão ruim ou péssima.

As respostas são colhidas espontaneamente nesse questionamento (sem que opções sejam apresentadas ao entrevistado). No item saúde, também estão englobados termos próximos, como "Covid" e "pandemia".

Esta rodada da pesquisa também confirma a consolidação de temas econômicos no alto do ranking.

Economia, item que também abarca medidas à situação dos combustíveis, foi citada como maior preocupação para 15%, seguida por desemprego (12%) e inflação (10%).

Na pesquisa feita no fim de 2019, a inflação nem sequer havia pontuado.

Entre outros temas, também há destaque para a questão da educação, mencionada por 9% dos entrevistados. Ainda na seara econômica, há na lista 6% de citações ao problema da fome/miséria. No subitem de segurança, também há destaque para a questão da educação, mencionada por 9% dos entrevistados. Ainda na seara econômica, há na lista 6% de citações ao problema da fome/miséria. No subitem de segurança, também há destaque para a questão da educação, mencionada por 9% dos entrevistados.

A questão da corrupção, citada por 5% dos entrevistados. No topo do ranking, o assunto chegou a liderar o ranking.

A violência/segurança foi mencionada agora por 3%. As respostas espontâneas dos entrevistados incluem ainda itens como o salário (1%), o Suprimento Tributário Federal (1%) e o presidente Bolsonaro (1%).

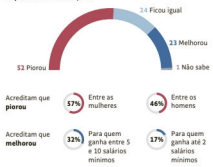
O Datafolha também questionou os eleitores se viam a imagem que o Brasil passa para o resto do mundo.

Disseram que ela piorou desde o início da gestão Bolsonaro 52% dos entrevistados. Para 26% a imagem do país ficou igual, e 23% entendeu que ela melhorou. Não soube responder 1%.

Os mais ricos e mais escolarizados estão mais pessimistas com a imagem do Brasil.

Maioria acha que a imagem do Brasil piorou no exterior

Resposta estimulada e única, em %



Acreditam que piorou

Acreditam que melhorou

... A nova pesquisa do Datafolha mostra que 55% dos entrevistados acreditam que Bolsonaro não merece um novo mandato. O movimento desses pontos será um fator determinante da próxima eleição

* Pesquisa realizada em dez cidades. Fonte: Pesquisa Datafolha presencial com 2.556 pessoas com 16 anos ou mais em 22 e 23 de março. A margem de erro máxima é de dois pontos percentuais para mais ou para menos. A pesquisa está registrada no TSE: BR-08967/2022

LANÇAMENTO

AMARO

UMA VIDA TRANQUILA EM PRIMEIRO LUGAR

**VENHA FAZER
PARTE DE UM
EMPREENDIMENTO
QUE REUNE
PRATICIDADE E
TRANQUILIDADE EM
UM SO LUGAR.**

**APTOS. DE
2 E 3 DORMS.
(COM SUÍTE)
LAZER
COMPLETO**

Entre em nosso Grupo no Telegram: [@BRASILCENSAIS](#)

Perspectiva ilustrada da futura obra

APROVEITE CONDIÇÕES ESPECIAIS



**PLANTAS MODERNAS
COM CÔMODOS BEM
DISTRIBUÍDOS E AMPLOS**



**ALAMEDA AMARO: UMA CALÇADA
ARBORIZADA, COM PASSEIO
E INTEGRADA AO BAIRRO**



**LAZER COM PISCINA,
CHURRASQUEIRA, FITNESS
E MUITO MAIS**

Visite os **2 decorados** neste fim de semana
na **Rua Albino Boldasso Gabriel, 119 - Santo Amaro**



Digite no Waze
Condomínio Amaro
Telefone: 11 3181-6070

Acesse tegraincorporadora.com.br/amaro para saber mais.

INTERMEDIACÕES:

TEGRA
Vendas

Lopes

REALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO:

TEGRA
INCORPORADORA

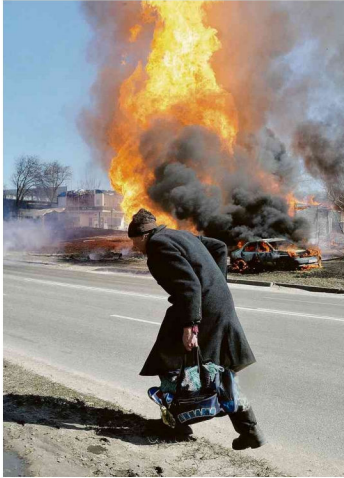
LANÇAMENTO "CONDOMÍNIO AMARO" incorporadora responsável TEGRA-79 EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS LTDA, pessoa jurídica de direito privado, com sede no Município de São Paulo, Estado de São Paulo, na Avenida das Nações Unidas, nº 14.201, Ala B, 14º andar, Condomínio Wtome Mourão, Via Gertrudes, CEP 04784-000, inscrita no CNPJ nº 33.575.007/0001-38. Projeto arquitetônico: LE Arquitetos. Projeto paisagístico: Neusa Nóbilo Arquitetura Paisagística. Projeto de arquitetura de interiores: Carol Alinari Arquitetos. Memorial de implantação registrado sob o nº 18.53 e plano de arborização sob o nº 18.53, ambos inscritos de 19/03/2022, no Livro nº 415, fls. 171 do Livro de Registro de Imóveis de São Paulo/SP. As informações constantes no memorial de implantação e no futuro instrumento de compra e venda poderão sofrer alterações sem prejuízo da validade dos documentos. Todas as imagens e perspectivas são meramente ilustrativas. As finalidades das cores, formas e texturas podem sofrer alterações. Os acabamentos, quantidade de móveis, equipamentos e utensílios serão entregues conforme o material descritivo do empreendimento e projeto de decoração. Os móveis e utensílios são sugestões de decoração com denominações comerciais e não fazem parte do contrato de aquisição da unidade. As medidas dos apartamentos são internas e de face à face. A regulação responde à medição baseada, conforme o artigo 85, II, do Regulamento de medição e verificação de área, com o projeto paisagístico, podendo apresentar diferenças de tamanho e porte. Outras informações estarão à disposição no futuro plano de vendas. Este material é preliminar e está sujeito a alterações sem aviso prévio. Intermeciações: LPS São Paulo Consultoria de Imóveis Ltda., Cnpj: 24.073-J, Tegra Vendas, Cnpj: 2-28.638.

mundo guerra na ucrânia

Alexander Ermochenko/Reuters



A esq., moradores de Mariupol sentam em praça próxima a prédios destruídos; à dir., idoso passa ao lado de posto de gasolina em chamas em meio a ataques russos em Kharkiv



Ucrânia avança para retomar regiões perto de Kiev e tentar afastar russos

Londres fala em mudança no ímpeto da guerra, enquanto Moscou diz que diz que 'cumprir 1ª fase'

Ucrânia | **REUTERS** As tropas da Ucrânia estão recuperando cidades a leste de Kiev, e as da Rússia, que tentavam tomar a capital, recuando. As informações constam em um relatório dos serviços de inteligência do Reino Unido divulgado nesta sexta (25) e são uma das indicações mais fortes de uma mudança no ímpeto da guerra em curso.

Durante 30 dias de conflito até aqui, as tropas russas não conseguiram capturar as grandes cidades do país. A ofensiva que o Ocidente dizia acreditar com objetivo de derrubar o presidente Volodimir Zelenski foi interrompida em Kiev, e a Rússia está bombardeando e sitiando alvos estratégicos como Mariupol, que ficou quase toda destruída depois de três semanas de ataques.

A leitura do cenário militar feita pelo Kremlin, porém, é diferente. O Ministério da Defesa russo disse que 'cumprir quase toda a primeira fase da guerra' e que, agora, concentrará esforços na 'libertação' do Donbass. De acordo com a pasta, os separatistas apoiados por Moscou no leste da Ucrânia já teriam tomado o controle de 98% do território de Lugansk e de 54% do de Donetsk — as duas autoproclamadas repúblicas foram reconhecidas por Putin dias antes da guerra.

Segundo o Ministério da Defesa da Ucrânia, um corredor ligando Mariupol até a Crimeia, anexada pela Rússia em 2014, e os territórios separatistas no leste, foi parcialmente criado por tropas russas nesta sexta. Os detalhes ainda não estão claros, mas, caso confirmado, o movimento representaria uma importante conquista para Moscou. Enquanto autoridades se-

guem tentando esvaziar a cidade portuária, a prefeitura de Mariupol afirmou que o número de mortos em um teatro bombardeado no último dia 16 pode chegar a 300. A informação foi dada com base em comentários de testemunhas do incidente. De acordo com as Nações Unidas, há relatos de que covas coletivas já começaram a ser escava-

das pela cidade — uma delas com pelo menos 200 corpos. Ainda segundo o Reino Unido, os contra-ataques ucranianos e o aparente recuo dos russos têm permitido que a Ucrânia recupere cidades e posições a leste da capital. Volodimir Borisenko, prefeito de Borsipol, onde fica o principal aeroporto de Kiev, disse que mais de 20 mil civis deixaram

“As democracias e os nossos valores vão prevalecer ou serão as autocracias?”

Joe Biden presidente dos EUA, a militares americanos na Polónia

a área em resposta a um pedido de retirada para que as tropas ucranianas pudessem forçar o recuo dos russos.

Ná quinta (24), de acordo com Borisenko, as forças da Ucrânia retomaram o controle de uma região entre Borsipol e Brovart e avançaram, mas pararam para evitar o perigo que a ação representaria a civis.

Em outra frente, a noroeste de Kiev, os embates ocorrem em meio a ruínas deixadas pelos combates das últimas semanas. Em Irpin, Bucha e Hostomel, tropas ucranianas tentam cercar as russas.

A nordeste da capital, a missão é frear o avanço russo a partir de Tcherniv, que está cercada. 'A cidade foi condicionalmente e operacionalmente sitiada', disse Viacheslav Tchuas, governador local, acrescentando que a área estava sob ataques de artilharia e de aviões de guerra.

Horas depois, a vice-primeira-ministra da Ucrânia, Irina Vereschuk, disse que espera chegar a um acordo com Moscou para criar um corredor humanitário em Tcherniv já neste sábado (26). A negociação esbarra, porém, em condições que ela descreve como desafiadoras, referindo-se à proposta russa de retirar os civis para territórios sob domínio de Moscou.

Ataques foram registrados também em Vinnytsia, no centro-oeste, onde o Ministério da Defesa informou que tropas russas haviam disparado seis mísseis de cruzeiro contra o comando da Força Aérea ucraniana. Ainda segundo o órgão, alguns dos mísseis foram interceptados, mas os demais 'atingiram vários prédios, causando danos significativos à infraestrutura' — não há relatos de vítimas.

Em Kharkiv, segunda maior cidade da Ucrânia, alvo de bombardeios desde os primeiros dias da guerra, as autoridades locais disseram que ao menos quatro pessoas morreram após um ataque contra um centro de distribuição de ajuda humanitária.

Enquanto isso, o saldo de vítimas civis da guerra chegou a 1.081, de acordo com o escritório de direitos humanos das Nações Unidas, que reconhece de antemão a subnotificação da cifra. Como se tornou difícil acessar cidades sob intenso bombardeio, caso de Mariupol e Sumi, acredita-se que os números sejam consideravelmente maiores. Ao menos 1.707 civis também ficaram feridos desde o início do conflito.

Cresce, ainda, o número de refugiados. Mais de 3,7 milhões de pessoas cruzaram as fronteiras da Ucrânia para países vizinhos tentando escapar do conflito. A Polónia se que com principal destino — já recebeu 2,2 milhões de pessoas —, e foi para lá que o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, viajou nesta sexta.

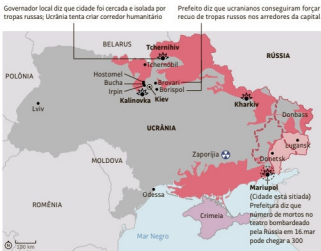
Americano, que está na Europa para uma série de reuniões que criariam expectativas altas sobre o rumo da guerra, se encontrou com membros da 82ª Divisão Aerotransportada do Exército dos EUA, baseada na área do aeroporto de Rzeszow com parte da proteção da Otan no flanco leste da aliança, nas portas da Ucrânia.

Ali, o presidente americano mandou residentes para a Rússia. 'As democracias e os nossos valores vão prevalecer ou serão as autocracias?', questionou aos militares, em referência ao regime de Putin. Biden esteve ainda com o presidente polonês, Andrzej Duda.

Antes de embarcar para a Polónia, em Bruxelas o americano se reuniu com outros líderes do Ocidente. 'Vamos demorar algum tempo para ajustar as redes de suprimento de gás e a infraestrutura que nós construímos na última década', afirmou ainda, antes da viagem, em referência à dependência de muitos países europeus do gás natural e do petróleo russos.

30º dia de incursões da Rússia sobre a Ucrânia

- Reivindicado por separatistas, mas sob domínio ucraniano
- Sob domínio dos separatistas e agora reconhecidas por Moscou
- Ocupado por tropas russas
- Ataques relatados
- Anexada pela Rússia em 2014
- Maior usina nuclear da Europa



Fontes: Graphic News e The New York Times

Conflito é o mais mortal para Moscou desde a Segunda Guerra

Kremlin reconhece proporção de mortos e feridos semelhante à do embate mundial

Igor Giclew

SÃO PAULO A guerra na Ucrânia se consolida como o mais mortífero conflito para tropas russas desde a Segunda Guerra Mundial, na qual combateu como principal país da União Soviética de 1941 a 1945, avaliando a proporção entre mortos e feridos em combate.

De acordo com o Ministério da Defesa russo, houve 1,321 militares mortos e 3,825 feridos nos primeiros 30 dias de combate. Foi o primeiro balanço desde o dia 2, ao fim da primeira semana da invasão.

A divulgação de dados oficiais, como a desta sexta-feira (25), impossíveis de terem sua autenticidade comprovada a essa altura, busca um contraponto às estimativas de seus adversários, que pintam a guerra como um desastre militar completo para Vladimir Putin até aqui. As Forças Armadas da Ucrânia falam em 16 mil soldados invasores mortos, entre os cerca de 200 mil que foram mobilizados inicialmente para o conflito. Kiev não faz estimativa clara de suas baixas.

Os EUA citam cerca de 7.000 mortos russos. Já a Otan, aliança militar ocidental, vazou para repórteres em Bruxelas que o número seria de 40 mil, o que parece um exagero tão claro quanto o baixo número divulgado por Moscou.

Seja como for, isso não muda o fato acerca do péssimo desempenho russo em termos de sobrevivência de seus soldados. A proporção entre mortos e feridos, que determina a eficácia da proteção pessoal, dos primeiros socorros e da remoção para hospitais, está em 1 para 2,8.

É ainda pior do que o 1 para 3,2 da primeira parcial, isso usando dados oficiais que podem estar subestimados. É comparável ao mais violento conflito da história humana, a Segunda Guerra Mundial.

Ali, a taxa foi de 1 para 2,97. Naturalmente, a escala humana é incomparável. Se agora morreram 5.650 soviéticos ao fim de cada jornada.

Isso dito, é o pior desempenho proporcional russo desde então. Na ocupação de dez anos do Afeganistão, encerrada com derrota em 1989, a proporção era de 1 para 5. Na Geórgia em 2008, conflito semelhante em origem ao atual, foi 1 para 4,3.

Exércitos modernos miram uma proporção de 1 para 10. Os EUA evoluíram de 1 para 5,2 na Guerra do Vietnã (1955-1975) para 1 para 8,6 nos seus 20 anos de ocupação afegã, encerrados em 2021 em vexaminosa retirada.

No Iraque (2003-11), embate mais violento, foi de 1 para 7.

O ministério também busca afastar as críticas acerca do andamento da operação. Há consenso entre analistas ocidentais de que Putin não logrou uma derrota rápida como pretendia, além de ter cometido diversos erros.

"A operação segue como o previsto", disse o porta-voz da Defesa, general Igor Konaichenko, em um comunicado. Ele afirmou que os objetivos da "primeira fase da operação militar" estão quase todos cumpridos, buscando enfatizar a ideia de uma guerra longa e de que o Kremlin pensava dessa forma.

1.351

soldados russos mortos nos primeiros 30 dias da invasão à Ucrânia, segundo o Ministério da Defesa de Moscou

3.825

combatentes russos feridos no período, ainda segundo Moscou

1 para 2,8

é a proporção entre soldados russos mortos e feridos na Ucrânia

A primeira parte da assertiva é verdadeira: tudo vem indicando que o conflito será prolongado, de atrito, salvo alguma mudança imprevisível. A segunda, a realidade em solo não permite corroborar. Konaichenko disse que 95% do território da província de Lugansk, além de 54% do de Donetsk, por exemplo, foram retomados, o que já ajuda a montar um discurso de vitória parcial para Moscou.

A situação nas autoproclamadas repúblicas populares que levam os nomes dessas cidades, que controlam desde 2014 partes do leste ucraniano, foi uma das justificativas centrais da guerra. Putin as reconheceu três dias antes do ataque, recebeu um pedido teatral de ajuda e foi às armas.

Com a eventual queda de Mariupol, porto da antiga região de Donetsk sob cerco brutal dos russos, um corredor se estabelecerá do chamado Donbass à Crimeia, anexada por Putin em 2014.

Nesta sexta, o governo em Kiev admitiu "sucesso parcial" dos russos na operação, o que deve ser notado dada a propaganda usual em Kiev.

Defender tal trecho de terra, caso a guerra acabasse aí, é outra história: ela é algo estreita, o que sugere mais avanços russos a norte, contra as forças ucranianas que combatem os separatistas.

UCRANOTAS

Putin reclama de "cancelamento" e cita autora de "Harry Potter" O presidente da Rússia, Vladimir Putin, voltou a acusar o Ocidente de tentar "cancelar" a cultura de seu país em resposta à guerra na Ucrânia. De acordo com o portal Sky News, o presidente russo, então, citou a escritora britânica J.K. Rowling, criadora da saga "Harry Potter". Segundo Putin, a autora — criticada por uma série de comentários considerados trans-fóbicos — foi cancelada "só porque não satisfaz as exigências [dos ativistas] dos direitos de gênero". Mais tarde, em um tweet, J.K. Rowling comentou a fala de Putin. "Seria melhor que críticas à cultura ocidental de cancelamento não fossem feitas por aqueles que hoje massacraram civis, escreveu.

Russo sanciona lei contra "informações falsas" sobre ações no exterior

Vladimir Putin sancionou na sexta (25) uma lei que prevê pena de prisão de até 15 anos para aqueles que divulgarem o que a Justiça russa considerar informação falsa sobre ações do país no exterior. O mecanismo é similar a outro aprovado no início deste mês, quando Putin promulgou uma lei que prevê o mesmo tempo de prisão aos que divulgarem aquilo que o governo considera desinformação sobre o Exército russo.

Entre um nosso Grupo no Telegram: [@TheBRASJornais](#)

O MELHOR RECONHECIMENTO PARA QUEM FAZ A DIFERENÇA É A OPORTUNIDADE DE FAZER MAIS.

Empreendedor Social do Ano

2022

INSCRIÇÕES

DE 23/3
A 10/5

O **Empreendedor Social** é uma das premiações mais importantes da América Latina. Se você tem um projeto que impacta e transforma a sociedade, inscreva-se. A edição 2022 tem categorias como Destaque na Pandemia e Soluções Comunitárias, mas também Direitos Humanos, para iniciativas de combate ao racismo, à violência e à desigualdade, e Inovação para Retomada, que busca soluções para bomas ameaçadas, como Amazônia, Pantanal e Cerrado. Mais do que um reconhecimento, é a oportunidade de dar visibilidade ao seu trabalho e de se aproximar de novas parcerias, ao se conectar com outros empreendedores que atuam para mudar o Brasil.

INSCREVA-SE JÁ
folha.com/empreendedorsocial

Realização:

FOLHA
DE SÃO PAULO

FORBES FOUNDATION
FOR SOCIAL ENTREPRENEURSHIP

Patrocínio:

GERDAU
O futuro se molda

ambev

Coca-Cola
Brasil

VEDACIT

Parceria Estratégica:

ARREDA

ESPM

FDC
Fundo de Desenvolvimento

prosas

SBSA | ADVOGADOS
advogados, escritórios, advocacia e tecnologia

uol

Parceria Institucional:

ARTEMISIA

civi
CO

OBIFE

ICE

IDIS
Instituto de Desenvolvimento Social e Humano

ink

IMPACT HUB

Movimento
BEMMAIOR

MOBILIZE

Ponto Global
World Brand

QUINTESSA

Resoma

508

YUNUS
Iniciativa Social

NESS

neurônio

SITAWI

VOX
Café

mundo guerra na ucrânia

Parasilitares neonazistas auxiliam Ucrânia

Grupos de extrema direita que atuam em contra-ataques são alvo de 'desnazificação'; mas não compõem maioria do Exército

André Liohn

view Cerca de 50 combatentes do Batalhão Azov, um grupo paramilitar neonazista que agora faz parte da Guarda Nacional da Ucrânia, reuniram-se nesta sexta-feira (25) para a cerimônia de cremação de dois combatentes que foram mortos em Moschum, a nordeste da cidade e a 25 km do centro da capital.

Um deles, que adotou o nome de guerra Tur, retornou ao país após dois anos trabalhando numa empresa de proteção de animais ameaçados de extinção na África do Sul. "Protejo os animais porque não sabem fazer guerra. Faço guerra por eles", disse, enquanto aguardava a chegada dos corpos dos atingidos por um bombardeio. "Não estamos em 2014 (em referência à anexação da Crimeia pelos russos), essa é uma outra guerra — não temos mais combatentes cara a cara. Hoje os russos nos atacam com morteiros".

Após o anúncio do início de uma operação militar especial*, o presidente russo, Vladimir Putin, citou entre os motivos para desencadear a guerra a necessidade de "desnazificar" a Ucrânia. A existência do Batalhão Azov, criado há oito anos para lutar contra separatistas russos, confirma a presença de neonazistas no país, ainda que não sejam maioria no Exército nem de outra parte do governo ucraniano.

Tur, 32, diz que, no início deste ano, não acreditava que a Rússia fosse de fato invadir a Ucrânia. "Putim sempre soube que os ucranianos são melhores soldados do que os russos. Um soldado ucraniano não pode combater dez sol-



Caixões de dois membros do Batalhão Azov, formado por neonazistas, mortos em combates na cidade de Moschum

André Liohn/Folhapress

dos russos e ainda ter grande chance de vencer". Otimismo, ele é em entre um desconhecimento do número de combatentes na linha de frente, cifra que o governo mantém em segredo.

Seja qual for, esses soldados têm hoje em mãos equipamentos militares modernos fornecidos por países ocidentais para entender não só estratégias de defesa, mas também de contra-ataque, o que vem possibilitando, até agora, em algumas cidades, que as forças ucranianas mantenham suas posições.

Informações do relatório dos serviços de inteligência

do Reino Unido divulgado na sexta-feira contam de que as tropas da Ucrânia estão recapturando cidades a leste de Kiev, e as da Rússia, que tentavam tomar a capital, recuando. De acordo com Volodimir Borisenko, prefeito de Borispol, onde fica o principal aeroporto de Kiev, as forças da Ucrânia retomaram o controle de uma região entre a cidade e Bórovia e avançaram, mas pararam para evitar o perigo que a operação representaria aos civis.

Em outra frente, a noroeste de Kiev, os embates ocorrem em meio a ruínas deixadas pelos combates das últimas

semanas. Em Irpin, Bucha e Hostomel, tropas ucranianas tentam cercar as russas. No cemitério de Kiev, enquanto o padre lia o sermão de despedida, o som de explosões de artilharia que parecia ser lançada de dentro da área urbana da capital, de algum lugar muito próximo de onde os dois corpos seriam cremados, era ouvido — e seus efeitos, sentidos em forma de abalos na terra.

Com pouco mais de dois metros de altura, forte sem ser musculoso, com cabelos e barba bem ruivos, o combatente ucraniano, além de

ter adotado o nome Tur, segue também um visual inspirado em Thor, deus do trovão na mitologia nórdica adorado por muitos outros membros da extrema direita ucraniana.

Uma das estratégias de recrutamento do Azov é buscar pessoas como Tur, fascinadas pelo mundo militar, mas que em algum momento foram impedidas de seguir a carreira por motivos físicos, sociais e até psicológicos. Muitas vezes, a convicção ideológica é forjada com o tempo nas zonas de combate.

Na porta da capela, os dois cativos, um aberto e outro

lacrado, ficaram expostos a combatentes e familiares dos jovens mortos. Diante das urnas, cobertas com a bandeira amarela e azul da Ucrânia ornamentada com o emblema do Batalhão Azov — o "Wolfsangel", símbolo heráldico alemão inspirado nas armadilhas medievais de caça de lobos —, cinco soldados se colocaram em linha e dispararam salvas de tiros depois de um comandante pronunciar as palavras "Slava Ukraini" (glória à Ucrânia).

O "Wolfsangel" foi usado pelas SS nazistas, inclusive por sua segunda divisão de combate.

Ocidente se precipita ao achar que o mundo inteiro está do seu lado na guerra

OPINIÃO

Edward Luce

É editor e colunista do Financial Times

LONDRES | FINANCIAL TIMES Um dos argumentos mais frequentemente ouvidos em Washington é que a Rússia agora está globalmente isolada, sendo a China o principal país a reagir em tom amigável. A América coreana do sul se deita seduzir por sua própria mensagem de relações públicas. A reação do mundo à invasão russa da Ucrânia é muito mais complexa que isso.

Desde 24 de fevereiro, o Ocidente se mobilizou para demonstrar mais unida-

de do que mostra há anos. Mas a maior parte do mundo aguarda à margem do campo, esperando para ver o rumo, que a disputa vai tomar.

Não pela primeira vez, o Ocidente está confundindo sua própria unidade com um consenso global. Um critério enganoso para avaliar essa unidade é a ONU. Na última contagem feita pela organização neste mês, 141 dos 193 países-membros condenaram a violação da lei internacional cometida por Vladimir Putin.

Mas os 35 países que se absteram responderam por quase metade da população mundial. Incluem China, Índia, Vietnã, Iraque e África do Sul. Se-

somarmos esses países aos que votaram a favor da Rússia, o resultado é mais de metade da população do mundo.

E mais: muitos dos que estão nominalmente contra a Rússia estão protegendo suas apostas. A Arábia Saudita estudou o pedido da China de ser paga por seu petróleo em euros. Isso ajudaria a enfraquecer o poder do dólar. Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos se negaram a atender aos telefonemas de Joe Biden neste mês quando ele queria que aumentassem sua produção de petróleo — uma desfeitura a um presidente dos EUA. Mas Israel, que pode ser considerado o aliado mais es-

treito dos EUA, está adotando uma posição neutra, aberta a todas as possibilidades. O primeiro-ministro Naftali Bennett está procurando agir como mediador entre Rússia e Ucrânia e tem feito questão de mostrar-se imparcial.

Dentro de alguns meses, se a Ucrânia continuar a humilhar a Rússia e o Ocidente conseguir manter sua posição unida, tudo isso pode parecer que não vem ao caso. Todo mundo ama um vencedor, e os países que estão em cima do muro no momento provavelmente perderão de volta ao Ocidente. Mas a ambivalência do mundo deveria dar o que

pensar a Biden e à Europa.

Um sinal de perigo é a tendência habitual do Ocidente de reivindicar liderança moral. Isso cria três problemas. Em primeiro lugar, é hipocrisia. O que a Rússia está fazendo à Ucrânia é uma barbárie. Mas barbárie é algo que não falta no mundo. Muitas pessoas no mundo muçulmano, em especial, acham que os EUA adotam dois pesos e duas medidas. Milhares de civis morreram no Iraque e no Afeganistão, abatidos por munições americanas, embora não tenham sido alvos intencionais (diferentemente do que está ocorrendo na Ucrânia).

Um segundo ponto é que o Ocidente é imprudente quando supõe que seus valores são universais. Nesta semana os EUA classificaram o que Miannar fez com sua minoria rohingya de genocídio. Ape-

sar de Miannar, diferentemente da Ucrânia, localizar-se na mesma região que a Índia, Narendra Modi, o premiê de Nova Délhi, expressou protestos a favor da boca para fora.

O terceiro ponto é que boa parte do mundo rejeita sanções ocidentais. O Ocidente em grande medida se divorciou da Rússia em um mês. A execução desse processo vem sendo espantosa. Mas também lembrou a outros países da capacidade que o Ocidente possui de punir aqueles de quem discorda.

A resposta do público ocidental à barbárie de Putin tem sido admirável. Mas, inevitavelmente, é seletiva. Quanto mais governos ocidentais compreenderem como grande parte do mundo os enxerga, mais capazes serão de praticar uma diplomacia eficaz.

Tradução de Clara Allan

MUNDO VIU

Filme 'Leviatã' retrata desintegração de sociedade russa sob Vladimir Putin

João Batista Natali

SÃO PAULO | A palavra Leviatã significa muitas coisas importantes ao mesmo tempo.

É um livro de 1651, inspirado em personagem bíblico, do filósofo inglês Thomas Hobbes, que alerta para o perigo da autocracia social em países desprovidos de um governo eficiente e com regras claras de convivência. É o também o nome de um filme russo de 2014, que retrata a desintegração de uma sociedade de valores muito elásticos, alã governada por Vladimir Putin. Como todo filme de obra de ficção, o longa-metragem dirigido por Andrei Zviagintsev dá

Livros, filmes, séries, podcasts e o que mais houver para tentar entender o mundo

margem a muitas interpretações. Acontece que uma polêmica na época da estreia entre o ministro russo da Defesa e o produtor Alexander Rodnianski — que é ucraniano — deixou claro que a ideia era falar mal do país no Exterior. O filme, diz o produtor, "lida com as questões sociais mais importantes da Rússia contemporânea e nunca se torna um sermão de um artista ou uma declaração pública; é uma história de amor e tragédia vivida por pessoas comuns". Ou seja, uma leitura dessas questões sociais é mais que recomendável. A ação se passa numa cidadezinha fictícia da mar de

Barents, esse pedacinho pouco atraente de mundo dividido pela Rússia e pelo Noruega no oceano Glacial Ártico. É uma região em que as drogas não crescem — o frio não deixa — e nem com muita boa vontade alguém emergiria um cenário natural de beleza.

Pois é lá que moram Nikolai Kolia Sergueiev, um mecânico loiro, obeso e com 40 anos, sua mulher Lilia e um filho adolescente e malcriado, Roma. A camada mais leve e superficial do enredo opõe Kolia a um homem mau, o prefeito da cidade cujo nome é Vladimir e que deseja desapropriar a casa e o ofício do mecânico por um projeto proposital-

mente baixo. Kolia pede a ajuda de um amigo da juventude, o bonitão advogado Dima, com escritório em Moscou.

Mas as coisas começam a se complicar por todos os flancos. O Judiciário é podre. Rejeita sem motivo os recursos pelos quais Kolia procura obter uma indenização mais justa. Um diálogo entre o advogado e o juiz retrata com simplicidade a degradação ética à qual essa Rússia, ao mesmo tempo verdadeira e ficcional, chegou ao descer a ladeira do pseudo-comunismo. No tribunal, bem atrás do juiz, lá está a fotografia oficial de Putin.

A complicação prossegue quando o advogado se torna amante de Lilia, a mulher do mecânico. A politização do adultério se dá quando a imagem do marido morto perdido se esvazia de consistência moral e erótica. Ele é um coitado.

É a percepção desse fato que leva a esposa a se despir diante de Dima, um homem bem-sucedido, no quarto do hotel modesto em que ele está hospedado. A mulher do mecânico se torna adúltera ao receber o quanto o marido era ainda um bêbado sem graça, modesto em que ele está hospedado. A mulher do mecânico se torna adúltera ao receber o quanto o marido era ainda um bêbado sem graça, modesto em que ele está hospedado. A mulher do mecânico se torna adúltera ao receber o quanto o marido era ainda um bêbado sem graça, modesto em que ele está hospedado.

O mecânico está embriagado e é preso sob a suspeita de um crime que provavelmente não cometeu. Ele é condenado a 15 anos de prisão, em julgamento em que não cabe re-

curso. Roma, seu filho, é adotado por um casal de amigos. O filme acaba com gundaltes demoldendo a casa e a oficina. Com a chegada do inverno, os escombros se confundem com a neve abundante.

Para o lado mundano e menos relevante, "Leviatã" concorreu ao Oscar de melhor filme internacional e ganhou a Palma de Ouro, em Cannes, por melhor roteiro.



Leviatã Rússia, 2014. Dir. Andrei Zviagintsev. Com Aleksandr Serybrnikov, Roman Mamonov e Vladimir Yashchinskiy. Disponível para locação no YouTube

Gafisa Cash back

10% da entrada do
seu imóvel **voltam**
para você.*

Entre em nosso Grupo no Telegram: t.me/BRASILJORNAIS

Pagou, voltou!

O CASHBACK GAFISA É DINHEIRO DE VOLTA, SIMPLES
ASSIM. PARTE DA SUA ENTRADA VOLTA DIRETO PARA O
SEU BOLSO. A GRANDE OPORTUNIDADE PARA VOCÊ
CONQUISTAR O SEU GAFISA.

CONFIRA OS PRODUTOS PARTICIPANTES:
gafisa.com.br/cashback



11 3025-9210

 **Gafisa**

REALIZAÇÃO:

*Consulte o regulamento.

mundo

Orbán teve que ir até o Brasil por apoio, diz opositor na Hungria

Eleição parlamentar no próximo dia 3 opõe premiê conservador, aliado de Bolsonaro, a frente ampla

ENTREVISTA
PÉTER MÁRKI-ZAY

Michèle Oliveira

Como conciliar, numa campanha eleitoral, e numa coligação de governo, aliados tão díspares quanto liberais e verdes, conservadores e socialistas-democratas? Péter Márki-Zay, líder da candidatura de uma inédita frente única de oposição ao premiê húngaro, Viktor Orbán, reconhece as dificuldades. "Mas se tem uma coisa que me amedronta mais do que ter um governo diverso e dividido é Orbán continuar a governar esse país", diz.

As eleições parlamentares na Hungria ocorrerão em 3 de abril. Orbán está no quarto mandato — o terceiro consecutivo desde 2010 — e enfrenta o prefeito de Hódmezővásárhely, de 45 mil habitantes. "Todo mundo quer voltar ao normal. A saída desse cenário em que Orbán colocou a Hungria não é para a esquerda ou para a direita, mas para fora", diz Márki-Zay, em entrevista coletiva a jornalistas internacionais que a Folha acompanhou nesta quinta (24) — também fizeram perguntas profissionais de EUA, Espanha, Alemanha, Bélgica e Inglaterra.

A última pesquisa do Instituto Republikon, dos dias 16 e 18 de março, indica uma disputa apertada: o Fidesz de Orbán tem 47% das intenções de voto, dos pontos percentuais a mais que a frente única Unidos pela Hungria, com 39% — 16% se disseram indecisos. "Orbán teve que ir tão longe quanto o Brasil para encontrar alguém que apoiasse", afirmou, em referência à visita recente de Jair Bolsonaro (PL) a Budapeste. "Não acho que o Brasil esteja se beneficiando muito dessa amizade, mas cabe a vocês decidir".



Péter Márki-Zay, 49
Político independente, é prefeito de Hódmezővásárhely desde 2018. Conservador católico, é pai de sete filhos e explorou esse histórico na campanha. Antes da política, trabalhou em multinacionais na Hungria, no Canadá e nos EUA.

“A saída desse cenário em que Orbán colocou a Hungria não é para a esquerda ou para a direita, mas para fora. Temos que sair da ditadura”

Como primeiro-ministro, o sr. aprovou sanções sobre o petróleo e o gás russo? Apoiaremos sanções em muitos campos, não necessariamente petróleo e gás. A Hungria depende do gás russo, não podemos apoiar o banimento da importação no momento.

Sobre as outras sanções, Orbán relutou, e nós definitivamente vamos concordar com toda e qualquer sanção que evite a continuidade da guerra.

Por que o apoio de Orbán a Vladimir Putin não está repercutindo contra ele nas pesquisas? Porque ele faz lavagem cerebral. Ele começou a carreira no movimento comunista, depois continuou como liberal, daí se tornou conservador. Anti Putin, pró Europa. Eu o apoiei em 2010, e depois disso ele mudou de novo, tornando-se pró-Putin e antieuropeísta. Para ele, é uma questão pragmática, para manter seu poder e sua riqueza.

Como vê as chances de uma coligação tão ampla conseguir governar? Não tenho dúvida de que será difícil. Mas se tem uma coisa que me amedronta mais do que ter um governo dividido é Orbán continuar a governar esse país.

A saída desse cenário em que Orbán colocou a Hungria não é para a esquerda ou para a direita, mas para fora. Temos que sair da ditadura. E isso é um programa conjunto, tanto faz se você é social-democrata, liberal, conservador ou verde.

Além do controle de mídia por Orbán, há outros fatores que o impedem de ter uma disputa equilibrada? Não haverá eleições livres e justas na Hungria, não importa o que aconteça. É um sinal de milagre que a gente tenha chance de derrotar Orbán. Temos fraude eleitoral institucionalizada.

No entanto, o maior problema é a mídia. Não conseguimos nem mesmo espaço publicitário. Temos talvez 10% do direito do Fidesz, muito menos recebido doações e queríamos comprar mais espaço, como outdoors; as empresas não vendem para a gente porque temem intimidação.

As coisas pelas quais sou criticado não são verdadeiras, e os eleitores não sabem as coisas que Orbán faz. É difícil chamar isso de democracia em um Estado de Direito.

Se eleito, qual será sua abordagem em relação ao Brasil e a Bolsonaro, aliado de Orbán que recentemente visitou seu país? O sr. se manifestaria sobre a eleição no Brasil? Não acho que deva decidir o destino do povo brasileiro. Eu apoio o Brasil, seu desenvolvimento político e econômico, e tenho certeza de que todos os brasileiros querem viver em uma sociedade livre.

Como influenciar as eleições. Orbán está bastante isolado no cenário internacional. Seus últimos aliados na Europa eram Eslovênia e Polónia, e até eles deram as costas para Orbán, em razão do apoio a Putin e da relutância em ajudar a Ucrânia. Ele votou pelas sanções e pelo armamento para a Ucrânia, mas sempre no último momento, sob pressão.

Orbán sempre esteve a serviço de Putin, é seu fantoche. Ele está isolado e teve que ir tão longe quanto o Brasil para encontrar alguém que o apoiasse. Não acho que o Brasil esteja se beneficiando muito dessa amizade, mas cabe a vocês decidir. Alguém que é um traidor da Europa e da comunidade internacional.

Ele é bom sinal para Bolsonaro? É bom ser amigo do Orbán, um oligarca corrupto? Acho que não é útil para Bolsonaro também. As eleições presidenciais foram mobilizadas para buscar vestígios dos passageiros e escabas pretas. A aeronave caiu em um ângulo quase vertical e perdeu 8 km de altitude em menos de dois minutos, em circunstâncias que intrigam especialistas.

Reportagem desta sexta do jornal The New York Times reforçou que o mistério em relação à queda é ainda maior quando se leva em conta o histórico dos pilotos — dois veteranos que tinham mais de 39 mil horas de experiência, o equivalente a quatro anos e meio sem escalas no cabine.

Autoridades da China Eastern descreveram a tripulação como não tendo problemas de saúde ou falhas em seus registros. Seu desempenho anterior foi "muito bom", disse Sun Shiyang, presidente da flota de Yunnan da empresa.

Um segundo capitão estava no avião. Os três atendiam aos requisitos para voar, disse a companhia aérea. Especialistas ouviram pelo NIT disseram que uma derrubada intencional do avião sempre faz parte de qualquer investigação, mas que é prematuro optar por qualquer possibilidade.

China diz que 2ª caixa-preta de avião que caiu ainda não foi achada

PEQUIM/REUTERS Pouco depois de a Administração da Aviação Civil da China (CAAC) anunciar que havia encontrado a segunda caixa-preta do avião que caiu na última semana (21), a agência de notícias do regime chinês negou a informação. Na sequência, segundo a Reuters, o jornal da CAAC apoiou de suas contas nas redes sociais o texto em que dizia que o objeto havia sido encontrado. De acordo com o noticiário da Xinhua nesta sexta (25) — ainda final de noite de quinta (24) no Brasil —, o governo de Pequim continua a ser procurado.

Na quarta-feira (23), as equipes recuperaram a primeira caixa-preta da aeronave, o gravador de voz da cabine. Ela foi levada para Pequim para análises.

As caixas-pretas registram informações cruciais para entender o que pode ter provocado o acidente, como as conversas entre o piloto e a tripulação e os dados técnicos do voo, que os grandes pilotos enfrentam problemas mecânicos.

O Boeing 737-800 da China Eastern Airlines partiu da cidade de Kunming com destino a Guangzhou, onde o avião caiu em uma área montanhosa próxima a Wuzhou na segunda-feira. Centenas de bombeiros, militares, médicos e voluntários foram mobilizados para buscar vestígios dos passageiros e escabas pretas.

A aeronave caiu em um ângulo quase vertical e perdeu 8 km de altitude em menos de dois minutos, em circunstâncias que intrigam especialistas.

Reportagem desta sexta do jornal The New York Times reforçou que o mistério em relação à queda é ainda maior quando se leva em conta o histórico dos pilotos — dois veteranos que tinham mais de 39 mil horas de experiência, o equivalente a quatro anos e meio sem escalas no cabine.

Autoridades da China Eastern descreveram a tripulação como não tendo problemas de saúde ou falhas em seus registros. Seu desempenho anterior foi "muito bom", disse Sun Shiyang, presidente da flota de Yunnan da empresa.

Um segundo capitão estava no avião. Os três atendiam aos requisitos para voar, disse a companhia aérea. Especialistas ouviram pelo NIT disseram que uma derrubada intencional do avião sempre faz parte de qualquer investigação, mas que é prematuro optar por qualquer possibilidade.

Entre em nosso Grupo no Telegram: t.me/BRASILJO

TENSÃO ENTRE IÊMEN E ARÁBIA SAUDITA CRESCER COM ATAQUE DE REBELDES HOUTHIS



O grupo rebelde houthi, do Iêmen, lançou mísseis nesta sexta-feira (25) contra instalações da petrorefinaria estatal da Arábia Saudita Aramco — uma das maiores empresas do mundo no ramo.

O ataque, em Jidá, ocorre a dois dias da etapa da Fórmula 1 na cidade. A fumaça pôde ser vista de perto do autódromo, onde os treinos livres desta sexta sofreram atraso por causa do ataque.

De acordo com os rebeldes, apoiados pelo Irã, os bombardeios causaram incêndios em dois tanques da empresa. Não há relatos de vítimas e as chamas foram controladas, segundo o governo local.

TODA MÍDIA

EUA hesitam, mas Europa segue a China e 'alguma' as Big Techs

O Brookings, centro de estudos de Washington, alertou no final do ano passado que a regulação das plataformas que estava sendo realizada na China era "uma mensagem para os políticos americanos".

Que "aparentemente uma razão" para as medidas era a preservação do poder estatal. "Outra justificativa para a mudança, no entanto, é que ela vai tornar as empresas chinesas de plataformas digitais mais competitivas e estimular a inovação". Mas as plataformas ameri-

Nelson de Sá
nelson.sag@globoinfo.com.br

canas resistiram com argumentos que ecoam em Washington. Sheryl Sandberg, COO da Meta Platforms, de Facebook, Instagram e WhatsApp, argumentando contra sua divisão em pedacos: "Enquanto as pessoas estão preocupadas com o tamanho e o poder das empresas [americanas] de tecnologia, também existe preocupação nos EUA com o tamanho e o poder das empresas chinesas". Sundar Pichai, CEO da Alphabet, que reúne Google, YouTube e Android, foi mais

direto ao ponto: "Eu me preocupo, que, se você regular por regular, isso tem muitas consequências não intencionais, inclusive impactos para a nossa segurança nacional". O esforço de guerra das plataformas ao longo do último mês, ajudando a cancelar o voto lado da informação, acabou com a esperança de que Casa Branca e Capitólio ovissem a mensagem chinesa.

Mas Bruxelas escutou e, na noite de quinta (24), depois de oito horas de negociação paralisante, encerrando pouco mais de um ano desde que o primeiro projeto foi apresentado. "União Europeia coloca as algemas nas Big Techs", na chamada do alemão Frank

furter Allgemeine Zeitung. A UE alcançou consenso sobre uma Lei de Mercados Digitais que proibirá "certas práticas usadas por grandes plataformas que atuam como 'gatekeepers'", porteiros da informação, todos americanos. A legislação, que ainda precisa passar por aprovação final no Parlamento Europeu, "tem como alvo grandes empresas que fornecem os chamados 'serviços de plataforma central' mais propensos a práticas comerciais desleais, como redes sociais ou ferramentas de pesquisa".

Por exemplo, "os maiores serviços de mensagens, como WhatsApp, Messenger ou iMessage, terão de se abrir e

operar integrados com plataformas menores de mensagens". Será possível então trocar textos e vídeos de um aplicativo para outro.

Na China, a "interoperabilidade" levou aplicativos como o serviço de mensagens WeChat e o de compras Taobao a conversar, abrir seus "jardins murados", não sem alguma resistência dos gigantes Tencent e Alibaba.

Outras medidas da Lei de Mercados Digitais: empresas que atuam nas plataformas poderão acessar seus dados

coletados por elas, caso de vendedores na Amazon; e se-ri vedado o privilégio a Google das melhores plataformas, caso das buscas na Pro-

Alphabet foi uma das primeiras a reagir, quase ameaçar: "Nós estamos reduzindo a quantidade de regras possam prejudicar a inovação e a escolha [de produtos] disponível para os europeus". Mas adiando que vai cumprir.

Desta vez, Washington não saiu em defesa de seus campeões contra os reguladores europeus. E veículos americanos como Wall Street Journal lembraram Amazon, Alphabet, Apple, Microsoft e Microsoft que é "muito local". A lei deve entrar em vigor em outubro.

LANÇAMENTO

YOU, INC APRESENTA

v3rso

J A R D I N S

tailored by
EMILIANOYOU, INC TRAZ PARA O JARDINS
A NOVA ESTRELA DO GRUPO EMILIANO.

STUDIOS+

COM PÉ-DIREITO

3,40 M*

V3Rso TAYLOR STAY

UM NOVO CONCEITO DE LUXO, CUSTOMIZADO

POR MEIO DE UMA PLATAFORMA DIGITAL

VISITE OS DECORADOS
AL. SANTOS, 957 | JARDINSGRUPO
EMILIANO

RB CAPITAL

Rocontec
Rocha Construção e Tecnologia

you,inc

you,aredigital

VERSOJARDINS.COM.BR | 3164.3451



You Intermediação Imobiliária Ltda.: Av. Pres. Juscelino Kubitschek, 360 - 2º andar - São Paulo - SP - CEP 04543-000 - Tel.: (11) 3199-7900 - CRECI: 25.672-J. Incorporação Imobiliária registrada sob o nº R.22 da Matrícula nº 88.960, do 4º Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo, no dia 3/12/2021. (1) As imagens contidas neste material são meramente ilustrativas, podendo sofrer alterações. A vegetação e o paisagismo retratados são meramente ilustrativos e apresentam porte adulto de referência. Na entrega do empreendimento, essa vegetação poderá apresentar diferenças de tamanho e porte. *Limitado a 106 unidades Studio com pé-direito de 3,40 m, entregues conforme memorial descritivo.

BREVE LANÇAMENTO

VILA



MOEMA

signature
BY **you,inc**

3

SUÍTES

HALL
PRIVATIVO

2 VAGAS
DEMARCADAS

• LAZER COM VISTA
PARA O IBIRAPUERA

• A 4 MIN⁽¹⁾
DA FARIA LIMA

• SKYLounge
COM VISTA 360°

• A 6 MIN⁽²⁾
DO IBIRAPUERA

Entre em nosso Grupo no Telegram: t.me/BRASILCORNAIS

Foto: Adria Su Parque Ibirapuera

VEM AÍ O NOVO MARCO
DE SOFISTICAÇÃO DE MOEMA.
NO PONTO MAIS DESEJADO DO BAIRRO,
COM VISTA PARA O PARQUE IBIRAPUERA
E AO LADO DA FARIA LIMA.

AV. SABIÁ, 476 X RUA GAIVOTA | MOEMA

A 500 M DA ESTAÇÃO
MOEMA DO METRÔ⁽³⁾



you,aredigital

YOUNC.COM.BR



YOUNCINTEGRADORA



@YOUNC



@YOUNCINTEGRADORA



/COMPANY/YOU-INC-INTEGRADORA



5054.5269

MOEMASIGNATURE.COM.BR

Incorporação, administração, realização
e futura intermediação:

you,inc



You Intermediação Imobiliária Ltda.: Av. Prás. Juscelino Kubitschek, 360 - 2º andar - São Paulo - SP - CEP 04543-000 - Tel.: (11) 3199-7900 - CRECI: 25.672-J. O empreendimento só será comercializado após o Registro da Incorporação no Cartório de Imóveis competente, nos termos da Lei nº 4.591-64. Projeto em aprovação e sujeito a alterações. (1) Distância de carro, calculada através do Google Maps. (2) Distância a pé, calculada através do Google Maps. (3) Fonte: Google Maps.

MP regulamenta trabalho híbrido e permite contrato por produção

Texto também torna mais rígidas regras para auxílio-alimentação, após demanda de empresas

Fábio Pupo e
Marianna Holanda

BRASÍLIA O governo assinou nesta sexta-feira (25) uma MP (medida provisória) que flexibiliza regras para a contratação por teletrabalho e altera a regulação do auxílio-alimentação.

Bruno Dalcolmo, secretário-executivo do Ministério do Trabalho e Previdência, disse que a medida permite

a adoção do modelo híbrido para os funcionários das empresas, com prevalência do presencial sobre o remoto e vice-versa.

"[O teletrabalho] Era algo binário, ou a pessoa estava no teletrabalho ou no presencial. As pessoas queriam algo flexível, e as empresas entendem que na formação ética das pessoas é importante que elas estejam em algum momento dentro das empresas. A medi-

da permite essa flexibilidade."

O texto estabelece que a presença do trabalhador no ambiente de trabalho para tarefas específicas, ainda que de forma habitual, não descaracteriza o trabalho remoto. A medida passa a prever expressamente que o teletrabalho poderá ser contratado por jornada, produção ou tarefa.

No caso de contrato por produção, não será aplicado o capítulo da CLT (Consolidação

das Leis do Trabalho) que trata da duração do trabalho e que prevê o controle de jornada.

Caso a contratação seja por jornada, a medida permite o controle remoto da jornada pelo empregador, viabilizando o pagamento de horas extras caso ultrapassada a jornada regular.

De acordo com o governo, os trabalhadores com deficiência ou com filhos de até quatro anos completos devem ter

prioridade para as vagas em teletrabalho.

Para aquelas atividades em que o controle de jornada não é essencial, o trabalhador terá liberdade para exercer suas tarefas na hora em que desejar. O teletrabalho também poderá ser aplicado a aprendizes e estagiários.

Segundo o governo, fica permitida que os detalhes contem no acordo individual entre a empresa e o trabalhador.

No caso do auxílio-alimentação, a medida altera as regras de pagamento proibindo, por exemplo, a cobrança de taxas negativas ou descontos na contratação de empresas fornecedoras de auxílio-alimentação.

O modelo em uso até agora permitia descontos pelas empresas emissoras dos valores refeição e alimentação às empresas beneficiárias, que recebem isenção tributária para implementar programas de alimentação a seus trabalhadores.

Com isso, diz o governo, as empresas "tiqueteiras" equilibram essa perda exigindo altas taxas dos estabelecimentos comerciais credenciados. Para o Ministério do Trabalho e Previdência, a prática desvirtua a política pública, retirando o trabalhador da condição de maior beneficiário.

Continua na pág. A23

POR TEMPO LIMITADO

**A HORA
É AGORA!
EZTEC**

JUROS A PARTIR DE
7,99%
AO ANO
FINANCIAMENTO DIRETO
COM A CONSTRUTORA

ENTRADA
A PARTIR DE
15%
E CRÉDITO SEM BUROCRACIA

2022
CONDOMÍNIO E IPTU
GRÁTIS*

**PREÇOS
E CONDIÇÕES
ESPECIAIS!**

IMÓVEIS PRONTOS*

**OS MELHORES IMÓVEIS NAS MELHORES LOCALIZAÇÕES COM PREÇOS
E CONDIÇÕES ESPECIAIS. APROVEITE, É POR TEMPO LIMITADO.**

IMÓVEIS DE 25 A 283 M²



*CONSULTE O REGULAMENTO E OS PRODUTOS PARTICIPANTES NO SITE
WWW.EZTEC.COM.BR/AHORAEEAGORA

3135-5110

Comercialização:

Realização e Construção:

TEC VENDAS
CRED: 5677-J

EZTEC
Construindo qualidade de vida

Control de Investimento EZTEC: R. Domingos de Moraes, 2187 - Torre Dubai - Sala 114 - Vila Mariana - São Paulo - SP - Fone: 3056-8338 - Dado 24 horas www.eztec.com.br CRED: 5677-J (RJ04)

mercado

PAINEL S.A.

| Joana Cunha
painel@gsfolha.com.br

Conexão

Cresceu a pressão das empresas sobre o LinkedIn por causa da suspensão do anúncio de vaga para profissionais negros e indígenas pela plataforma. A Iniciativa Empresarial pela Igualdade Racial, um movimento de grandes companhias para combater o racismo no ambiente corporativo, já havia se posicionado em nome da entidade contra a medida da rede social na quinta (24). Mas nesta sexta (25), o documento ganhou peso com a assinatura de mais de 40 gigantes.

CURIÓSO Entre os signatários estão Grupo Pão de Açúcar, AbbVie, Ambev, Bayer, Dasa, Magalu, Santander e Unilever. No texto, a Iniciativa afirma que muitas das empresas utilizam o LinkedIn como ferramenta de recrutamento e que a suspensão de anúncio pela plataforma pode gerar um enorme retrocesso no país e prejuízo a milhares de profissionais negros.

CLIQUE "O LinkedIn empreendeu publicamente uma série de ações buscando promover a diversidade racial, inclusive internamente, buscando produtores de conteúdos especificamente negros, obviamente não qual afirmativa. Portanto, qual o motivo da mudança de direcionamento? questiona o texto da Iniciativa.

ONLINE O Grupo Pão de Açúcar afirma que valoriza as ações afirmativas como políticas de inclusão e promoção da diversidade. A Unilever diz que o LinkedIn é uma importante plataforma de acesso a oportunidades de trabalho e às próprias ações da empresa.

BANDEIRA No roteiro de compromissos do governador João Dória (PSDB-SP) antes de deixar o Palácio dos Bandeirantes para seguir na campanha presidencial, a agenda da reunião de secretariado de segunda (28), a última do tucano no cargo, tem a presença do cônsul honorário da Ucrânia em São Paulo, Jorge Rybka.

TRINCEIRA Todos os secretários vão usar a bandeira da Ucrânia na lapela. No momento em que Dória ainda busca fortalecer seu nome para a corrida presidencial, a homenagem também é vista como mais um contraponto a seu inimigo político Jair Bolsonaro, que expressou solidariedade à Rússia dias antes da invasão à Ucrânia e criticou as sanções impostas a Moscou.

MESA O IBGC (Instituto Brasileiro de Governança Corporativa) anunciou a nova composição de seu conselho de administração com nove membros. Três são mulheres: Gabriela Baumgart, do Grupo Baumgart, do TracFone, Deborah Patricia Wright, do Banco Santander, e Cristina Lucia Duarte Pinho, da Ocyon.

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

A HORA DO CAFÉ | Fabiane Langona



CIFRAS & FILMES



Dennis Muilenburg, então presidente-executivo da Boeing, chega para depor no Senado dos EUA sob os olhares de familiares das vítimas dos acidentes da Lion Air e da Ethiopian. Anna Monger/13.05.17/The New York Times

Busca por lucro levou a tragédias com 737 Max, sustenta documentário

Produção da Netflix mostra como mudança de cultura da Boeing resultou na maior crise de sua história e na morte de 346 pessoas

Rafael Balagó

WASHINGTON A Boeing se tornou a maior fabricante de aviões do mundo por várias razões. Uma delas foi a preocupação obsessiva com a segurança. Deixar essa atitude para trás levou a empresa à maior crise de sua história, mostra o documentário "Queda Livre: A Tragédia do Caso Boeing". Disponível na Netflix, a produção investiga as razões para os dois acidentes com o modelo 737 Max, que mataram nos viajantes a bordo. A primeira queda foi em outubro de 2018, na Indonésia, e deixou 189 mortos. A segunda, em março de 2019, na Etiópia, matou 157 (o acidente que matou 172 pessoas nesta semana na China foi com outro modelo, o 737-800).

As tragédias geraram surpresa por envolverem aviões novos, em operação há poucos meses, e por terem ocorrido de modo parecido: as aeronaves despencaram pouco depois da decolagem, após os pilotos não conseguirem mantê-las estáveis.

Após o segundo acidente, quase todos os países do mundo vetaram o uso do 737 Max, em um movimento nunca ocorrido antes.

O filme entrelaça detalhes técnicos dos acidentes, com projeções bastante realistas, a luta dos parentes das vítimas por respostas e as mudanças da cultura empresarial da Boeing.

A empresa americana revolucionou o setor aéreo a partir dos anos 1950, ao lançar aeronaves capazes de levar centenas de passageiros por longas distâncias e de modo seguro, o que tornou as viagens internacionais muito mais acessíveis.

Modelos lançados nos anos 1960, como o 737 (para viagens de média distância) e 747 (para cruzar oceanos), fizeram tanto sucesso que os pilotos usados no mundo inteiro até hoje, com atualizações tecnológicas. Uma dessas adap-

tações, no entanto, é apontada como a causa dos acidentes com o Max.

Nos anos 2000, a Boeing perdeu o posto de maior fabricante de aviões comerciais para a Airbus. A fabricante europeia ganhou ainda mais espaço ao lançar, em 2010, o A320 Neo, modelo que se destacava por economizar combustível, questão sensível para as empresas aéreas.

Pressionada, a Boeing decidiu fazer uma adaptação no 737: colocar motores mais econômicos e relançá-lo como 737 Max.

A produção do modelo também foi marcada pela aceleração dos processos de produção: funcionários foram cobrados para evitar atrasos, e verificações de qualidade e segurança foram sendo abandonadas.

Quem apontasse alguma falha era criticado, ou até punido pela chefia, o que criou um clima que estimulava o acobertamento de erros.

Assim, a prioridade deixou de ser a segurança, uma marca da empresa, para se tornar a obtenção de lucro e a remuneração de acionistas, dizem ex-funcionários.

Comercialmente, o 737 Max deu muito certo: a companhia conseguiu vender mais de 5.000 unidades dele nos anos seguintes.

Para atrair as empresas aéreas, usou o argumento de que os pilotos não precisariam de treinamento novo, por se tratar do 737 de sempre. Como treinamentos custam caro, as empresas aéreas curtiram a ideia.

No entanto, o avião não era tão igual assim. Havia um novo sistema, chamado MCAS, que servia para estabilizar automaticamente o avião caso detectasse que ele estivesse em um grau de inclinação errado.



Queda Livre: A Tragédia do Caso Boeing
EUA, 2022
Direção de Rory Kennedy (89 min)
Disponível na Netflix

ele existia. Documentos mostram que a Boeing buscou esconder isso, para agilizar o processo de aprovação do 737 Max e evitar que as autoridades exigissem treinamento para operar a nova aeronave.

O sistema foi concebido para compensar a instabilidade gerada pela colocação dos novos motores, mais pesados que os anteriores, sem que fosse preciso fazer mudanças profundas de design.

Em outra tentativa de cortar custos, a sensibilidade apenas dos dados de um sensor externo, não de dois, como é padrão. Assim, as investigações indicam que uma falha nesse sensor fez com que o MCAS recebesse dados errados e, automaticamente, fizesse o avião a abaixar seu nariz na hora errada.

Sem entenderem o que estava acontecendo, os pilotos tentaram aliviar a situação, mas tiveram de brigar com as decisões automáticas de um sistema que desconheciam.

Estudos posteriores mostraram que os pilotos teriam apenas dez segundos para corrigir o rumo depois que o MCAS entrasse em ação fora de hora. Depois disso, a perda de estabilidade seria tão grande que tornaria impossível retornar o voo a forma normal.

Após o primeiro acidente, a Boeing buscou minimizar as falhas técnicas. Depois da segunda queda, disse que uma atualização dos sistemas seria suficiente.

Os 737 Max receberam autorização para voltar a voar em outubro de 2020. Para escapar da má fama, passaram a ser chamados apenas de 737-8.

Após ser investigada pelo Congresso dos Estados Unidos, a Boeing fez um acordo e pagou US\$ 2,5 bilhões em multas, em troca de não ser processada criminalmente.

A empresa não deu entrevista para o documentário, mas respondeu por escrito que refutava as críticas e que suas aeronaves são seguras.

mercado guerra na ucrânia



Colheita de soja no DF; projeções para o saldo da balança comercial saltam de US\$ 52 bi para US\$ 83 bi

Alta das commodities eleva previsões para saldo comercial

Analistas, por outro lado, esperam aumento no preço dos importados

Douglas Gouvras

SÃO PAULO A disparada nos preços internacionais das commodities, com destaque para as que foram afetadas mais diretamente pela guerra na Ucrânia e pelas sanções impostas à Rússia, já está levando a projeções quase 60% maiores para a balança comercial em 2022.

Nesta semana, o Banco Central revisou significativamente para cima as projeções para a balança comercial deste ano — de um superávit de US\$ 52 bilhões para US\$ 83 bilhões. Esse volume é a diferença entre o que Brasil exporta para o mundo e o que importa do exterior.

O movimento se deve a um aumento das expectativas para as exportações brasileiras neste ano — que subiram de US\$ 276 bilhões para US\$ 328 bilhões.

Segundo a instituição, os preços de grãos também se elevaram diante das incertezas quanto ao impacto do conflito nas exportações dos países envolvidos, bem como nos preços internacionais de fertilizantes.

Embora se espere uma redução no volume exportado, com o impacto negativo de problemas climáticos sobre a safra de soja do Sul e com expectativas menores para a produção da indústria extrativa, a expectativa de forte al-

ta das exportações em valor é consensado entre analistas ouvidos pela Folha.

Desde o início do conflito na Ucrânia, em 24 de fevereiro, o índice CRB (Commodities Research Bureau), cesta que reúne preços de 19 produtos básicos (como grãos, petróleo e metais), subiu 15%. Do início de 2022 até agora, esse aumento foi de 31,48%, segundo o Trading Economics.

No caso do petróleo, a alta do CRB foi de 48%, entre 25 de fevereiro e 24 de março; no dos grãos de soja, de 7,6%; no do trigo, 29,7%.

Por outro lado, os analistas esperam um aumento de preços nos produtos manufaturados que o Brasil importa.

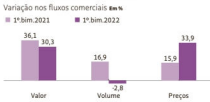
O preço de importados neste ano deve ser 26% maior do que em 2021, pelos choques nas cadeias de produção e aumento dos preços de energia.

Olhando para o que o Brasil compra do exterior, o BC também agora prevê um aumento, de US\$ 243 bilhões para US\$ 245 bilhões.

Nas importações, as projeções foram afetadas pela expectativa de alta nos preços internacionais, sobretudo de combustíveis e fertilizantes, mas o BC já espera um freio na compra de produtos do exterior, em linha com a desaceleração da indústria brasileira neste ano e da atividade de doméstica como um todo.

Em 2021, a Rússia respon-

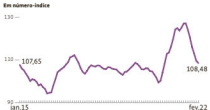
Comércio do Brasil com o exterior



Variação das exportações de commodities e não commodities no período



Índice dos termos de troca - média móvel trimestral



Fonte: Secretaria de Comércio Exterior/Ministério da Economia, com Ibope/FGV

deu por 23,3% das importações brasileiras de produtos classificados como fertilizantes. Naquele ano, a balança comercial registrou superávit de US\$ 61,2 bilhões, recorde para a série histórica.

As expectativas para o comércio do país com o exterior em 2022 também foram elevadas entre bancos e consultorias. Olti Unibanco, por exemplo, revisou a previsão de superávit da balança, de US\$ 67 bilhões para US\$ 74 bilhões.

Para Julia Gottlieb, economista do banco, o impacto direto da guerra sobre a economia brasileira tende a ser tímido, tendo em vista as relações comerciais limitadas entre o Brasil e os dois países.

"Os principais efeitos, portanto, serão indiretos, via aumento dos preços internacionais de commodities, bem como impactos sobre o PIB [Produto Interno Bruto] global", diz a economista.

A instituição também estima um aumento do peso das exportações no PIB brasileiro de 2022, para 20%, ante 17% no ano passado.

Já na ZPA previsão de exportações passou de US\$ 276 bilhões para US\$ 324,4 bilhões.

"A revisão incorpora choques nas commodities e a mudança do câmbio. O real está saindo melhor neste ano, e há algumas hipóteses para que isso esteja acontecendo, mas tanto as exportações quanto as importações devem crescer em comparação com 2021", diz Alexandre Maluf, especialista em macroeconomia da consultoria.

O dólar está em sua quarta semana de queda, desde o início da guerra. Nesta sexta (25), a moeda fechou a R\$ 4,75.

No caso do Credit Suisse, ainda não houve uma revisão das estimativas para exportações e importações deste ano. A economista chefe da instituição, Solange Srouf, no entanto, destaca a importância que o conflito bélico terá no comércio internacional.

"O peso das exportações no PIB deve ser maior, mas o que importa para o crescimento de médio prazo são os impactos que uma maior renda derivada do comércio global pode trazer para o PIB potencial: aumento de investimentos e produtividade, e isso vai depender de usarmos ou não esse momento de bonança para fazer reformas", diz ela, que também é colunista da Folha.

De acordo com o mais recente boletim Focus, também do Banco Central, a estimativa do mercado é que o Brasil cresça 0,5% este ano e que o IPCA fique em 6,5%.

Apesar das revisões positivas para a balança comercial deste ano, projeções de pesquisadores do Ibope (Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas) apontam que houve uma queda no primeiro bimestre de

2022, na comparação com o mesmo período do ano passado, nos chamados termos de troca (a relação entre os preços das exportações dos países e os das suas importações).

A análise aponta que os termos de troca recuaram 13,4% nos dois primeiros meses deste ano em relação ao mesmo período do ano passado. "Até agora, os preços das importações estão aumentando mais rápido do que o das exportações. O mercado aposta que o Brasil deve crescer muito pouco neste ano, e a importação é sensível ao nível de atividade", diz Lia Valls, pesquisadora do FGV-Ibre.

Uma melhora dos termos de troca aumenta a renda real. Isso permite que, com as mesmas exportações, se possa importar mais.

Valls complementa que o aumento de preços dos produtos agropecuários é visível, mas não se sabe se isso vai gerar um grande efeito sustentável. "A verdade é que, no fim, ninguém nunca sai ganhando com uma guerra".

Já na avaliação de Srouf, do Credit, os próximos meses devem ser positivos para os termos de troca e esse efeito ainda deve demorar para se dissipar.

No horizonte dos analistas, a guerra entre Rússia e Ucrânia, além de impulsionar o preço dos combustíveis, tem pressionado produtores agrícolas (como trigo e soja). Se, por um lado, a alta de preços é boa para o produtor, por outro os analistas preveem novos repasses para os preços de alimentos, que tendem a pressionar ainda mais a inflação.

O aumento dos valores das commodities já estava em curso desde 2021, sendo destacado como um dos fatores que explicam o aumento da taxa de inflação no país, na forma de um novo choque de custos para a inflação no Brasil, diz, ainda, o levantamento do Ibope.

Guerra marca fim da globalização, diz chefe da BlackRock

A invasão da Ucrânia pela Rússia vai remodelar a economia mundial e aumentar ainda mais a inflação, levando as empresas a se afastar de suas cadeias de suprimentos globais, alertou o presidente-executivo da BlackRock, Larry Fink.

"A invasão russa da Ucrânia põe fim à globalização que experimentamos nas últimas três décadas", escreveu Fink em sua carta anual aos acionistas da BlackRock, que atingiu US\$ 10 trilhões (R\$ 48 trilhões) como a maior gestora de ativos do mundo. "Uma reorientação em larga escala das cadeias de suprimentos será inerentemente inflacionária", escreveu Fink.

Dólar fecha a R\$ 4,75 e acumula quatro semanas de queda

Clayton Castelan

SÃO PAULO A valorização do real ante o dólar conquistou nesta sexta-feira (25) um ciclo de quatro semanas. A última vez que a moeda brasileira perdeu para a americana no fechamento semanal foi em 25 de fevereiro, um dia após tropas da Rússia invadirem a Ucrânia.

O dólar fechou o pregão desta sexta-feira a R\$ 4,75. O tombo foi de 1,77% em relação ao dia anterior. Essa é a menor cotação desde os R\$ 4,73 registrados no encerramento da sessão de 11 de março de 2020, dia em que a OMS (Organização Mundial da Saúde) declarou a pandemia de Covid-19.

Nesta semana, a divisa dos EUA afundou 5,38%. No acumulado de 2022, o mergulho chegou a 14,86%. É a Bolsa de Valores brasileira uma das portas de entrada para os dólares de investi-

dores estrangeiros que, neste momento, fazem do real a moeda mais valorizada de 2022 entre os países emergentes.

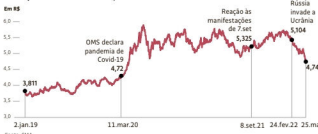
O Ibovespa variou 0,22%, a 119,08 pontos. Na última sessão seguida de alta, o índice de referência da Bolsa de Valores estacionava na sua maior pontuação desde o início de setembro.

Depois das oscilações geradas pelo início da guerra da Ucrânia, o Brasil desmonta como alternativa para investidores que procuravam oportunidades no setor de commodities, uma vez que os embarcos impostos à Rússia tendem a agravar a restrição da oferta de petróleo.

Os preços da matéria-prima sobem desde o fim do ano passado devido à resistência da Opec (cartel formado por países que mais exportam petróleo) em acelerar o aumento da oferta. Em 2022, a alta é de 50%, sendo 20% de ganho após o início do con-

Dólar no governo Bolsonaro

Flutuação diária do dólar desde janeiro de 2019



Fonte: CMA

fito na Europa.

Nesta sexta, porém, o petróleo não foi decisivo para a alta da Bolsa. O barril do Brent, referência para o mercado, subiu apenas ligeiramente, a US\$ 119,68. Ainda assim, a commodity está em um dos patamares mais elevados dos

últimos 14 anos.

Desde o início do ano, porém, estrangeiros também buscam no Brasil oportunidades em ações que estavam desvalorizadas. É esse movimento voltado a outros segmentos da Bolsa que colabora nesta sessão com a alta

do Ibovespa. Setores de saúde, consumo de bens não essenciais, finanças e imóveis sustentavam os ganhos do índice.

Esse tipo de aplicação é visto no exterior como uma forma de obter lucros rápidos em mercados com potencial de crescimento enquanto as

principais Bolsas globais, principalmente nos EUA, realizam um movimento de correção.

A expectativa de forte elevação dos juros americanos e o fim do programa de compra de ativos pelo Fed (Federal Reserve, o banco central dos EUA) têm levado investidores a liquidar ações multilaterais em Nova York durante a pandemia.

A renda fixa brasileira também é um atrativo neste momento. A taxa básica de juros (Selic) a 1,75%, ante uma inflação estimada em 7%, coloca os juros reais da Brasil entre os melhores do mundo.

Investidores estrangeiros são responsáveis por 37% das transações financeiras na Bolsa. Desde o início do ano até a terça-feira (22), o saldo das operações realizadas por eles estava em R\$ 8,4 bilhões. Isso representa o saldo do R\$ 22,1 bilhões de todo o ano de 2021, que teve o recorde da série histórica.

mercado

Temdinheiro sobrando no Tesouro?

Ilusão de cofre cheio e governabilidade corroída podem terminar em crise institucional

Marcos Mendes

Pesquisador associado do Ingep, é autor de "Por que o Dilema Fazer Reformas Econômicas no Brasil?"

A arrecadação do governo federal, nem batido recorde, e isso leva os políticos a achar que há dinheiro sobrando. Na realidade, não.

A previsão do Ministério da Economia é de um déficit de R\$ 67 bilhões (0,7% do PIB) em 2022. Para que a dívida pública pare de subir precisamos, em um cenário muito otimista, de um superávit de, pelo menos, 1,5% do PIB. Isso significa um ajuste fiscal de, no mínimo, 2,2 pontos percentuais do PIB (1,5 + 0,7) ou R\$ 212 bilhões.

Esse ajuste é necessário, embora não suficiente, para a economia ter chances de voltar a crescer.

As decisões políticas, contudo, seguem na contramão. As reduções de impostos já implementadas têm custo anual aproximado de R\$ 40 bilhões. Há propostas de aumento de gastos com alta probabilidade de aprovação que, em uma conta conservadora, somam R\$ 30 bilhões por ano, o que não inclui o custo da eventual criação de um fundo de estabilização de preços de combustíveis, aprovado no Senado, mas travado na Câmara. Se aprovada, esse fundo será uma conta em aberto, de custo elevado, como argumentei em coluna anterior.

A dissonância entre a fragil

sidade fiscal e a sensação de dinheiro sobrando decorre do aumento dos preços das commodities, com os quais a receita tributária federal é fortemente correlacionada.

Quando sobem os preços das commodities exportadas pelo Brasil, lucram as empresas ligadas ao setor, pagando mais impostos, royalties, e, no caso de estatais, dividendos. Há, também, impacto inflacionário, pelo aumento do preço daqueles bens no mercado interno, que se transfere rapidamente à arrecadação do governo.

Dados da Receita para os 12 meses encerrados em janeiro mostram que, entre os setores

econômicos que mais aumentaram o pagamento de impostos, predominam os ligados à exportação de commodities: metais preciosos (100%), petróleo e gás (99%), agropecuária (100%). O aumento médio da arrecadação foi de 22%.

Em relatório divulgado na terça (22), o Ministério da Economia mostra que, na comparação com os valores que constam do Orçamento, a expectativa de arrecadação com royalties, dividendos e bônus de assinatura ligados à indústria do petróleo aumentou 50%, representando R\$ 60 bilhões a mais. Esse é o típico aumento de receita que está fora do con

trole do governo. Se o preço das commodities despencar no mercado internacional, a arrecadação tributária cairá junto. Se usarmos esse ganho temporário de receita para conceder benefícios fiscais e aumento de gastos duradouros, quando a maré das commodities virar, nossa delicada situação fiscal se agravará ainda mais.

Foi o que aconteceu entre 2004 e 2022: houve um longo ciclo positivo de preços de commodities, e o governo expandiu despesas e benefícios fiscais. Com a queda dos preços das nossas exportações, a arrecadação caiu, mas as despesas continuaram altas e os benefícios fiscais se perpetuaram. Abriu-se grande déficit primário, o Brasil perdeu o grau de investimento, e ingressamos no recessão de 2020.

Parece que rumamos, de novo, na mesma direção. O que tem gerado uma expansão de despesas é o teto de gastos. Embora ferido pelas diversas flexibilizações da regra, ele ain

da está sendo capaz de segurar muitas pressões.

Por outro lado, a captura do Orçamento e da coordenação política do governo pelo centrão, somado às pretensões eleitorais do presidente, e a infiltração de interesses privados nos ministérios têm criado espaço para todo tipo de gasto e benefício fiscal parvoal e populista. Votos presidenciais a lei que propõem mais gastos caem como moscas, atropelando o cotidiano da Lei de Responsabilidade Fiscal.

Isso faz antever novas pressões contra o teto. Se houver novas flexibilizações, ou até mesmo a sua revogação por um novo presidente simultaneamente a uma queda dos preços das commodities, a deterioração fiscal se acelerará.

Uma nova crise fiscal, em um contexto de economia que não cresce há anos, governabilidade comprometida, orçamento capturado e polarização política, coloca no radar o risco de crise institucional.

[com, Samuel Pessoa] | [set, Marcos Vasconcelos, Ronaldo Lemos] | [ter, Michael França, Cecilia Machado] | [qua, Helio Beltrão] | [qui, Cida Bento, Solange Srouf] | [sex, Nelson Barbosa] | [sáb, Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan]

Receita Federal mira sites de compras estrangeiros

Secretário cita possível ação contra 'camelódromo digital' após queixas

Fábio Pupo

BRÁSILIA A Receita Federal estuda editar uma MP (medida provisória) para impedir que empresas de comércio eletrônico estrangeiras vendam mercadorias para brasileiros sem pagar os devidos impostos.

A informação foi dada pelo secretário especial da Receita Federal, João Cesar Vieira Gomes, em evento na quarta-feira (23). Segundo ele, a mudança permitirá verificar o fluxo financeiro das operações e comparar com o que é declarado na importação das mercadorias.

Gomes diz que a medida co

ibirá o que chama de "camelódromo virtual". "Estamos desenvolvendo uma medida provisória, e acho que ela vai ter grandes elevadíssimos", afirmou Gomes.

As declarações do secretário foram dadas durante encontro com membros da Frente Parlamentar pelo Brasil Competitivo e representantes da iniciativa privada em Brasília e é sinalizada após pedido de empresários como Alexandre Ostrowski, presidente-executivo da Multisul.

Os empresários afirmam que empresas asiáticas têm aproveitado brecha da legislação que autoriza a pessoa física a enviar bens estrange

iros para outra pessoa no Brasil sem pagar impostos, desde que o valor da mercadoria fique abaixo de US\$ 50.

A avaliação é que empresas de comércio eletrônico estão frustrando os dados ao registrar mercadorias mais caras com preço abaixo do valor de US\$ 50. Além disso, muitas declaram operação como se fosse uma transação entre duas pessoas físicas.

"Existem grandes plataformas asiáticas de e-commerce que usam uma brecha que

permite que pessoas enviem produtos de fora sem pagar imposto. Essa brecha foi criada nos anos 1980 pensando em encomendas de pessoa fi

sica para pessoa física", afirmou Ostrowski em vídeo veiculado durante o evento.

"Essas plataformas estão enviando centenas de milhares de pacotes fingindo ser pessoas físicas e subvertendo os produtos", disse.

Segundo ele, dados da Receita apontam que o número de encomendas está crescendo de forma geométrica e já passa de 700 mil pacotes por dia, "direto dos fabricantes asiáticos para a casa das pessoas, sem pagar tributo".

Para ele, a situação é injusta com as empresas brasileiras — que têm que recolher os impostos brasileiros com uma carga alta.

Segundo Ostrowski, o país perde R\$ 80 bilhões em arrecadação por ano com as fraudes, e a demanda já foi apresentada aos ministérios da Economia e da Justiça, além da PGR (Procuradoria-Geral da República).

Entre as medidas discutidas com a Receita, está fazer os sites de marketplace (que vendem produtos de diferentes lojas) serem responsabilizados criminalmente como se fossem os responsáveis por seus parceiros.

Além disso, também é sugerida a responsabilização solidária do transportador (como os Correios) em caso de transporte de produto ilegal.

Os empresários ainda defendem a exigência de a nota fiscal acompanhar qualquer mercadoria a ser transportada pelos Correios, com todos os dados fiscais necessários. E pedem ao governo até mesmo o veto a empresas atacadistas, varejistas ou de e-commerce de comprarem os Correios no processo de privatização da estatal.

Nas reuniões com o gover

no, tem sido feita uma apresentação sobre o contrabando digital organizada pelo IDV (Instituto para o Desenvolvimento Varejista) — que menciona até perigos sobre a qualidade dos produtos e dos serviços, usando fotos que retratam centros de distribuição das empresas acusadas com mercadorias espalhadas pelo chão.

"Aproveitando-se da pandemia, plataformas digitais internacionais, com operações dentro e fora do Brasil, iniciaram um verdadeiro ataque criminoso à economia brasileira a uma velocidade surpreendente e, ao mesmo tempo, sem nenhum respeito às legislações nacionais — em especial as tributárias", afirma o texto do IDV.

"Essas plataformas estão diminuindo pequenas, médias e até mesmo grandes empresas nacionais, desde o comércio varejista até o setor industrial. Empresas, empregos e a economia brasileira estão sob grandes ameaças sem precedentes na história econômica do país."

União Europeia fecha acordo para regulação das big techs

Daniel Arousson

BRUXELAS | AFP Os Estados-membros da UE (União Europeia), a Comissão Europeia (braço executivo do bloco) e o Parlamento Europeu alcançaram na noite de quinta-feira (24) um acordo que abre caminho para a adoção de uma ambiciosa legislação para regular a atividade das gigantes digitais.

Após vários meses de negociações, as instituições europeias alcançaram um compromisso sobre a Lei dos Mercados Digitais (Digital Markets Act), que visa impor, de fato, à Google, à Apple, à Meta (empresas mãe do Facebook), à Amazon e à Microsoft, conhecidos pela sigla "Gafam", uma série de obrigações e proibições para reprimir práticas anticompetitivas.

O acordo obtido "marca o início de uma nova era da regulamentação tecnológica em todo o mundo", afirmou o eurodeputado alemão Andreas Schwab, que dirigiu as negociações para o Parlamento Europeu.

"A lei sobre mercados digitais define a dominância cada vez maior das grandes empresas tecnológicas", acrescentou.

Para o secretário de Estado francês sobre assuntos digitais, Gélert O, trata-se da "regulamentação econômica mais importante destas últimas décadas".



Unidade da Apple em Paris; usuário poderá escolher outra loja de aplicativo e evitar a App Store

Subsidiário: 27/03/2022/The New York Times

Considerando como histórico, o regulamento, cuja entrada em vigor está prevista para janeiro de 2023, seria uma virada na luta contra o abuso das grandes plataformas digitais. E poderia criar precedente para legislações parecidas em outras partes do mundo.

O texto, que determina dezenas de regras sob pena de multas dissuasivas, é direcionado às maiores platafor

mas — os "Gafam" e outros grupos, como o site de reservas online Booking e a rede social TikTok.

"Haverá consequências profundas" nas atividades dessas empresas, estima Katrin Schallenberg, do gabinete de advogados Clifford Chance.

Em reação enviada à APEA americana Apple se disse "preocupada" com "algumas disposições que criariam vulnerabilidades inintencionalmente em termos de

confidencialidade e segurança para nossos usuários, enquanto outras nos proíbem de fazer pagar a propriedade intelectual na qual investimos muito".

A lei implementa a possibilidade de o usuário escolher entre várias lojas de aplicativos, o que permitiria que a App Store, da Apple, fosse evitada, um dos pontos criticados pela Comissão. O regulamento estabele

ce um controle da Comissão Europeia sobre todas as operações de compra desses gigantes, a fim de limitar o acúmulo das inovações das empresas emergentes e evitar as aquisições com o único objetivo de acabar com a concorrência.

Também inclui regras para conter os abusos constatados nos últimos anos e, em caso de infração, prevê multas que podem ir de 1% das vendas

mundiais do grupo a até 20% em caso de reincidência.

Será proibido para as grandes plataformas qualquer favorismo com seus próprios serviços nos resultados dos motores de busca, como o Google foi acusado de fazer com o Google Shopping.

Um porta-voz da empresa, que também deve oferecer alternativas aos usuários do Android para o Google Maps ou para o navegador Chrome, afirmou que "levará tempo para estudar o texto final e trabalhar com os reguladores para implementá-lo".

"Embora apoiemos muitas ambições da DMA sobre a escuta do consumidor e a interoperabilidade, estamos preocupados que algumas regras possam reduzir a inovação e as escolhas disponíveis para os europeus", acrescentou.

A nova lei também impedirá que os gigantes da tecnologia usem dados gerados em suas plataformas por parte de empresas clientes para oferecer alternativas aos usuários do sistema operacional.

Também proibirá a instalação de programas pré-instalados nos computadores e celulares, como navegadores e aplicativos, o que facilitará o acesso a produtos alternativos.

semináriosfolha economia circular

Modelo sustentável exige integração da indústria e incentivos do governo

Empresários e especialistas debateram maneiras de avançar na gestão das cadeia e de resíduos

Paulo Ricardo Martins

DUQUE DE CAXIAS (RJ) Avançar a transição para a economia circular — aquela que não é linear, ou seja, que propõe uma sobrevida para resíduos da produção — exige não apenas incentivo governamental, mas integração e desenvolvimento conjunto da indústria.

É o que afirma Beatriz Luz, CEO da organização Change Brasil, organização que promove, por meio da criação e adaptação de soluções globais à realidade brasileira, o desenvolvimento sustentável.

Ela foi uma das participantes do seminário Economia Circular, promovido pela Folha com o apoio do IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas) e patrocinado da Riaci. O evento ocorreu na terça (22) e teve mediação de Mara Gama, colunista do UOL. Segundo Luz, existe uma dificuldade nos mercados pelo mundo, incluindo no brasileiro, em achar soluções para os resíduos provenientes da indústria. A transição para a economia circular só vai acontecer, diz a engenheira química, com a união entre grandes empresários e micro e médio empreendedores.

"Precisamos unir os elos da cadeia, caminhar juntos, trocar dados e criar um ambiente de confiança. O empresário brasileiro ainda tem muito receio de compartilhar informações", disse.

Esse é um movimento mais consolidado na Europa, e alguns países têm políticas fortes de integração — a Holanda, por exemplo. Na América Latina, por outro lado, há cer-



A colunista do UOL Mara Gama medeia o seminário Economia Circular, realizado na última terça (22)

Josiel Cavallini/Folhapress

ta dificuldade para pôr a governança em prática, diz Luz.

Pesquisa de 2019 da CNI (Confederação Nacional da Indústria) mostrou que, dos executivos entrevistados, apenas 30% conheciam o conceito de economia circular — 70% disseram ouvir o termo pela primeira vez. Mesmo assim, 76,5% das empresas já adotaram práticas sustentáveis.

Outro problema apontado pela CEO da Exchange 4 Change Brasil é a dificuldade de enxergar a transição para esse novo modelo como um projeto que vai além da evolu-

ção tecnológica. "Não adianta à indústria trazer uma grande solução se quem compra não está apto para trabalhar esse novo modelo de consumo".

Como exemplo no Brasil, Luz cita a indústria de combustíveis, que começou a produzir bioetanol, feito com resíduos vegetais da produção do etanol de primeira geração.

Hoje, a companhia tem um índice de reaproveitamento de resíduos de 98% e até 2030 pretende zerar os que acabam em aterros.

Outro projeto da Klabin é transformar o município de Telmaco Borba, no Paraná, numa cidade 100% circular até o fim de 2022. Segundo No-

gueira, um diagnóstico identificou os resíduos gerados e a taxa de geração de cada material, por exemplo, e a iniciativa busca agora, mediante chamada pública, soluções de ONGs, startups e consórcios municipais que possam contribuir com o projeto.

A indústria têxtil também tem se movimentado para abraçar processos mais sustentáveis. Valesca Magalhães, gerente executiva da Riaci, diz que o investimento em

tecnologias permitiu que a fábrica em Fortaleza obtivesse um reaproveitamento de 70% da água, além da redução do uso de produtos químicos.

Resolver demandas do pós-consumo também entrou no radar da empresa. Em parceria com a Caritas Brasil e a Lição Solidária, as lojas da rede coletam roupas usadas, que seriam descartadas pelos clientes, para doações. "A gente tem que assumir essa responsabilidade", diz Magalhães.

Também está em estudo, com o IPT, a construção de alternativas para que roupas recicladas voltem à linha de produção da própria indústria têxtil, em vez de servir de insumo para outro setor. "Soluções pontuais não vão resolver. As alternativas passam necessariamente por investimento em pesquisa, junto a institutos e universidades", afirma Magalhães.

Claudia Teixeira, diretora de inovação e negócios do IPT, diz que o instituto tem feito parcerias para pensar novos modelos de produção. Segundo ela, uma medida importante para conter o aquecimento global, por exemplo, é dar ênfase ao ecodesign, isto é, produtos com vida útil prolongada e que consumam energia renovável. "São vários atores envolvidos, que precisam trabalhar em rede para mudar a forma como a gente se relaciona com o meio ambiente".

O Brasil ainda não tem uma política pública específica para a economia circular, diz Davi Bomtempo, gerente executivo de meio ambiente e sustentabilidade da CNI. O economista, contudo, cita como passo importante a Política Nacional de Resíduos Sólidos (lei 12.305/2010), que tem como um de seus princípios a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos. "A gente ainda está no caminho para criar esse tipo de incentivo econômico, muito diferente de outras partes do mundo, como no bloco europeu".

Tratado da ONU incentiva reúso para combater lixo plástico

Luany Galdeano

BIO DE ANEIRO Ao abordar o ciclo de vida completo do plástico, da produção ao descarte, uma resolução da ONU assinada em março por 195 Estados-membros pode representar um novo impulso em direção à economia circular. O documento prevê a criação do primeiro tratado global contra poluição pelo material.

"Não podemos continuar na lógica de extração infinita. A circularidade é uma aplicação da máxima da natureza de voltar sempre à cadeia", diz Vitor Pinheiro, coordenador de campanha no Pnuma (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente).

O acordo de Paris de 2015, além disso, o tratado será juridicamente vinculativo e, portanto, terá força de lei. O documento vai estabelecer obrigações legais que os Estados signatários devem seguir.

"Surge esperança para que se chegue a possíveis soluções com uma visão global e sistêmica", afirma Aldo Omotto, colunista do centro de pesquisa em economia circular do InovaUSP.

No Brasil, ainda há muito o que fazer. Levantamento de 2019 da ONG WWF (World Wide Fund) feito com dados do Banco Mundial mostrou que o país é o quarto maior produtor de lixo plástico no mundo, com 1,3 milhões de toneladas por ano.

Também é o décimo no ranking de lixo plástico por habitante, com 5,5 quilos por habitante. No total, o Brasil produz 10 milhões de toneladas anuais em aterros sanitários,

lixos ilegais ou na natureza. Segundo o estudo, apenas 1,88% desse material é reciclado, índice muito abaixo da média global, de 9%.

Como as taxas de reciclagem do material ainda são muito baixas, a maior parte do plástico que poderia ser reaproveitado para a fabricação de novos produtos é jogado no lixo.

"Não adianta dizer que [garrafa] PET é reaproveitada se não há uma estrutura que permita a reciclagem", diz Pinheiro. Além de o Brasil não ter uma cadeia capaz de reaproveitar tudo que seria reciclável, Pinheiro afirma que, na circularidade, a indústria que produz o plástico precisa absorver o custo do descarte para criar um novo produto, mas os países seguem uma lógica de fabricação em que mercadorias não são feitas com materiais que facilitem a reciclagem.

A economia circular reduz o impacto no ambiente promovendo a eliminação de plásticos de uso único, como camudões, o investimento em embalagens reutilizáveis e a reciclagem para que um material retorne à cadeia de consumo.

Omotto, do InovaUSP, avalia que o baixo valor de mercado de alguns materiais pode desestimular políticas de reciclagem das empresas. É justamente o caso do plástico, que tem baixo valor agregado comparado ao alumínio. Omotto diz que, para garantir a circularidade, é preciso adotar um modelo de negócios que vá além da cadeia tradicional de fabricação. Segundo ele, isso inclui investimentos de grandes empresas produtoras de materiais em outros atores da cadeia, como cooperativas e catadores.

No Brasil, os trabalhadores

Economia circular reduz impacto da poluição plástica

Circularidade pode diminuir efeitos dos 400 milhões de toneladas do material produzidos por ano no mundo

Economia linear



Economia circular (potencial até 2040)



Fonte: Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas / Fundação Ellen MacArthur / Breaking the Plastic Wave

de coleta são responsáveis por 45% de todo o lixo reciclado, segundo o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). A resolução aprovada pela ONU reconhece a importância de catadores e coleta de cooperativas em coletar e reciclar o lixo.

De acordo com Thaís Vojovic, especialista em plástico da Fundação Ellen MacArthur, que estuda a economia circular, outra barreira é o envolvimento de diferentes setores, o que também inclui governos. Mesmo que haja compromisso voluntário de algumas ins-

tuições, essas medidas ainda são insuficientes para sanar o problema. Segundo Vojovic, a aprovação da resolução já é resultado de um engajamento maior dos envolvidos. "É um sinal de compromisso, e isso pode ser um fator de aceleração [da transi-

ção para economia circular]".

O reúso de plásticos (embalagens que podem ser utilizadas várias vezes, por exemplo) é outra estratégia da economia circular, mas ainda pouco difundida. Pesquisa do Fórum Econômico Mundial apontou que 95% do valor do plástico é perdido após um único uso.

Empresas também têm adotado medidas para reduzir o impacto desses plásticos de uso único. Em 2019, companhias como PepsiCo e Nestlé assinaram o pacto global dos plásticos, documento do Pnuma e da Fundação Ellen MacArthur para impulsionar a adoção da economia circular no ciclo do material. As signatárias fabricam cerca de 20% das embalagens desse tipo de produto, mas menos de 2% da produção é própria para reúso.

Já a Coca-Cola lançou, em 2019, a garrafa PET universal na América Latina, com rótulos de papel e plástico mais resistente. Ela pode ser reutilizada após lavagem e esterilização, feita pela própria empresa. Quem devolve as garrafas em lojas selecionadas ganha desconto na compra seguinte.

Como iniciativa, a companhia diz ter evitado a produção de 1,8 bilhão de PETs na região. De acordo com estudo da Fundação Ellen MacArthur, substituir 26% das embalagens plásticas de uso único por embalagens reutilizáveis é uma oportunidade de negócio que pode gerar mais de US\$ 10 bilhões (cerca de R\$ 50 bilhões) por ano.

Para multinacionais, o acordo da ONU traz alinhamento regulatório mundial. Dessa forma, as companhias não precisam adequar a legislação de cada país, o que facilita a transição para a economia circular.

Reações do público

Seria interessante trazer exemplos mais palpáveis. Quando falarmos da cana-de-açúcar, trouxeram exemplos de grandes corporações. Quando falamos de pequenas empresas, com cadeia de produção menor, fica difícil fazer a economia circular. Falta ram exemplos de empresas pequenas e médias, e não de grandes corporações, que têm poder de barganha grande para colocar isso para frente. De resto, os conceitos foram ótimos.

José Américo Madeira
Pinto Junior
administrador, São Paulo (SP)

Gostei do nível de conhecimento dos palestrantes. A economia circular seria um grande desafio no Brasil nos próximos anos. Temos potencial, porque há muitos recursos naturais aqui. Basta implementar e enriquecer a cultura popular nesse sentido, junto com as empresas. Parabéns à Folha pela iniciativa. Como disse a representante da Holanda, se não fizermos nada, em 2050 precisaremos de três Terras para dar conta do que se usa hoje em termos de recursos naturais.

Mauro Medeiros
advogado, Campinas (SP)

O debate é muito relevante na situação ambiental e social que vivemos no mundo. A economia circular é vista como uma possível resposta para diversos problemas ambientais e climáticos que já vivemos e ainda serão intensificados. Esse esse tipo de debate deve acontecer mensalmente.

Wilson Danilo de Carvalho Ecard
pesquisador, Rio de Janeiro (RJ)

Os convidados trouxeram pontos inéditos para mim. A conversa foi interessante e bem conduzida, com exemplos e mostrando a realidade da economia circular. Minha sugestão seria trazer ainda mais exemplos de economia circular, explicando como as empresas funcionam e tentando mostrar no que foi necessário investir para que se chegasse à condição atual.

Nicole Delle Molle
engenheira ambiental,
Porto Alegre (RS)

O tema é muito relevante! Gostei de ter trazido palestrantes de várias áreas da economia circular: varejo, construção, indústria e agricultura, pesquisadora da área internacional. Muito pertinente incluir temas emergentes e necessários para a construção de um mundo melhor.

Daniel Fontana
professor, São Paulo (SP)

Achei interessante a conversa sobre economia circular, que deve se somar a outras medidas para que haja um real impacto na redução de emissões. Sugiro uma abordagem sistêmica e profunda sobre as consequências climáticas. As emissões anuais de dióxido de carbono por pessoa não devem ser superiores a duas toneladas, mas, o 1% mais rico do mundo produz em média 70. Taxar mais quem polui mais é justo e necessário.

Andréia Chaiab
psicóloga, Porto Alegre (RS)

O tema é muito importante e deve estar na pauta de toda sociedade. Poderia haver mais edições sobre os benefícios da economia circular nas questões sociais, com casos concretos de transformação.

Cecília Matsumura
mestranda, São Paulo (SP)

Seria interessante abordar como as empresas locais podem ou devem ajudar na transição, como a falta de conhecimento do consumidor contribui para o atraso do processo e como reverter isso. Também é importante discutir como chamar atenção para a participação mais efetiva do cidadão.

Margarete Oliveira Di Giovanni
professora, São Paulo (SP)



Claudia Teixeira
diretora de inovação
e negócios do IPT



Ana Carolina Amaral
A economia circular deve ser uma responsabilidade compartilhada



Julio Nogueira
gerente de sustentabilidade da Klabin



Beatriz Luz
CEO da Exchange
& Change Brasil



Davi Bontempo
gerente executivo de meio ambiente da CN



Valésia Magalhães
gerente-executiva da Riachuelo



Valéria Matos
assessora de sustentabilidade da Natura

Jacqueline Cramer

Para fazer uma transição, é preciso que todos atores do sistema se envolvam

Responsável por iniciar mudança da Holanda para uma economia circular, ex-ministra defende coalizão voluntária com a presença de um mediador

ENTREVISTA

Ana Carolina Amaral

GENEREA A ex-ministra do Meio Ambiente da Holanda Jacqueline Cramer (2007-2010) é responsável pelo início da transição do país de um modelo produtivo linear para uma economia circular, com os objetivos de reduzir tanto o uso de recursos naturais para a produção quanto a geração de lixo.

A Holanda implantou ainda em 1979 uma política para gestão de resíduos, que inaugurou a priorização de esforços antes do descarte: reduzir, reutilizar e reciclar.

Na metade dos anos 1980, o governo estabeleceu programas para gestão de resíduos para 30 tipos de material e, ao longo dos anos 1990, empresas holandesas foram incentivadas a fazer o ecodesign, desenho ecológico de produtos.

Mas, para Cramer, "o ecodesign ainda pode resultar em um produto que vai para o lixo". Ao assumir o Ministério do Meio Ambiente da Holanda, reuniu em um só plano as políticas de gestão de resíduos com as de produção ecológica, juntando as pontas da economia linear — extração e descarte — para formar um círculo, do berço ao berço, indo de uma cadeia produtiva à outra.

O desafio é que, de um berço a outro, os materiais viajam entre diferentes cadeias produtivas e exigem compromissos de setores inteiros para o desenvolvimento de novos ciclos econômicos.

Neste contexto, Cramer entrou como uma "corretora da transição", como ela define seu papel, intermediando a negociação com setores produtivos para encontrar as soluções — técnicas, políticas e financeiras — para a circularidade.

Na última década, as negociações decolaram em 22 setores, com experimentos que transformam restos do processamento de alimentos em aditivos aromatizantes, como também em biogás.

Entre os acordos setoriais já assinados, há planos sobre o redesenho de colchões para que seus materiais sejam recicláveis, a reutilização de cimento e concreto após demolições e o uso de materiais sustentáveis no setor têxtil.

Cramer avalia que a governança em rede foi uma chave da transição holandesa que pode ser exportada para o mundo. "Já consumimos excessivamente. Se continuarmos neste caminho, vamos precisar, em 2050, de três Terras. E isso é impossível".

Como foi possível desenvolver na Holanda a política de economia circular? Na verdade, começamos a desenvolver esse conceito nos anos 1980, porque nós somos um país muito rico em recursos naturais e já tínhamos um modelo de produção muito avançado. Não podíamos continuar criando mais aterros para estocar resíduos.

Foi por isso que começamos a reciclar e a pensar como podemos desenvolver produtos de uma forma que considere os aspectos ecológicos.



Jacqueline Cramer, 70

Foi ministra da Habitação, Ordenamento do Território e Ambiente da Holanda entre 2007 e 2010, pelo Partido Trabalhista. Bióloga e doutora em ciência pela Universidade de Amsterdã, é consultora de sustentabilidade empresarial desde 1990 e professora de inovação sustentável da Universidade de Utrecht. Nos últimos dois anos, publicou os livros "Building a Circular Future" (construindo um futuro circular) e "How Network Governance Powers the Circular Economy" (como a governança em rede potencializa a economia circular), ambos editados pelo Amsterdam Economic Board e disponíveis gratuitamente na internet, em inglês

Como aconteceu o salto da política de reciclagem e gestão de resíduos para a economia circular? Nos anos 1990, eu fui uma das pessoas que promoveu o ecodesign, mas ele ainda pode resultar em um produto que vai ser jogado fora. Então começamos a desenvolver o conceito de berço a berço, que foi mais provocativo. Berço a berço significa que você realmente vai voltar para o berço, para usar os produtos novamente. Produtos devem circular do berço ao berço, não do [berço] à cova.

Além disso, nós tentamos conectar essa ideia com as políticas de gestão de resíduos, em vez de tratá-las como partes separadas. Essa foi a minha maior intuição [durante a participação no governo].

A senhora estava envolvida com a política de economia circular antes e depois de ter sido ministra. Sua atuação tem relação com o modelo de governança em rede, que defende nos seus livros? Sim. Antes de ser ministra, já era muito ativa na sociedade, conhecia os papéis importantes dos diferentes atores.

Também sabia que quando você quer fazer uma transição você precisa que todos os atores se envolvam. Não se pode mudar um sistema sozinho.

A senhora acha que os governos estão preparados para governar junto à sociedade? Essa questão é interessante, porque nós somos um país muito rico em recursos naturais e já tínhamos um modelo de produção muito avançado. Não podíamos continuar criando mais aterros para estocar resíduos.

Como aconteceu o salto da política de reciclagem e gestão de resíduos para a economia circular? Nos anos 1990, eu fui uma das pessoas que promoveu o ecodesign, mas ele ainda pode resultar em um produto que vai ser jogado fora. Então começamos a desenvolver o conceito de berço a berço, que foi mais provocativo. Berço a berço significa que você realmente vai voltar para o berço, para usar os produtos novamente. Produtos devem circular do berço ao berço, não do [berço] à cova.

Além disso, nós tentamos conectar essa ideia com as políticas de gestão de resíduos, em vez de tratá-las como partes separadas. Essa foi a minha maior intuição [durante a participação no governo].

A senhora estava envolvida com a política de economia circular antes e depois de ter sido ministra. Sua atuação tem relação com o modelo de governança em rede, que defende nos seus livros? Sim. Antes de ser ministra, já era muito ativa na sociedade, conhecia os papéis importantes dos diferentes atores.

Também sabia que quando você quer fazer uma transição você precisa que todos os atores se envolvam. Não se pode mudar um sistema sozinho.

A senhora acha que os governos estão preparados para governar junto à sociedade? Essa questão é interessante, porque nós somos um país muito rico em recursos naturais e já tínhamos um modelo de produção muito avançado. Não podíamos continuar criando mais aterros para estocar resíduos.

A Holanda tem a meta de reduzir 32% do uso de matéria-prima até 2030. Como isso é possível em uma economia globalizada? Isso inclui tudo que circula na nossa economia, então de fato inclui o que nós importamos. E importa mais. Quando mais alto você mira na escada da economia circular, mais matéria-prima você poupa. A prioridade mais alta deveria ser evitar o uso de matéria-prima; depois, reduzir o uso de novos materiais por unidade de produto.

No terceiro degrau, está o redesenho dos produtos. Depois, reutilização e reparos e, por último, a recuperação energética através da incineração, o que não é uma circularidade. Todas essas coisas juntas baseiam a meta de 25%.

Empresas fazem "maquiagem verde" com a economia circular? Ou que não é economia circular? Como distinguir? Há graus de circularidade. Algumas empresas agem como se fossem completamente circulares, mas o que fazem é apenas subutilizar [reciclagem com depreciação de valor, em que o produto não foi pensado desde o início para ser reaproveitado]. Meu conselho para as empresas sempre é: sejam transparentes com o que vocês fazem e com aquilo que ainda não fazem.

Até porque quase não existem empresas completamente circulares. É um longo processo. Mas quando você enxerga o que pode fazer, e os benefícios socioeconômicos, eu diria que não há outro caminho que não seja na direção de uma economia circular.

mercado imobiliário



Torres do Grand Reserva Paulista, empreendimento da MRV em Pirituba (zona norte de SP) Danilo Varga/FolhaPress

Fora do 'centrão', Pirituba vira a queridinha das construtoras

Distrito lidera lançamentos entre bairros periféricos de SP, aponta pesquisa

Ana Luiza Tieghi

SÃO PAULO Com quase 7.300 unidades, o empreendimento Grand Reserva Paulista, lançado em 2017 pela MRV, é o maior projeto do grupo no país, mas por pouco tempo.

Segundo Sandro Perin, gestor executivo da incorporadora na região São Paulo, um novo empreendimento ainda maior será lançado em breve pela empresa. Em contrapartida, a Grand Reserva é o novo projeto no distrito: Pirituba, na zona norte de São Paulo.

Segundo levantamento feito pela plataforma de inteligência de mercado Urbit, Pirituba foi o distrito periférico que registrou o maior número de unidades residenciais lançadas nos últimos três anos, com 5,2 mil.

Periférico, nesse caso, se refere à classificação geográfica das regiões fora do centro expandido da capital paulista, a mesma utilizada, por exemplo, pela CET para estabelecer o rodízio de veículos.

É a segunda por Cidade Ademar (4.138), na zona sul, e José Bonifácio (3.352), na leste.

Apesar de não ser parte do centro expandido, limitado pela Marginal Tietê, Pirituba fica em sua margem, o que a torna atraente ao mercado. "Você se desloca rápido para o centro e tem tudo perto, shopping, faculdade, redes de supermercado", afirma Perin, que cita também a Linha Laranja do metrô, prevista para 2025.

Os incorporadores imobiliários, especialmente do segmento econômico, olham com cada vez mais interesse para bairros distantes do centro da cidade. É onde estão os terrenos com preços mais baixos, o que ajuda a viabilizar empreendimentos nas áreas do programa Casa Verde e Amarela, explica Daniela Ferrari, diretora executiva de habitação econômica do Secovi-SP (Sindicato dos Habiteiros de São Paulo).

Em São Paulo, o programa limita o valor dos imóveis a R\$ 264 mil, e as famílias com rendimentos baixos devem ter renda mensal de até R\$ 7.200.

Porém, não basta ter espaço e ser barato, é preciso ter infraestrutura que acomode o adensamento da população. "O importante é que os lançamentos aconteçam junto com essas melhorias, o consumidor econômico precisa de disponibilidade de transporte e serviços", defende Ferrari. Na zona leste, um dos destaques do levantamento é a Penha. A incorporadora Cu-

ry, também especializada no segmento econômico, tem empreendimentos na região. Leonardo Mesquita, vice-presidente comercial da empresa, afirma que a presença do metrô, com a Linha Vermelha, é um atrativo do bairro, mas ressalta que a classificação do distrito como periférico é uma questão de escala.

"Quando a gente faz uma análise da Grande São Paulo, esses bairros acabam virando centrais e passam a ter atratividade muito grande, por isso tem boa infraestrutura e conseguem trazer pessoas de mais longe desse centro expandido para morar bem mais perto", diz Mesquita. A empresa também lança

neste ano a quarta fase do Lyne Pirituba, no bairro da zona norte paulista, com apartamentos de dois dormitórios a partir de R\$ 6.200 mil.

O arquiteto e urbanista Lyne Chiconi, morador do Tatuapé, outro bairro considerado periférico pela classificação do levantamento, tem opinião semelhante à de Mesquita. Segundo ele, o termo periférico denomina mais uma situação social do que geográfica, e dificilmente poderia ser aplicado a Tatuapé, Santana e Penha, que possuem uma classe média estabelecida.

"Quando se trata de cidade, populações em ocupações no Centro-Sul periféricas, enquanto quem mora em Alphaville são pessoas ricas", afirma.

Já para distritos como Cidade Ademar, José Bonifácio, Campo Limpo e São Mateus, a classificação faria sentido.

Segundo dados do Secovi-SP de 2021, São Mateus foi o quarto distrito com mais lançamentos de unidades econômicas (vistas de Sacomã, Pirituba e Cambuci). Ele aparece também em oitavo lugar no levantamento da Urbit.

Para Ferrari, do Secovi, basta ir até a região para entender o que atrai tantos moradores e empreendedores.

"É um bairro muito extremo, mas que tem um terminal de ônibus que é hub para a região, e agora tem as estações da linha Pira [monotrilho], que reforçam esse crescimento". A MRV tem empreendimentos na região voltados para compradores que recebem entre três e seis salários mínimos (R\$ 1.668 a R\$ 7.272).

A empresa também investe em Guaiunimes, na zona leste, com edifícios projetados para famílias que ganham até três salários. O distrito é um dos dez que têm, proporcionalmente, maior área para novos empreendimentos, segundo dados da Urbit, com 14,38% do seu território ainda passível de transformação.

Para chegar a essa conta, a plataforma misturou dados sobre zoneamento, número de pavimentos e função dos imóveis — foram considerados terrenos maiores que 600 m² vazios ou com construções de até três pavimentos. O câmpio desse ranking é Vila Guilhermina, na zona norte, com 34,5% do seu território disponível.

Perin, da MRV, diz que demanda não falta. "A procura em São Paulo é maior do que a oferta, e é muito difícil conseguir fazer [habitação popular] nas regiões centrais".

Ainda minoria, mulheres tentam ampliar presença no segmento imobiliário

SÃO PAULO Dois grupos de mulheres do setor de construção consandam iniciativas para mudar a dominância masculina entre as lideranças do segmento.

Fundado em 2019 pela arquiteta Elisa Tawil, autora do livro "Proprietárias — a ascensão da liderança feminina no setor imobiliário" (Maquinaría Editorial, 192 págs., R\$ 27,90), o Mulheres no Imobiliário reúne cerca de 700 profissionais.

O grupo debate sua participação no mercado e ajuda outras mulheres a ingressarem no setor, com capacitação gratuita para aquelas que perderam o emprego durante a pandemia e desejam se tornar corretoras de imóveis. Uma pesquisa realizada pelo grupo em janeiro de 2021, em parceria com a DataStore, constatou que 66% das profissionais no mercado imobiliário já passaram por situações no trabalho em que se sentiram ofendidas ou constrangidas.

Até todo, 47% das 800 mulheres ouvidas relataram episódios de assédio sexual, 28%, de assédio moral e 21%, de machismo.

A pesquisa também mostrou que, entre as profissionais que são mães, 44% relataram dificuldade para retornar ao trabalho após a licença-maternidade.

"São mulheres que foram historicamente preenchidas por homens", diz Tawil, que ressalta a prevalência de profissionais vindos de cursos de engenharia, economia e direito no setor imobiliário.

O GRI, clube do mercado imobiliário que reúne os principais executivos de empresas do setor, também percebeu que tinha pouca representatividade feminina e decidiu agir. No ano passado, foi criado o GRI Women in Real Estate Brazil Committee (Comitê Brasil das Mulheres de Real Estate).

Em 2019, tínhamos no máximo 300 mulheres em um evento com 450 pessoas, por muito tempo não havia das poucas mulheres nas reuniões", afirma Patrícia Fratzatto, diretora do GRI e responsável pelo comitê.

O grupo, que hoje reúne 90 executivas, visa aproximar essas mulheres e fomentar novos negócios entre elas.

"O nosso ponto principal é que se enfrentem e que possam dar holofote a elas", explica Fratzatto.

Ela também focou em aumentar o número das mulheres inscritas no clube, mesmo que ainda não façam parte do comitê. Se em 2019 eram 20, no final de 2021 já havia 166 cadastradas.

Na outra ponta do mercado, as imobiliárias, a presença feminina já é maior. A plataforma de comercialização de imóveis EmCasa, por exemplo, possui 47% de time de vendas formado por mulheres, e elas têm apresentado performance melhor do que a de seus colegas homens — em quatro dos últimos seis meses, o profissional que mais vendeu era uma mulher.

"Isso mostra a capacidade das mulheres de se conectarem mais facilmente com as pessoas, conseguem transmitir empatia com o cliente, o que faz com que tenham resultados expressivos no nosso mercado", avalia Amanda Lins, diretora de pessoas da plataforma.

Renée Silveira é uma das poucas mulheres à frente de incorporadoras. Desde o início de 2019, ela é diretora de incorporação da Plano&Plano, uma das maiores do segmento econômico no país.

Há 15 anos na empresa, ela lembra que quando começou havia apenas duas mu-

lheres em cargos de gerência, e atualmente são oito, contra 14 homens — e parecia impensável ter uma mulher na função que ocupa.

"Quando assumi o cargo de diretora, várias mulheres que trabalhavam aqui na empresa ou no segmento me ligaram para elogiar, vendo o quanto isso era representativo, principalmente para as estagiárias", diz.

Silveira analisa que, em poucas gerações, as mulheres já avançaram muito em seus direitos e presença no mercado de trabalho, mas que ainda precisam se provar mais do que seus colegas para atingir os mesmos cargos e reconhecimento.

Outra questão evidente é a maternidade, conta Silveira. Decidiu deixar os 17 anos não ter filhos, ela diz que sua escolha era recebida com muito apoio em entrevistas de emprego.

"Existiu sempre essa preocupação do quanto uma mulher se dedicaria para estar em uma posição profissional e encerrar a maternidade de forma mais humanizada, o que pode ajudar mais mulheres a chegarem a posições de liderança".

Tawil também participou do primeiro evento do Mulheres no Imobiliário já pensando no fim da iniciativa. "Abri o encontro desejando que em alguns anos o movimento não precisasse existir, que fosse algo natural", afirma.

No último dia 17, a fintech de crédito imobiliário Credial lançou uma linha específica para o público feminino, a Credial Mulher. O projeto foi feito em parceria com Tawil, e a empresa vai direcionar 2% dos ganhos das iniciativas de combate à violência doméstica.

A linha terá suporte jurídico e financeiro gratuito para as mulheres, e, de acordo com a fintech, contará com taxas abaixo de 8% ao ano.

Segundo Paulo Carrete, fundador da Credial, a empresa está construindo um sistema de algoritmos para combater o que ele acredita ser um viés negativo na pontuação para as mulheres no mercado de crédito. Os tomadores seriam o fato de as mulheres ainda ganharem menos do que os homens.

"Os bancos não falam direito, mas a gente percebe que, quando uma mulher compra sozinha, acaba o tempo das dificuldades para aprovar [o crédito] ou aprovando um pouco menos em relação a um homem que compra sozinho".

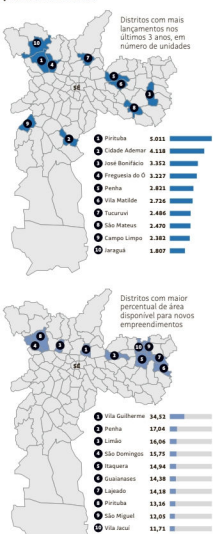
Em novembro, a startup chilena Credial também começou a oferecer crédito imobiliário para mulheres, informais e jovens no Brasil. Na época, o presidente executivo do movimento, Ignácio Alamos, afirmou que esses grupos enfrentam maior dificuldade para acessar o financiamento por não conseguirem estabilidade no trabalho. ALT

"Os bancos não falam direito, mas a gente percebe que, quando uma mulher compra sozinha, acaba o tempo das dificuldades para aprovar [o crédito] ou aprovando um pouco menos em relação a um homem que compra sozinho".

Em novembro, a startup chilena Credial também começou a oferecer crédito imobiliário para mulheres, informais e jovens no Brasil. Na época, o presidente executivo do movimento, Ignácio Alamos, afirmou que esses grupos enfrentam maior dificuldade para acessar o financiamento por não conseguirem estabilidade no trabalho. ALT

A diretora de incorporação da Plano&Plano, Renée Silveira, no escritório, em São Paulo. Divulgação

Crescimento imobiliário em bairros periféricos de São Paulo



Districts with the highest percentage of area available for new developments

*Exatidão com distritos de fora do centro expandido, também exclui a Vila Andrade. Fonte: Urbit

mercado imobiliário

Ruas mais caras de SP são ilhas de imóveis residenciais

Apartamentos com metro quadrado acima de R\$ 18 mil ficam em vias sem lojas, valorizadas pela tranquilidade

SÃO PAULO Seis das dez ruas de prédios que possuem o metro quadrado mais caro da cidade de São Paulo têm mais de 90% de apartamentos residenciais entre os imóveis.

Levantamento feito pelo Loft Analytics, núcleo da plataforma imobiliária que dissemina análises sobre o mercado, aponta que, quanto maior o preço do metro quadrado de uma rua, maior a chance de ela ser quase que exclusivamente residencial, sem comércio e serviços.

A via mais valorizada do levantamento é a Seridó, no Jardim Europa, zona oeste da capital paulista, que apresentou média de R\$ 35,098 por metro quadrado em transações imobiliárias. Por lá, há apenas um imóvel registrado como comercial, um spa exclusivo para os moradores de um dos prédios.

Diferentes fatores influenciam o valor do imóvel, e um deles é o quão uniforme é uma rua. O domínio de apartamentos na via é muito importante, especialmente nas ruas mais valorizadas, afirma Fábio Takahashi, gerente de dados da área de comunicação da Loft.

Dentro da amostra utilizada —São ruas que tiveram no menos cinco transações imobiliárias com apartamentos entre janeiro de 2018 e fevereiro deste ano—, a plataforma também procurou a função dos imóveis nas vias com o metro quadrado mais baixo.

A rua com o metro quadrado mais barato da amostra é a São Salvador, no bairro da Vila Romana, também na zona oeste, onde 56,85% dos imóveis são residenciais.

Marco Tullio, diretor executivo da Esquema Imóveis, imobiliária especializada em alto padrão, aponta que a mes-

ma dinâmica dessas ruas mais valorizadas é observada na parte verticalizada dos Jardins, mais próxima à av. Paulista, onde as quadras são residenciais e em sua maior parte, mas cortadas por vias com vocação comercial, como Oscar Freire, Pamplona e Augusta.

Por mais que o cliente de alto padrão prefira uma via de uso residencial, ter proximidade com ruas cheias de lojas, restaurantes, mercados e serviços, além de estar perto de polos empresariais, é essencial, segundo Tullio.

É igual feira de rua, é algo ótimo para pessoas de qualquer padrão, mas não na porta da sua casa", afirma.

Para ele, a principal vantagem das ruas mais residenciais é a tranquilidade. "O alto padrão quer uma rua bonita, agradável, arborizada, tranquila, e uma via de muito comércio e fluxo de pessoas perde esse encanto", diz.

A região no entorno do Parque do Povo, próxima à avenida Faria Lima, onde estão várias das ruas mais valorizadas da capital, viu seu perfil mudar há cerca de 20 anos com a chegada de grandes empreendimentos residenciais, lembra Tullio.

"A rua Seridó já foi dividida com restaurantes, e eu frequentava baladas na Franz Schubert. As incorporadoras compraram tudo e começaram a transformar no que é hoje, porque a Faria Lima substituiu a Paulista como o principal centro financeiro de São Paulo", afirma.

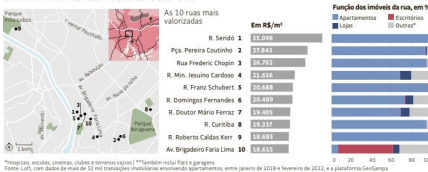
Em uma situação diferente de outros bairros de alto padrão que que estritamente residenciais da cidade, mas formados por casas, como os Jardins e a Candelária, Europa e Guadalupe e o Alto de Pinheiros, Nels, as regras de zoneamento



Prédios residenciais no cruzamento das ruas Frederic Chopin e Franz Schubert, na zona oeste de SP

Denilo Velloso - 25.ago.2022 / Fotopress

Como se dividem as ruas mais caras de São Paulo



O alto padrão quer uma rua bonita, agradável, arborizada, tranquila, e uma via de muito comércio e fluxo de pessoas perde esse encanto

Marco Tullio
diretor executivo da
Esquema Imóveis

da capital limitam a ocupação por imóveis comerciais e até mesmo por casas que fujam do padrão atual. "O zoneamento garante essa exclusividade. Historicamente, no nosso planejamento urbano, as elites foram se segregando", afirma o arquiteto e urbanista Lucas Chiconi. Ele aponta para a existência de uma relação simbólica entre os bairros de alto padrão formados por apartamentos e por casas: a limitação construtiva nos bairros de casas, ou mansões, que por si só já encarece o imóvel, garante vista eterna para os bairros de prédios no entorno, sem chance de novas torres bloquearem o horizonte, fator importante para a valorização desses locais. Essa proximidade também atua como um filtro social,

tornando essas comunidades mais homogêneas. Para Chiconi, ruas estritamente residenciais não são o ideal para a cidade, porque, ao formarem bairros, interferem no deslocamento dos moradores de outras regiões, já que grandes avenidas, linhas de metrô e corredores de ônibus tendem a se desviar desses entornos. "O Morumbi tem ruas cheias, cheias de muros, é uma grande barreira para o Campo Limpo e Taboão da Serra, por exemplo. O mesmo vai acontecer com a região da Chácara Flora e Alto da Boa Vista, em Santo Amaro, que é uma muralha entre Cidade Ademar, Grajaú, Pedreira e a direção do centro", afirma. O atual Plano Diretor de São Paulo incentiva a adoção de

comércio no térreo e de unidades não residenciais, como escritórios e quartos de hotel, em prédios que ficam em regiões de eixo de transporte —entorno de linhas do metrô e corredores de ônibus. Isso pode ter efeito sobre a concentração de residências. No entanto, o cliente de altíssimo padrão ainda tem reservas quanto a investir e morar em um prédio com lojas e lofts, afirma Tullio. Para contornar o problema, o que incorporadoras estão fazendo é criar duas entradas separadas para um mesmo empreendimento, segregando quem vive nos imóveis maiores de quem frequenta ou trabalha nos comerciais, assim como os demais moradores ou hóspedes do prédio. Ana Luiza Tieghi

Recém-lançados, metaversos vendem terrenos a preços altos

SÃO PAULO O rapper americano Snoop Dogg anunciou em dezembro um espaço próprio no metaverso, o Snoopverse, onde haverá shows, festas e uma réplica da sua mansão. Pouco depois, um usuário da plataforma adquiriu um terreno virtual ao lado da propriedade por 71 mil sand, criptomoeda utilizada no mundo virtual, o equivalente a R\$ 2,5 milhões.

Esse é um dos exemplos de como o novo mundo digital paralelo invadiu o mercado imobiliário. Empresas e investidores estão comprando terrenos nas principais plataformas de metaverso —como Decentraland, The Sandbox (parceira de Snoop Dogg), CryptoKitties e Somnium Space.

O negócio é feito por meio de NFTs (tokens não fungíveis), que é o direito de propriedade sobre um ativo virtual. A técnica se assemelha com o mercado imobiliário do mundo real, para especialistas, está na especulação. Como as plataformas estão em seus estágios iniciais, quem garante seu espaço por lá hoje espera que o terreno virtual se valorize para revendê-lo ou alugá-lo.

"Você não precisa dele para dormir, mas pode receber gente e usar seu espaço para eventos", afirma Bruno Hora, cofundador da InvestSmart,

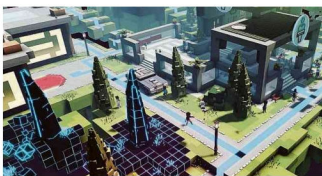
em entrevista diretamente do seu escritório no metaverso do Facebook.

Se um artista ou marca compra um terreno, também é motivo para gerar valorização na área, como no caso do rapper americano. Os preços, porém, não são para iniciantes. "Se você for comprar, o preço do imóvel no Sandbox é [equivalente a] de Nova York, um absurdo", diz Hora. "Se não fosse tão caro, eu compraria um terreno lá, mesmo que fosse um flat".

Além da especulação, os valores sofrem influência também da cotação da criptomoeda usada em cada plataforma.

Para Hora, por enquanto, a compra de terrenos e imóveis nos metaversos faz sentido para empresas e artistas —que ganham projeção ao anunciarem a aquisição, podem lucrar com a exposição de suas marcas e garantir um espaço caso as plataformas realmente se popularizem no futuro.

Para pessoas físicas, ter uma casa própria no metaverso se torna vantajoso quando as plataformas forem espaços no qual acontecerão eventos que hoje estão na vida real, como reuniões e encontros. "Se as pessoas estão migrando para ter experiências vir-



O metaverso do jogo CryptoVoxels, que permite comprar imóveis virtuais

Divulgação

Você não precisa dele [o imóvel virtual] para dormir, mas pode receber gente, alugar seu espaço para eventos

Bruno Hora
cofundador da InvestSmart

tuais, faz sentido poderem construir seus avatares e casas virtuais", afirma Fábio Araújo, sócio-diretor da consultoria imobiliária Brain. Flávio Tavares, fundador da Welcome Tomorrow, que promove encontros sobre tecnologia e inovação, analisa que o metaverso só se tornará realmente popular quando for criado um aparelho para acessá-lo de forma imersiva com preços mais acessíveis. "Quando esse hardware sair e for democrático, talvez possamos ter essa coisa que to-

do mundo aponta, de usar o metaverso para reuniões, encontrar amigos, porque hoje ainda é mais fácil fazer uma chamada de vídeo". Até lá, a experiência imersiva nessas plataformas é proporcionada por aparelhos como Oculus, do Facebook. O item, uma espécie de óculos de realidade virtual, não é comercializado pela empresa no Brasil, mas pode ser encontrado na internet por R\$ 4,5 mil. O mercado imobiliário do metaverso não deve tomar espaço do segmento físico,

dizem os especialistas. Para Flávio Tavares, a compra e a venda de terrenos virtuais atraem um tipo específico de investidor que gosta de correr riscos e que já aposta nas criptomoedas, necessárias para as transações virtuais. "Quem investe nos imóveis físicos é mais conservador, quer lastro", afirma. Já para adquirir o espaço virtual pode ser uma nova forma de marketing. Araújo, da Brain, imagina uma versão digital dos novos empreendimentos, cujas unidades podem ser alugadas para que usuários passem um final de semana no imóvel digital. Se os planos de Mark Zuckerberg se concretizarem, o metaverso se tornará o cotidiano quando o Instagram e o Facebook, os imóveis virtuais devem ganhar outra semelhança com aqueles do mundo real: mais impostos. O advogado especialista em direito tributário Fernando Zilber explica que já é preciso declarar transações imobiliárias no metaverso à Receita Federal, na área de bens e direitos do Imposto de Renda. Elas são categorizadas como bens móveis por serem intangíveis. "Por enquanto não tem IPTU, conta de luz e condomínio, mas logo inventam". ALT

SIM, É AGORA.

SÃO PAULO

PARA CADA AGORA, UM TEGRA.

A Tegra apresenta: Sim, é agora, São Paulo. A oportunidade do ano para fechar negócio e dizer sim aos seus planos.



Perspectiva Montanha do Paraná

Obras em fase final

TEG Sacomã - Visite decorado na torre

Rua Malvina Ferrara
Samarone, 100 - Sacomã
Em frente ao Hipermercado Extra

**1, 2 e 3 dorms.
com suite, vaga
e terraço**

Conheça também nossas outras opções de aptos. de 1 a 4 dormitórios

Studios e salas comerciais nos melhores bairros de SP.

Saiba mais!



(11) 3197-2990
tegraincorporadora.com.br

Realização e Construção

TEGRA
INCORPORADORA

CONDOMÍNIO TEG SACOMÃ, Incorporadora responsável: TEGSP-49 EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS LTDA, sociedade empresarial limitada com sede na cidade de São Paulo/SP, na Av. Magalhães de Castro, 4.800, salas 11, 12, 21 e 22, Torre 3 Parte, Continental Tower, Condomínio Cidade Jardim Corporate Center, Bairro Cidade Jardim, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 28.945.936/0001-04, Projeto Arquitetônico: Jonas Birger Arquitetura, Projeto Paisagístico: Marcelo Vassallo Arquitetura da Paisagem, Projeto de Arquitetura de Interiores: Moz Design, Memorial de Incorporação registrado em 01/11/2019 sob o R.1 da Matrícula nº 238.364, do 9º Oficial de Registro da Imobiliária de São Paulo. As informações constantes no Memorial de Incorporação e nos Instrumentos de Compra e Venda previstos sobre as divulgadas nessa material. Todas as imagens e perspectivas aqui contidas são meramente ilustrativas. As tonalidades das cores, formas e texturas podem sofrer alteração. Os acabamentos, a quantidade de móveis, os equipamentos e utensílios serão entregues conforme o Memorial Descritivo do empreendimento e o Projeto de Decoração. Os móveis e utensílios são sugestões de decoração com dimensões comerciais e não fazem parte do Contrato de Aquisição da unidade. As medidas dos apartamentos são internas e de face a face. A vegetação exposta é meramente ilustrativa, apresenta o porte adulto de referência e será entregue de acordo com o Projeto Paisagístico, podendo apresentar diferenças de tamanho e porte. Demais informações à disposição no plantão de vendas. Intermediações: Tegra Vendas. Creci 3-28638.

BREVE LANÇAMENTO

CASA JARDINS jaú

BY you,inc

ARQUITETURA E DESIGN
STUDIO ARTHUR CASAS

Entre em nosso Grupo no Telegram: t.me/BRASILJORNAIS

A ARQUITETURA AUTURAL
DE ARTHUR CASAS, NA ESQUINA
MAIS DESEJADA DO JARDINS.

Perspectiva ilustrada de projeto arquitetônico. Imagem criada por inteligência artificial.

3 SUÍTES

HALL PRIVATIVO | 2 VAGAS DEMARCADAS

STUDIOS+

COM PÉ-DIREITO DE 3,40 M

ALAMEDA JAÚ, 477 | JARDINS

AGENDE SUA VISITA E CONHEÇA O DECORADO

>>>>>>

you,aredigital

you,inc.com.br | you,inccorporadora | @you,inc | @you,inccorporadora | company/you-inc-incorporadora



3164.3453

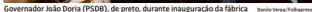
CASAJARDINSJAU.COM.BR

Incorporação, administração, realização
e futura intermediação:

you,inc

++

You Intermediação Imobiliária Ltda.: Av. Pres. Juscelino Kubitschek, 360 - 3º andar - São Paulo - SP - CEP 04543-000 - Tel.: (11) 3199-7000 - CIRETJ: 25.472-J. Incorporação imobiliária registrada sob o nº 18.02 da matrícula nº 201.601, do 4º Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo, no dia 14/12/2021. *As imagens contidas neste material são meramente ilustrativas, podendo sofrer alterações. A vegetação e o paisagismo retratados são meramente ilustrativos e apresentam porte adulto de referência. Na entrega do empreendimento, essa vegetação poderá apresentar diferenças de tamanho e porte.



Para diminuir a quantidade de projetos que caem no "vale da morte", especialistas defendem que haja uma autonomia dos países, especialmente de baixa e média renda, para a produção dos fármacos necessários.

Foi registrada uma média de 42 mil casos diários, um decréscimo de 32% em relação às duas semanas anteriores (20 de fevereiro a 5 de março). Também foi observada a redução do número de óbitos por Covid no período, com uma média diária de 570 óbitos, cerca de 35% abaixo dos valores das duas semanas anteriores.

Para os especialistas, o ponto de mudança da Covid-19 de pandemia para epidemia envolverá um conjunto de indicadores, sendo um deles o de letalidade, e a OMS (Organização Mundial da Saúde) deve ser a principal referência para essa definição.

cotidiano

Bolsonaro anuncia novo pacote de leis para aliviar punição a policiais

Excludente de ilicitude volta ao foco; projetos propõem penas mais duras para crimes contra agentes

Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) anunciou, nesta sexta (25), o envio ao Congresso Nacional de uma série de projetos de lei para endurecer penas para quem comete crimes contra policiais e aliviar punições a agentes.

A formulação do pacote legislativo ocorre em uma eleição eleitoral e é uma sinalização para a base política do presidente, principalmente agentes de segurança pública.

Uma das propostas altera o Código Penal para agravar a pena para crimes cometidos contra profissionais de segurança durante o trabalho.

O texto também traz pontos para abrandar penas para policiais que cometem excesso. Bolsonaro é um defensor do chamado excludente de ilicitude.

"Pela proposta apresentada, em situação de flagrante, a autoridade policial deixa de efetuar a prisão se entender que o profissional de segurança pública praticou o fato amparado por qualquer excludente de ilicitude ou culpabilidade", diz o comunicado do Ministério da Justiça.

Uma proposta de excludente de ilicitude constou no chamado pacote antiterro do ex-ministro da Justiça Sérgio Moro, hoje pré-candidato à presidência da República. Esse trecho, no entanto, acabou retirado do pacote durante a sua tramitação.

Ainda nos novos projetos de acordo com a pasta da Justiça, consta dispositivo que prevê que agentes de segurança, quando condenados, cumpram pena em dependências isoladas dos demais presos. Durante cerimônia no final da tarde desta sexta-feira (25), Bolsonaro defendeu o excludente de ilicitude.

"Devemos trabalhar e buscar o entendimento entre as Poderes para que no futuro — espero que não demore muito — o policial, ao cumprir sua missão, vá para casa repousar, reencontrar-se com a sua família; e no dia seguinte receber uma medalha, não a visita de um oficial de justiça".

O anúncio do pacote legislativo ocorreu durante cerimônia de condecoração da ordem do mérito do Ministério da Justiça. Entre os agraciados presentes, estavam os presi-



O presidente Jair Bolsonaro (PL) cumprimenta militares em Araçoiaba (PE). Valdinei Vieira - 13.03.22/Divulgação Presidência da República

A Justiça também informou que os novos projetos ainda enquadram como atos terroristas "o emprego premeditado de ações violentas que geram risco à população, com fins ideológicos e políticos, que atentem contra o patrimônio público ou privado".

Mas a pasta diz que isso não abarca "condutas individuais ou coletivas, de caráter pacífico, de pessoas em manifestações políticas, movimentos sociais, religiosos, entre outros".

O anúncio do pacote legislativo ocorreu durante cerimônia de condecoração da ordem do mérito do Ministério da Justiça. Entre os agraciados presentes, estavam os presi-

“[Trabalhamos para que] o policial, ao cumprir sua missão, vá para casa repousar, reencontrar-se com a sua família; e no dia seguinte receber uma medalha, não a visita de um oficial de justiça”

Jair Bolsonaro (PL)
presidente da República

tar o tempo de pena que precisa ser cumprido antes de um preso tenha direito a progressão de regime.

De acordo com nota da pasta, o percentual atual de tempo de cumprimento de pena permaneceria apenas para crimes cometidos por réu primário, sem uso de violência ou grave ameaça.

"Nos demais casos, o preso só teria direito a progressão de regime se tiver boa conduta comprovada. Passando de 20% para 25% no caso de reincidência em crime cometido sem violência a pessoa ou grave ameaça, de 25% para 30% se for réu primário e crime cometido com violência ou grave ameaça, de 30%

para 40% se for reincidente em crime cometido com violência ou grave ameaça", diz a pasta comandada pelo ministro Anderson Torres.

Ainda segundo o ministério, o tempo de cumprimento de pena mínimo antes da progressão, nos casos de crime hediondo ou equiparado, quando o réu for primário, passa a ser de 60% da pena. Atualmente, afirma a pasta, o período é de 45%.

O tempo mínimo antes da progressão também é estendido para reincidentes no caso de crimes hediondos, passando de 60% para 75% da pena. Se o crime resultar em morte, o percentual passa de 75% para 80%, segundo o ministério.

dentes do STF (Supremo Tribunal Federal), ministro Luiz Fux, e do Senador, Rodrigo Pacheco (PSD-MG).

Durante seu discurso, Bolsonaro defendeu ainda os decretos que afrouxaram as regras para que cidadãos possam comprar armas de fogo no país.

"Armas de fogo salvam vidas e, mais ainda, evitam que uma autoridade de plantão passe a valer a sua força ditatorial contra uma população armada", disse o presidente.

Apesar da fala de Bolsonaro e do novo pacote, propostas do governo federal para combater a criminalidade violenta no país não tiveram êxito.

Em maio do ano passado, a Folha mostrou que o Em Frente, Brasil, lançado por Bolsonaro e pelo então ministro Moro, terminou sua fase de testes com resultados decepcionantes: atraso de mais de um ano em sua conclusão, esvaziamento orçamentário e estrutural e ausência de indicadores de que tenha sequer chegado perto de atingir seu objetivo, o de reduzir substancialmente os homicídios em cinco cidades testadas.

Além do mais, o próprio Bolsonaro foi responsável por esvaziar diversos pontos do pacote antiterro de Moro. O conjunto de medidas era a principal bandeira do ex-juiz da Lava Jato no comando da pasta da Justiça.

Em dezembro de 2019, atendendo a pedidos da ala política, o presidente ignorou pedidos de vetos feitos pela equipe de Moro.

A Justiça havia recomendado vetos para 10 temas do texto aprovado pelo Congresso. O ministério recomendava a derrubada de 38 dispositivos, considerando parágrafos, incisos e artigos.

Bolsonaro, no entanto, atendeu de forma integral apenas quatro sugestões e uma, de forma parcial (nove dispositivos).

A época, ao justificar sua decisão, Bolsonaro afirmou que não podia "sempre dizer não" ao Congresso.

"Na elaboração de leis, quem dá a última palavra sempre é o Congresso", escreveu em rede social, na ocasião. "Não posso sempre dizer NÃO ao parlamento, pois estou fechando portas a qualquer entendimento".

No pacote legislativo, entrou ainda um item que permite que a reparação econômica de danos decorrentes de crimes possa ser descontada da folha de pagamento do condenado, numa espécie de equiparação ao que ocorre nos casos de pensão alimentícia. A ideia é permitir uma dedução entre 10% e 25% do salário.

Governo federal pede que STF declare que Fernando de Noronha é da União

José Marques

BRASÍLIA A AGU (Advocacia-Geral da União) iniciou uma disputa judicial no STF (Supremo Tribunal Federal) com o estado de Pernambuco para que seja declarado o domínio federal sobre o arquipélago de Fernando de Noronha.

Segundo o órgão do governo federal, Pernambuco desrespeitou um contrato de cessão de uso em condições especiais da ilha de Noronha, firmado em 2002.

O argumento é de que o estado fez concessões indevidas de edificações na faixa de praia, aumentou de forma irregular a rede hoteleira e deu permissões de uso sem autorização da SPU (Secretaria de Patrimônio da União).

Ainda diz que há conflitos de competência entre o Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais e Renováveis), além de o estado não cumprir pagamentos mensais à União.

Segundo a AGU, há houve uma tentativa de solução consensual do caso pela Controladoria-Geral da União, mas as negociações não foram para frente e o estado esvaziou os termos do contrato de cessão. O órgão do governo federal afirma ainda que Pernambuco desistiu, em 2022, de uma ação ajuizada no STF no qual argumentava que teria o domínio de Noronha.

O documento assinado pelo advogado-geral da União, Bruno Bianco, pede que o STF declare que "o domínio sobre o arquipélago de Fernando de Noronha é de titularidade integral da União" e "determinar, ao estado de Pernambuco, o imediato cumprimento do inteiro teor do Contrato de Cessão de Uso em Condições Especiais da Ilha de Fernando de Noronha".

A análise do caso foi sob responsabilidade do ministro Ricardo Lewandowski.

Em nota, o governo de Pernambuco afirma que "gosta-

ria que o governo federal tivesse a mesma persistência e celeridade que empenhou no processo judicial contemporâneo e que agride a Constituição para fazer cumprir a promessa, divulgada em 2019, de que iria realizar osacramento bísico da ilha".

O governo estadual ainda afirma que decidiu a Justiça Federal em Pernambuco do dia 15 de fevereiro afirmar que "seu rigoroso ponto de vista sistemático, que a ilha oceânica de Fernando de Noronha integra o território do estado de Pernambuco".

"Fernando de Noronha sempre fez parte de Pernambuco. Por sua localização estratégica foi considerada território federal em 1942 e utilizada como base militar na época da Segunda Guerra Mundial. Com a Constituição de 1988, voltou a compor o patrimônio do estado de Pernambuco. É um orgulho do povo pernambucano e vai continuar sendo".

MORTES

coluna.dibutante@grupofoh.com.br

Dedicou boa parte dos seus 101 anos à sétima arte

HENRIQUE DE OLIVEIRA JÚNIOR (1920-2022)

Priscila Camazano

SÃO PAULO Com mais de 80 filmes produzidos, participações em festivais e diversos prêmios nacionais e internacionais, Henrique de Oliveira Júnior dedicou boa parte dos seus 101 anos à sétima arte.

Apasionado por fotografia e cinema, o seu interesse pela área começou cedo.

"Seu espírito criativo não ficava somente nos filmes e na fotografia, sua busca pela perfeição fez com que ele mesmo criasse e produzisse seus próprios equipamentos, como amplificadores, câmeras acústicas, projetor de filme e tantos outros", afirmou a filha Ana Maria de Oliveira Diniz.

Nascido em Valinhos, no interior paulista, Henrique começou a trabalhar na infância, no armazém da família. Na juventude, foi aprendiz de protetor.

No entanto, foi na arte que ele encontrou o trabalho. O interesse por filmes surgiu quando começou a frequentar o cinema da cidade. A câmara de projeção era o lugar em que ele mais gostava de ficar.

Aos 14 anos, começou a trabalhar como assistente de operador de cinema no antigo Cine Coliseu, em Campinas. Depois, trabalhou em outros cinemas até ser proprietário de uma sala no distrito de Souza.

Foi neste cinema que conheceu Zenith, com quem depois casou e teve três filhos. O matrimônio durou 74 anos.

Começou a produzir os filmes "Lição Mercêda" (1952),

"O Artista" (1967), o curta "Ser" (1969), "Tabela" (1978), entre outros. Em 1977, ajudou a fundar o Museu da Imagem e do Som em Campinas.

"Uma grande honra e glória foi [ele] ter participado da fundação do MIS, onde participou como professor, cineasta e expositor", conta Ana Maria. Em sua casa, montou um estúdio completo de gravação, por onde passaram importantes artistas e músicos da região, lembra a filha.

"Uma grande honra e promissora dedicada ao cinema", afirmou de Oliveira Júnior, morreu aos 101 anos, de insuficiência renal. Deixa três filhos, seis netos e cinco bisnetos.

EM MEMÓRIA
MARILIZADA CONCEIÇÃO LOURENÇO Sábado (26/3) às 19h. Ingressos: R\$ 20. 2195 das 19h às 18h em diante. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Presença do Serviço Patrimonial Municipal de São Paulo:

Art. 1º - 1330-3100 e 1331-3100, para o setor de inventário e documentação.

Anúncio pago na Folha tel. (11) 3244-4000. Seg. e sab. - 16h às 20h. Sáb. e dom. - 12h às 19h.

As informações são de fontes confiáveis e não representam opinião da Folha de São Paulo. A Folha não se responsabiliza por danos decorrentes de uso indevido das informações.



Como se não houvesse amanhã

Infralegalismo vem amesquinhando a ação de agências de proteção ambiental

Oscar Vilhena Vieira

Professor da FGV Direito SP mestre em direito pela Universidade Columbia (EUA) e doutor em ciência política pela USP

A Constituição de 1988 assegurou a todos o "direito a um meio ambiente ecologicamente equilibrado, impondo ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações", antecipando de forma premonitória as ameaças impostas pela crise climática que hoje constitui um dos principais desafios para a humanidade.

Em atendimento a esse veredicto, o pacto intergeracional estabelecido pelo artigo 225 da Constituição Federal, o Brasil

adotou em 2004 um Plano de Ação para Prevenção e Controle de Desmatamento na Amazônia Legal, que foi consolidado pela lei nº 12.817, de 2009. A implementação desse plano contribuiu de maneira efetiva para a redução de 83% do desmatamento na Amazônia Legal, entre 2004 e 2012, contrariando interesses de grileiros, madeireiros, garimpeiros ilegais e de setores envolvidos em projetos agrícolas insustentáveis.

Incapaz de alterar a Constituição e as leis de proteção

ambiental, para atender sua base de apoio, o governo federal colocou em prática a estratégia — explicitada por Ricardo Salles na escatológica reunião ministerial de 22 de abril de 2020 — de subverter o sistema brasileiro de proteção ambiental, por meio de "reformas infralegais", como se não houvesse amanhã.

Combinada com estrangulamento orçamentário, nomeação de pessoas inaptas e atos parainstitucionais que estimularam o desmatamento, o infralegalismo autoritário de Bol-

sonaro vem permitindo ao seu governo amesquinhar a ação de agências de proteção ambiental como Ibama, ICMBio, Inpe e mesmo a Anp, Prodes/Inpe. O índice de emissões causadoras de emergência climática superou três vezes a meta estabelecida pela Política Nacional de Mudanças Climáticas.

O Supremo Tribunal Federal, que vem assumindo um papel fundamental na defesa das instituições democráticas e na proteção do direito à vida e à saúde da população durante o período Bolsonaro, terá nos

próximos dias uma oportunidade única de interromper essa espiral perversa de devastação ambiental.

Não se trata de interferência indevida do Supremo em esfera de competência do Executivo, mas de mero exercício da missão reservada ao Supremo de proteger a Constituição de atos e omissões que a afrontem. Ao Supremo não se requer a criação de uma política ambiental, mas apenas que faça cumprir aquilo que foi estabelecido pela Constituição e pelas leis.

Mais do que a preservação das florestas, do regime de chuvas, da pujança do agronegócio ou da preservação de nossa matriz limpa de energia — que dependem de nosso regime de águas —, que está em jogo nosso julgamento e o bem-estar de nossos filhos e netos e, no limite, a própria sobrevivência das futuras gerações.

[DOA. Antonio Prata] [SEG. Marcia Costa, Maria Homem] [TER. Vera Sacconelli] [QUA. Ilana Szabó de Carvalho, Jairo Marques] [QUI. Sérgio Rodrigues] [SEX. Tati Bernardi] [SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho]

Parque das cataratas passa a ter gestão privada

Consórcio Novo PNI, vencedor do leilão, vai começar a atuar em dezembro; estão previstos teleférico e novas trilhas

Rosana Felix

CURTIDA A nova gestão do Parque Nacional do Iguaçu, em Foz de Iguaçu (PR), que foi arrematada em leilão pelo Consórcio Novo PNI na terça-feira (22), vai começar a atuar a partir do início de dezembro. O ingresso para as cataratas e outras atrações valerá, no primeiro ano de contrato, R\$ 80 para estrangeiros, R\$ 72 para brasileiros em geral e moradores de países do Mercosul e R\$ 16 para moradores de cidades vizinhas.

O principal atrativo do local são as cataratas do Iguaçu, eleitas uma das sete maravilhas da natureza, em 2011. Pelo contrato, o preço máximo de R\$ 80 poderá ter acréscimo de R\$ 10 a cada ano, podendo chegar, portanto, a R\$ 120 após quatro anos da concessão, mas há variações de preço. Os demais ingressos para brasileiros e moradores do entorno terão reajuste equivalente.

Atualmente, a entrada para brasileiros custa R\$ 60, sendo R\$ 20 para quem vem de cidades do entorno. Turistas do Mercosul pagam R\$ 85 e demais estrangeiros, R\$ 107. No contrato, há também a opção de construção de um teleférico, novas trilhas, opções de imersão ambiental e práticas esportivas.

A concessão para a iniciativa



Cataratas no Parque Nacional do Iguaçu, no Paraná

Alan Santos - Foto: 21/Divulgação/Presidência da República

privada pelo governo Jair Bolsonaro (PL) faz parte do PND (Programa Nacional de Desestatização), que inclui também os parques de Jericoacoara (Ceará) e dos Lençóis Maranhenses (Maranhão).

Durante o governo Bolsonaro, já passaram também a iniciativa privada outros parques na região Sul, como os da Serra Geral, em Praia Grande (SC), e de Aparados da Serra, em Cambaú do Sul (RS).

O lance vencedor para Iguaçu foi de R\$ 375 milhões, o que representa um acréscimo de 320,4% em relação ao previsto no edital, e garante a concessão do local por 30 anos.

Entre as novidades para a próxima gestão está a de incluir serviços turísticos, que antes eram explorados por empresas diferentes, e investimentos na pesquisa e educação ambiental. Também estão previstas ações de ges-

ção de renda para beneficiar famílias de 13 municípios que abrigam o parque.

O contrato prevê investimentos de R\$ 500 milhões nos próximos anos. As mudanças começam a valer só em dezembro, já que o contrato atual vigorava até 30 de novembro.

O consórcio é formado por duas grandes empresas do ramo de atrativos naturais: o Grupo Cataratas, que já explorava parte das atividades

no parque desde 1990, e pela construtora Construpac.

A primeira também é responsável pelo Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha (PE) e pelo transporte até o Concordeio no Parque Nacional da Tijuca, no Rio de Janeiro, entre outros atrativos. Já a Construpac é a gestora do parque terapêutico, em São Paulo, desde 2020, concedido pela prefeitura.

"Estamos vendo com bons olhos. Quem ganhou, além de ser empresa local, já tinha a concessão, o que facilita o diálogo, as negociações, o monitoramento e a cobrança", afirma a bióloga Luciana Ribeiro, coordenadora geral do OBICAMV (Observatório Educador Ambiental Moia Viezer), ligado à UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e com sede em Foz.

A bióloga diz que todas as obras de infraestrutura estão ainda sujeitas a licença ambiental, e que o ICMBio continua responsável por questões de fiscalização, pesquisa e educação ambiental. "A concessão permite explorar o turismo em algumas áreas, e o contrato foi aperfeiçoado, com mais compromisso com o funcionamento do parque como local de conservação".

Na visão de Ribeiro, o contrato é mais rigoroso que o anterior e inova ao destinar 6%

da receita para investimentos para pesquisa, voluntariado e geração de renda no entorno.

"A entrada do parque fica em Foz, mas de envolve outros 13 municípios que se sentiam excluídos dos benefícios diretos do turismo. Ainda há muita caça, pesca, invasões de áreas. O investimento em geração de renda voltado ao entorno faz uma diferença enorme, ganha o apoio da comunidade", acrescenta.

A concessão anterior originalmente venceria no fim de 2022, mas foi prorrogada em um contexto de suspensão das atividades turísticas, por conta da pandemia. A minuta do novo edital então ficou em um conselho gestor do Parque Nacional e depois ficou meses em consulta pública para a comunidade.

Um dos pontos mais importantes dessa concessão pública foi o valor do ingresso, diz o presidente do Iguaçu Convention & Visitors Bureau, Felipe Gonçalves. "Em meio à pandemia, a entrada apostou que quem viria de fora teria que pagar até 600%. Pelo novo contrato, o valor do ingresso não pode passar de R\$ 80 no primeiro ano. O parque do Parque Nacional do Iguaçu, criado em 1939, tem cerca de 200 mil hectares e é a maior reserva remanescente de mata atlântica da região.

classificados | Para anunciar ou ver mais ofertas acesse folha.com/classificados

11 3224-4000

FORMAS DE PAGAMENTO Cartão de crédito, débito em conta, boleto bancário ou pagamento à vista

<p>EMPREGOS</p> <p>EMPREGADOS PROCURADOS</p> <p>A</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>NEGÓCIOS</p> <p>EMPRESAS COM VENDA</p> <p>VENHA DE EMPREENDEDOR OU INVESTIDOR EM BUSCA DE OPORTUNIDADES</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>COMUNICADOS</p> <p>DEBATE DE EMPREENDEDOR</p> <p>DEBATE DE EMPREENDEDOR</p> <p>DEBATE DE EMPREENDEDOR</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>ADRIANA E AMIGAS</p> <p>Faço tudo o que quiser</p> <p>Adriana e Amigas</p> <p>Adriana e Amigas</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>
<p>EMPREGOS</p> <p>EMPREGADOS PROCURADOS</p> <p>A</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>NEGÓCIOS</p> <p>EMPRESAS COM VENDA</p> <p>VENHA DE EMPREENDEDOR OU INVESTIDOR EM BUSCA DE OPORTUNIDADES</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>COMUNICADOS</p> <p>DEBATE DE EMPREENDEDOR</p> <p>DEBATE DE EMPREENDEDOR</p> <p>DEBATE DE EMPREENDEDOR</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>ADRIANA E AMIGAS</p> <p>Faço tudo o que quiser</p> <p>Adriana e Amigas</p> <p>Adriana e Amigas</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>
<p>EMPREGOS</p> <p>EMPREGADOS PROCURADOS</p> <p>A</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>NEGÓCIOS</p> <p>EMPRESAS COM VENDA</p> <p>VENHA DE EMPREENDEDOR OU INVESTIDOR EM BUSCA DE OPORTUNIDADES</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>COMUNICADOS</p> <p>DEBATE DE EMPREENDEDOR</p> <p>DEBATE DE EMPREENDEDOR</p> <p>DEBATE DE EMPREENDEDOR</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>ADRIANA E AMIGAS</p> <p>Faço tudo o que quiser</p> <p>Adriana e Amigas</p> <p>Adriana e Amigas</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>
<p>EMPREGOS</p> <p>EMPREGADOS PROCURADOS</p> <p>A</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>NEGÓCIOS</p> <p>EMPRESAS COM VENDA</p> <p>VENHA DE EMPREENDEDOR OU INVESTIDOR EM BUSCA DE OPORTUNIDADES</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>COMUNICADOS</p> <p>DEBATE DE EMPREENDEDOR</p> <p>DEBATE DE EMPREENDEDOR</p> <p>DEBATE DE EMPREENDEDOR</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>ADRIANA E AMIGAS</p> <p>Faço tudo o que quiser</p> <p>Adriana e Amigas</p> <p>Adriana e Amigas</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>	<p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>CLÍNICA</p> <p>ANEXOS: 11 3224-4000</p>

Associação dos Trabalhadores Aposentados e Pensionistas da Região do Grande ABCOMPAGS
NOTA DE CIDADANIA
EDITAL DE CONVOCAÇÃO
 Prezado(a) Senhor(a),
 A Associação dos Trabalhadores Aposentados e Pensionistas da Região do Grande ABCOMPAGS, inscrita no CNPJ nº 04.248.880/0001, tem o prazer de convidar todos os seus associados e pensionistas para a Assembleia Geral Ordinária, a ser realizada em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

Assinada por: **Associação dos Trabalhadores Aposentados e Pensionistas da Região do Grande ABCOMPAGS**
 Assinada por: **Associação dos Trabalhadores Aposentados e Pensionistas da Região do Grande ABCOMPAGS**
 Assinada por: **Associação dos Trabalhadores Aposentados e Pensionistas da Região do Grande ABCOMPAGS**

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE
FUNDAÇÃO PARA A CONSERVAÇÃO E A PRODUÇÃO FLORESTAL DO ESTADO DE SÃO PAULO
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 REPUBLICADO SEM DESENVOLVIMENTO DE PRATO PARA AQUISIÇÃO DO ARQUIVO FOTOGRAFICO EM FORMA DIGITALIZADA DO LOTE 152 E 153 E 154 - PLANARIS CARRACONDA DETACHADA, N.º 12, SÍTIO DA FUNDAÇÃO FLORESTAL, TOMADA DE PREÇO Nº 01/22. O Edital de Licitação nº 01/2022, publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo em 24 de março de 2022, foi alterado para a abertura de licitação em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

CIDADE DE SÃO PAULO
SUBPREFEITURA
VILA PRUDENTE
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE
FUNDAÇÃO PARA A CONSERVAÇÃO E A PRODUÇÃO FLORESTAL DO ESTADO DE SÃO PAULO
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 EDITAL DE LICITAÇÃO Nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Companhia Paulista de Saneamento - CPP
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Companhia Paulista de Saneamento - CPP
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Companhia Paulista de Saneamento - CPP
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Companhia Paulista de Saneamento - CPP
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

Zenvia Mobile Serviços Digitais S.A.
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

Associação dos Trabalhadores Aposentados e Pensionistas da Região do Grande ABCOMPAGS
NOTA DE CIDADANIA
EDITAL DE CONVOCAÇÃO
 Prezado(a) Senhor(a),
 A Associação dos Trabalhadores Aposentados e Pensionistas da Região do Grande ABCOMPAGS, inscrita no CNPJ nº 04.248.880/0001, tem o prazer de convidar todos os seus associados e pensionistas para a Assembleia Geral Ordinária, a ser realizada em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

Assinada por: **Associação dos Trabalhadores Aposentados e Pensionistas da Região do Grande ABCOMPAGS**
 Assinada por: **Associação dos Trabalhadores Aposentados e Pensionistas da Região do Grande ABCOMPAGS**
 Assinada por: **Associação dos Trabalhadores Aposentados e Pensionistas da Região do Grande ABCOMPAGS**

COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO - METRÔ
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO - METRÔ
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO - METRÔ
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO - METRÔ
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO - METRÔ
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO - METRÔ
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO - METRÔ
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO - METRÔ
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO - METRÔ
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FERNANDO PRESTES
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

Assinada por: **Prefeitura Municipal de Fernando Prestes**
 Assinada por: **Prefeitura Municipal de Fernando Prestes**
 Assinada por: **Prefeitura Municipal de Fernando Prestes**

ENAE - Empresa Metropolitana de Águas e Energia S.A.
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

ENAE - Empresa Metropolitana de Águas e Energia S.A.
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

ENAE - Empresa Metropolitana de Águas e Energia S.A.
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

ENAE - Empresa Metropolitana de Águas e Energia S.A.
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

ENAE - Empresa Metropolitana de Águas e Energia S.A.
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

ENAE - Empresa Metropolitana de Águas e Energia S.A.
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

ENAE - Empresa Metropolitana de Águas e Energia S.A.
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

ENAE - Empresa Metropolitana de Águas e Energia S.A.
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

ENAE - Empresa Metropolitana de Águas e Energia S.A.
ABERTURA DE LICITAÇÃO
 Atividade: Atividade de Licitação nº 01/2022, processo nº 01/2022, para aquisição de material de limpeza, a ser realizado em 26 de março de 2022, às 14h30, no local a seguir informado.

esporte

ESPORTE
AO VIVO16h São Paulo e Corinthians
Novo Parque Brasília, TV UOL18h30 Palmeiras x RB
Brasília, YouTube21h Grizzlies x Bucks
NBA, ESPN

Após euforia, realidade bate à porta da Itália

Tetracampeões veem esperança com Eurocopa virar dor diante de eliminação na repescagem para a Copa do Mundo

Alex Sabinio

SÃO PAULO Os italianos tomaram as ruas do país em julho do ano passado para comemorar o que deveria ser a redefinição do futebol nacional. A seleção havia conquistado a Eurocopa em grande estilo. Derrotou os ingleses em Wembley na final.

Depois do dor de não se classificar para a Copa de 2018 na Rússia, era a prova de que o time quatro vezes campeão mundial estava de volta.

Não estava. Nove meses mais tarde, jogadores, técnicos e torcedores tentam entender o que aconteceu. Com gol de Aleksandar Trajkovski nos acréscimos, na quinta (14), a Macedônia do Norte eliminou a Itália em Palermo na repescagem para o Mundial no Qatar.

"Tenho orgulho dos meus companheiros. Estamos todos destruídos, mas temos que começar de novo. É difícil falar sobre isso. Vamos continuar em um grande buraco", disse o zagueiro Giorgio Chiellini, símbolo da conquista europeia no ano passado.

Um dos nomes mais importantes do futebol italiano nas últimas duas décadas, o defensor pode não estar no ciclo de preparação para o torneio a ser dividido por Estados Unidos, México e Canadá em 2026. Ele ainda não anunciou sua aposentadoria da seleção, ao contrário do que aconteceu há cinco anos.

Em novembro de 2017, ao empatar em 2 a 2 com a Suécia, em Milão, o país não se classificou para o Mundial do ano seguinte. Após a queda, Chiellini anunciou que não atuaria mais em uma camisa da Azzurra.



Oito-brasileiro João Pedro no jogo contra a Macedônia do Norte na quinta (24) Alberto Pizzoli/AF3

Foi a partida que teve a imagem simbólica da conquista da Copa do Mundo de 2006. Com o time a precisar de maneira desesperada do gol salvador diante dos suíços, o volante Danielle De Rossi se resolveu ao ouvir o pedido do técnico Giampiero Ventura para se aquecer antes de entrar.

Aparentou para o meio atacante Lorenzo Insigne, nervoso, a questionar o motivo para não ter sido escolhido um nome mais ofensivo.

Ventura foi exonerado. Acabou derrotado desde então passou por Chievo e Salernitana, duas equipes de pouca expressão. A eliminação na repescagem pa-

ra o Qatar aconteceu sob direção de Roberto Mancini, mesmo técnico que levou a Itália ao título europeu em 2021.

"Espero que ele continue porque é essencial. Temos que voltar a vencer: ir de novo à Eurocopa e em quatro anos voltar a esta Copa do Mundo abençoada", concluiu Chiellini.

A competição europeia pode servir vista como um consolo, mas também como tropeço, que tem engarrafado os italianos quanto à sua força real. A última vez em que a seleção disputou uma partida de mata-mata na Copa do Mundo foi a final de 2006, quando bateu a França nos penáteis.

Desde então, caiu na fase

“Eu tenho orgulho dos meus companheiros. Estamos todos destruídos e quebrados, mas temos de começar de novo. É difícil falar sobre isso. Vamos continuar em um grande buraco”

Giorgio Chiellini, 37 zagueiro e um dos líderes da atual seleção italiana

de grupos em 2010 e 2014. Se no Mundial no Brasil estava na chave considerada a mais forte (com Inglaterra, Uruguai e Costa Rica), na África do Sul teve como adversários Nova Zelândia, Paraguai e Eslovênia. Mesmo assim, não ficou entre os dois melhores.

Na Eurocopa, foi finalista em 2012, chegou às quartas em 2016 e levantou a taça em 2021. Há muito o vencedor de atletas para que Mancini continue no comando, mas, segundo a imprensa do país, ele considera a possibilidade de renunciar. Mesmo no futebol de clubes, a potência italiana não é mais a mesma no continente. O último título de Champions League foi da internacional, em 2021. Desde então, apenas a Juventus chegou a duas decisões (2015 e 2017). Perdeu ambas. Não há nenhum time do país classificado para as quartas do torneio neste temporada.

Mas isso não é motivo para explicar 12 anos de ausência (no mínimo) na Copa do Mundo. Seleções de menos tradição com jogos menos malcras vão ao Qatar.

A Suíça ficou em primeiro e garantiu a vaga no grupo em que estava a Itália, que poderia ter ficado com a liderança se tivesse derrotado a Irlanda do Norte fora de casa. Empatou por 0 a 0. Antes disso, o volante Jorginho, nascido no Brasil, teve nos pés a que seria a bola da classificação, com uma cobrança de penalti diante dos suíços. Desperdiçou.

"O título em julho [da Eurocopa] foi minha maior alegria. Agora é a maior decepção da minha carreira", disse Mancini. Ele fazia parte do elenco derrotado nos penáteis pela

Argentina, em casa, na semifinal da Copa do Mundo de 1990. Mas, na época, o temperamental atacante não se dava bem com o técnico Azzoglio Vicini e foi pouco usado.

"É difícil aceitar o que aconteceu. Agora é hora de não fazer algumas questões", tentou explicar o volante Marco Verratti. Após o apito final em Palermo, a imprensa italiana começou a buscar explicações e culpados. É fato que a Itália não tinha mais um goleiro do nível de Gianluigi Buffon. Pos- suía um meio atacante talentoso, mas inconsistente (Insigne), e não encontra um atacante de ponta do futebol europeu.

Mas, se Ciro Immobile não é Paolo Rossi, foi chateado de ouro do futebol europeu (35 gols) em 2022. Contra a Macedônia do Norte, pouco apareceu, a mostrar mais uma vez que não consegue, pela seleção, buscar explicações e culpados. É fato que a Itália não tinha mais um goleiro do nível de Gianluigi Buffon. Pos- suía um meio atacante talentoso, mas inconsistente (Insigne), e não encontra um atacante de ponta do futebol europeu.

Os problemas poderiam impedir o sucesso da seleção na próxima mundial. Mas não se classificar para a Copa? De novo? "Doi quando eu penso no penalti que perdi contra a Suíça. Poderia ter mudado tudo. Vou pensar nisso pelo resto da vida", confessou Jorginho.

A ironia é que Trajkovski, o verdadeiro italiano, jogou por quatro temporadas no Palermo, mas não conseguiu se estabelecer na cidade que testemunhou a maior glória da história esportiva da Macedônia do Norte.

Corinthians reencontra Boca Juniors em volta à Libertadores depois de três edições fora

SÃO PAULO Fora das últimas três edições da Libertadores, o Corinthians encontrará um velho conhecido no retorno à competição. No sorteio realizado pela Conmebol em 2021, nesta sexta (25), no Paraguai, a equipe alvinegra caiu na chave do Boca Juniors, sua vítima na decisão de 2017.

Os times — que também duelaram no torneio em 1991 e 2013, com triunfo argentino — estão no Grupo E, enfrentando pelo Boca. Eles encerrarão também o Deportivo Cali, da Colômbia, e o Al Wasl Ready, da Arábia Saudita. A tabela ainda será confeccionada, mas a fase de grupos já terá início no começo de abril.

Já Palmeiras, atual bicampeão, não enfrentará equipes com tradição no torneio. Cabeça de chave do Grupo A, a formação alviverde jogará contra o Emelec, do Equador, o Deportivo Táchira, da Venezuela, e o Independiente Petrolero, da Bolívia.

Também haverá duelo entre rivais regionais. Cabeça de chave do Grupo D, o Atlético-MG terá o América-MG como um de seus oponentes. Independente do Valle, do Equador, e Deportes Tolima, da Colômbia, completam o grupo. O Flamengo, principal ti-

me do Grupo H, mediará foras com Universidad Católica, do Chile, Sporting Cristal, do Peru, e Talleres, da Argentina. No Grupo B, encabeçado pelo Athletico, se disputa ainda Libertad, do Paraguai, Caracas, da Venezuela, e The Strongest, da Bolívia.

Estreante, o Fortaleza caiu no Grupo F, ao lado de River Plate, da Argentina, Colo Colo, da Chile, e Alianza Lima, do Peru. Outro que disputa o torneio pela primeira vez, o Red Bull Bragantino está em uma chave de campeões da Libertadores. Na Libertadores, os dois primeiros de cada chave avançam às oitavas de final, onde se junta aos terceiros colocados dos grupos da Libertadores. Na Libertadores, os dois primeiros de cada chave avançam às oitavas de final, onde se junta aos terceiros colocados dos grupos da Libertadores. Na Libertadores, os dois primeiros de cada chave avançam às oitavas de final, onde se junta aos terceiros colocados dos grupos da Libertadores.

diantes, ambos da Argentina.

A cerimônia na sede da Conmebol teve ainda o sorteio das chaves da Sul-Americana. No Grupo D, o São Paulo, campeão de 2012, enfrentará Jorge Wilstermann, da Bolívia, Ayacucho, do Peru, e Everton, do Chile. O Santos, no Grupo C, duelará com Unión La Calera, do Chile, Banfield, da Argentina, e Universidad Católica, do Equador.

Só o primeiro colocado de cada chave avança às oitavas de final, onde se junta aos terceiros colocados dos grupos da Libertadores. Na Libertadores, os dois primeiros de cada chave avançam às oitavas de final, onde se junta aos terceiros colocados dos grupos da Libertadores.

Confira as chaves da Copa Libertadores 2022

GRUPO A

Palmeiras
Emelec (EQU)
Deportivo Táchira (VEN)
Independiente Petrolero (BOL)

GRUPO B

Athletico
Libertad (PAR)
Caracas (VEN)
The Strongest (BOL)

GRUPO C

Nacional (URU)
Velez Sarsfield (ARG)
Red Bull Bragantino
Estudiantes (ARG)

GRUPO D

Atlético-MG
Independiente del Valle (EQU)
Deportes Tolima (COL)
América-MG

GRUPO E

Boca Juniors (ARG)
Corinthians
Deportivo Cali (COL)
Always Ready (BOL)

GRUPO F

River Plate (ARG)
Coco-Colo (CHI)
Alianza Lima (PER)
Fortaleza

GRUPO G

Peñarol (URU)
Corinto Porteno (PAR)
Cerro (ARG)
Olimpia (PAR)

GRUPO H

Flamengo
Universidad Católica (CHI)
Sporting Cristal (PER)
Talleres (ARG)

Cristiano Ronaldo fora deste que pode ser o último Mundial do maior artilheiro de seleções de todos os tempos?

Se isso acontecer, o português eleito cinco vezes o melhor do mundo não será o único a estar vindo a Copa pela televisão. Na repescagem europeia, Suécia e Polónia disputam a mesma vaga, ou seja, a competição terá o duelo Red Lewandowski ou Zlatan Ibrahimovic.

Ainda não será a vez de ver Erling Haaland em um Mundial, já que a Noruega não se classificou. Se olharmos as eliminatórias africanas, Egito e Senegal se enfrentam, e só um dos craques e amigos do Liverpool, Mohamed Salah ou Sadio Mané, irá para o Qatar em 2022.

Mas o álbum de figurinhas da Copa continuará brilhante. Entre as seleções europeias, teremos Xhavi Mbappé

e Karim Benzema na atual campeã França, Kevin De Bruyne na Bélgica, Alemanha, Espanha, Inglaterra, a volta da Holanda, e outros candidatos ao título mundial agora, com a taça em Brasil.

Por aqui, os britânicos estão empolgados com a possibilidade de o País de Gales de Gareth Bale, a uma vitória na classificação, voltar à Copa. Não é para menos.

A única vez que os galês disputaram a taça foi em 1958, quando foram eliminados nas quartas de final pelo Brasil, com um gol de Pelé. Greta não quer que a Inglaterra vá longe no Mundial. Acha que os ingleses ficam arrogantes quando vencem. Já que a Itália não venceu a Copa, prefere Portugal porque tem amigos e familiares portugueses. Ou, talvez, agora eu possa torcer pelo Brasil!"

Astrô fora do Mundial

A Itália não vai para a Copa. E Portugal?

Marina Izidoro

E jornalista e vive em Londres. Cobriu cinco Olimpíadas, Copa e Champions. Mestre e professora de jornalismo esportivo na St Mary's University College

Assim que a primavera começa, as pessoas ficam mais felizes em Londres. Faz sol, os dias são mais longos e aqui, escurece às 18h no inverno — e as magnólias deixam as ruas coloridas e perfumadas. Como o calor não dura tanto, parques e pubs ficam cheios com os 17 graus de sexta-feira (25). Greta não liga para isso. Ela não entende o que se considera italiana porque os pais nasceram na Itália e ela morou muitos anos naquele país. Enquanto embala um bebê no carrinho, a babá puxa papo comigo para saber que estou escrevendo sobre futebol. "Estou desastrosa", diz.

A Itália está fora da Copa do Mundo de novo, eliminada que eles ainda tentam entender. Na última quinta-feira (24), a Azzurra perdeu a partida decisiva da repescagem europeia para a Macedônia do Norte, 6 a 1 no ranking da Fifa. Finalizou a vez, penou com a parede defensiva adversária e levou um gol de Aleksandar Trajkovski nos acréscimos.

Greta me conta que ligou para a avó na Itália depois do jogo. "Acho que vou anos, cresci vendo futebol com os sete irmãos. Ela me falou que, a esta altura da vida, ter que ver a Itália não ir para a Copa duas vezes seguidas é uma vergonha".

Para os italianos, apaixonados pelo esporte, é decepcionante e difícil de digerir. A seleção foi campeão europeia no ano passado com uma equipe empolgante. Tu disse bem que o retrospecto recente em Copas não é dos me-

lhores — foi eliminada na fase de grupos em 2010 e em 2014, não se classificou para o torneio em 2018. Mas a Itália foi do céu ao inferno em apenas oito meses. "Outro desastre", escreveu o jornal Corriere dello Sport.

A Macedônia do Norte enfrenta Portugal na terça-feira (29) pela vaga no Mundial. Vale lembrar que ganhou da Alemanha na fase de grupos das eliminatórias e agora tirou os tetracampeões mundiais. Os portugueses que se cuidem. Da para imaginar

Instagram Festa na Firma tira sarro da vida corporativa com piadas à la The Office

Ivan Floriti

SÃO PAULO Enquanto a maioria das pessoas sonha com a fama nas redes sociais, os criadores do perfil Festa da Firma, no Instagram, fogem da exposição como o diabo da cruz. A razão para esse anonimato é a natureza das postagens: gozações com a vida corporativa.

Um post recente, curtido por mais de 50 mil pessoas, pergunta "Por que te copieei nesse e-mail?". As respostas são apresentadas em um gráfico estilo pizza, típico do Excel, e variam com grandes faixas entre "você é meu chefe e quero mostrar que estou trabalhando", "pra te culpar por algo que fiz", "pra te culpar por algo que

fez", "uma demonstração de poder" e "pra provar, no futuro, que vc estava ciente".

Aquela que seria a resposta "certa", ou seja, desejável em uma corporação, é a que representa uma parte ínfima do gráfico: "pensei que seria útil". Sendo que os quatro amigos que mantêm a operação do perfil trabalham todos em corporações, a melhor saída foi fazer isso em segredo.

"Não sei como eles vieram ao fato de que o cara que tira sarro do trabalho deles trabalhe para eles. Por isso, decidimos nunca aparecer", diz o criador da Festa da Firma, que bate cartão como engenheiro em uma multinacional de São Paulo.

Quanto ao assunto para os

posts, isso vem da experiência pessoal do fundador. "Na minha profissão, acabo atendendo e tendo muito contato com outras multinacionais, bancos, agências de marketing, empresas de tecnologia etc. Em todos esses escritórios, as dores dos funcionários são as mesmas. É prático urgente, cliente sem paciência, cobrança do chefe, metas a serem atingidas etc", conta ele.

Uma fonte de inspiração, é claro, é a versão norte-americana do seriado norte-americano "The Office" (2005-2013, na Amazon Prime e na HBO Max), que revelou para o grande público o comediante Steve Carell como o chefe de um escritório que, metendo os pés pelas mãos, praticamente

trabalha contra seus comandos. É o rosto dele, na pele do personagem Michael Scott, que ilustra a foto de perfil do Festa da Firma.

Outras piadas que caíram no gosto do público são a almost friday e o log off. A primeira, publicada sempre às quintas, traz fotos e vídeos do pessoal se divertindo e se preparando para o fim de semana. Já o log off, que acontece toda sexta, é o ato de desligar o seu computador ao fim da jornada semanal.

Captando essa angústia universal, que é idêntica em escritórios no Brasil, nos EUA, na Inglaterra e em todo o mundo, o Festa da Firma conseguiu chegar a 665 mil seguidores no Instagram, além de

operações mais recentes e menores no Twitter e no TikTok.

Para bolar uma média de dois posts por dia, o fundador acaba fazendo uma jornada dupla. Mas não está sozinho. A página teve uma primeira encarnação em 2017, em que apenas ele trabalhava, e foi logo fechada. Em 2019, três amigos de infância — um advogado, um CEO de start-up, e outro engenheiro civil — se uniram a ele e o perfil renasceu.

Desta vez, para o sucesso.

Comercialmente, o Festa da Firma deslançou em 2021, quando a maioria dos escritórios fechou e as pessoas passaram a trabalhar em home office — de quebra, abrindo o leque para um assunto totalmente novo para piadas.

Algumas firmas passaram a procurar o perfil para divulgar seus produtos, pagando por posts, caso da Cultura Inglesa em São Paulo. Gigantes da indústria estão pagan-

do para anunciar ali vagas em seus escritórios, inclusive de estagiários e trainees, como feito pela Ambev. Todos esses anúncios são bolados pela equipe e seguem o mesmo espírito anárquico dos posts normais do Festa da Firma.

Além disso, a equipe do Festa da Firma deu uma master class sobre como aumentar o engajamento e o alcance de suas redes sociais para com profissionais de marketing de uma grande empresa.

O resultado é espantoso. Segundo o criador do perfil, o Festa da Firma já fatura mensalmente mais que a soma dos salários dos quatro envolvidos. Parece que o plano B deu certo, então?

"Ainda não dá para pensar em largar o emprego normal", diz o fundador. "Estamos sujeitos mudanças de algoritmo, migração de plataformas, nunca se sabe o que vai acontecer nesse meio digital."



SEMÁFORO VERMELHO

Caranguejos atravessam da floresta em direção à estrada em direção ao mar, onde vão procriar, em Playa Larga, Cuba. *Stringer/Reuters*

COZINHA BRUTA

Marcos Nogueira

folha.com/vozenfalebruta

O bolo afrodescentista

Nega maluca é o nome tradicional de um bolo de chocolate muito do ordinário — no sentido de comum, já me adianta em explicar, pois a pauta do dia é a interpretação das palavras.

A massa leva farinha de chocolate (evidentemente), mais leite, óleo, açúcar e fermento químico. A calda é algo como um brigadeiro de sobra. Quem criminaliza bolos?.

Uma padaria de São Paulo, após circular do sindicato patronal que desaconselhava o uso de termos ofensivos, decidiu rebatizar o bolo. A nega maluca virou bolo afrodescentista.

O padeiro paulistano operou a façanha de desagradar todo mundo.

"Achavam que a gente que queria polemizar", declarou Mauro César Proença à coluna de Monica Bergamo. Como não achar?

O nome "bolo afrodescentista" rodopia em escândalo. Ainda mais com as letras "N.M.", ao lado na etiqueta, que naturalmente não re-

metem a "Nogueira, Marcos". Na trincheira dos reacionários, Proença pagou de frouxo que cedem à lacração dos esquerdistas identitários.

Sergio Camargo, sempre ele a sabotar as causas de sua gente, tuitou:

"Também estão na mira da patrulha politicamente correta a maria mole, teta-de-nega e língua-de-sogra. Querem criminalizar bolos?".

Salvo engano terrível, nenhum dos três artigos citados é bolo. Língua-de-sogra sequer é alimento — talvez ele tenha pensado no olho-de-sogra, beijinho de leite condensado com amêixa seca.

Que seja olho ou língua... a sogra é a maria-mole me pare-

cem zoieira tonta, embora eu realmente não saiba onde o calo pega para certas pessoas.

Mas teta-de-nega, meu velho???

Eu já soube da existência desse doce e a apaguei da memória — leseria, nada a ver com virtude bloqueando. Trata-se de um merengue, disposto em forma cônica sobre uma base redonda de biscoito, e posteriormente coberto com chocolate.

E o doce que a Copenhagen vende há décadas sob o nome Nhá Benta. Aliás...

Sergio Camargo acha beleza que alguém entenda um merengue como o seio de uma mulher preta e se lambuze ao comer, cascando de rir, diver-

são salutar do homem branco meritocrata.

Claro que ocorre certo exagero no revisionismo dos nomes das comidas. A imprensa portuguesa deu e rolou porque, no Brasil, o Ifood censurou a punheta de bacalhau e as batatas ao murro.

Por justificativa, incentivo à violência e ao sexo sórdido. O brasileiro é um otário que ridiculariza o português sem compreender patavina do senso de humor lusitano.

A punheta e o murro têm duplo sentido, pois, mas ambas as preparações envolvem uso do punho. Para amassar a batata e desfilar o bacalhau, sem sacanagem nem violência, sem ofender o punho.

Quanto à tradição de botar nomes racistas em doces, o que custa mudar? O que custa chamar um bolo de chocolate comunzinho de "bolo de chocolate"? Merengue com chocolate? fica até mais vendedor.

Não é razoável seguir pisotendo mulheres negras para preservar a tradição dos doces criados na casa grande. Mudar é fácil e indolor. É grátis.

ACERVO FOLHA | Há 50 anos 26.mar.1972

Governo argentino recusa exigência para fim de sequestro de industrial

O clima de tensão na Argentina é grande depois que o governo rejeitou as exigências do grupo de guerrilha Exército Revolucionário do Povo, que sequestrou na terça-feira (21) o industrial Oberdan Sallustro, presidente da Fiat no país.

A diretoria da empresa já acatou pagar o resgate de

US\$ 1 milhão. Contudo, o governo do presidente Alejandro Lanusse se recusa a libertar 52 presos políticos para que sejam embarcados para a Argélia e também se nega a soltar líderes sindicais que foram detidos em Córdoba.

Se as exigências não forem atendidas, os sequestradores ameaçam matar Sallustro.



O governo brasileiro ao lado de Banner ERP há mais de

LEIA MAIS EM
acervo.folha.com.br

PRONTO PARA MORAR • MOEMA

O LUXO DE VIVER COM O PARQUE IBIRAPUERA AOS SEUS PÉS.



M² A PARTIR DE:
R\$ 24.041*

**ALTÍSSIMO PADRÃO, DIFERENCIAIS E LAZER EXCLUSIVO
COM VISTA LIVRE PARA O PARQUE IBIRAPUERA.**

163 M² PRIVATIVOS
3 SUÍTES OU 4 DORMS. (2 SUÍTES)
3 E 4 VAGAS COM DEPÓSITO

- 1º pavimento a 8 m de altura do nível da rua
- Hall social exclusivo
- Elevador com sistema de controle de acesso¹
- Vagas determinadas
- Gerador para atender 100% do prédio¹
- Caixilhos dos dormitórios com persianas de enrolar com atenuação acústica¹

(1) CONFORME MEMORIAL DESCRITIVO.



FOTO DO EMPREENDIMENTO

AGENDE SUA VISITA • 3135-5110
AV. INDIANÓPOLIS, 272 - MOEMA
WWW.EZTEC.COM.BR

Comercialização:



Realização e Construção:



Central de Atendimento EZTEC: R. Domingos de Moraes, 2187 - Torre Dubai - Sala 114 - Vila Mariana - São Paulo (SP) - Fone: 5056-8308 - Diária 24 horas - www.eztec.com.br - CRECI: 5677-J.
Le Jardin - Michigean Incorporadora Ltda. CNPJ 26.828.314/0001-79. Memorial de Incorporação registrado junto ao 14º Cartório Oficial de Registro de Imóveis de São Paulo, sob o número R.2 da matrícula 229.119 em 19/12/2019. (1) LE JARDIN IBIRAPUERA - (CE: R\$ 4.620,660) (POR: R\$ 3.333,978) - Condição válida para pagamento à vista da unidade 31, torre única do empreendimento Le Jardin Ibirapuera. Conforme tabela vigente para o mês de ABRIL/22. 81039

Envolvida

Ao emplacar 'Envolver' no topo das paradas, Anitta coroa longo investimento na carreira internacional e rompe tabu entre brasileiros

Entre em nosso Grupo no Telegram: t.me/BRASILJORNAIS

A cantora Anitta que, com 'Envolver', chegou ao primeiro lugar na plataforma de streaming Spotify Marcos Andrade

Pedro Martins

SÃO PAULO Mãos no chão, bunda empinada e muito rebolado. Foi com esses movimentos que Anitta levou "Envolver" ao topo das músicas mais tocadas no Spotify mundo afora.

O single, em espanhol, não era novo nem um grande sucesso. Desde que foi lançado, em novembro, não tinha chegado nem ao topo das paradas brasileiras, o que Anitta

já havia feito mais de dez vezes. Eis que, uma semana atrás, sua coreografia viralizou no TikTok e passou a ser reproduzida por estrelas de Gil do Vigor a Ana Maria Braga. Desde então, Anitta vem quebrando recordes dia após dia.

Flávio Verne, coreógrafo de Pablo Vittar, Luísa Sonza e Duda Beat, arriscou um palpite para o sucesso: "Para gravar um TikTok, a pessoa vai ensaiar várias vezes, gravar

outras tantas, e nisso os plays vão se somando. Você ouve a música mais de dez vezes antes de postar a dancinha", diz.

Mas ele adverte que não podemos ser simplistas. Afinal, já faz cinco anos, desde "Paradinha", que Anitta lança single atrás de single em espanhol, inglês ou nos dois idiomas misturados com o português para chegar ao topo.

É o que também diz Marcelo Castello Branco, diretor da

União Brasileira dos Compositores, a UBC. Com 30 anos de carreira, ele presidiu a Universal Music na América Latina, em Portugal e na Espanha. Ao se lembrar das ocasiões em que tentou exportar figuras como Sandy & Junior e Ivete Sangalo, o executivo lembra a falta de disponibilidade dos artistas para se dedicar à carreira estrangeira como principal motivo do fracasso.

É que não basta, argumen-

ta, fazer um show ou outro no exterior. É preciso se mudar do Brasil para virar presença constante em eventos da indústria e criar conexões sólidas com figuras estrangeiras.

Isso é o que Anitta vem fazendo há anos, numa ponte-aérea frenética entre Brasil e Estados Unidos, como mostra a série documental da Netflix que acompanha o seu dia a dia.

E, por outro lado, o que artistas como Michel Teló

e Gustavo Lima não quiseram fazer na década passada, quando "Ai Se Eu Te Pego" e "Balada Boa" estouraram.

Ou ainda, para dar exemplos mais antigos, o que Chitinho & Xororó não fizeram depois de emplacar "Guadalupe", que abasteceu a trilha sonora de novelas mexicanas, no topo da principal parada musical latina, o Hot Latin Singles, da revista Billboard.

Continua na pág. C4

ilustrada

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@spfolha.com.br

TEMPO DE ESPERA

O ex-presidente Lula (PT) bloqueou a agenda para encontros com grandes empresários.

TEMPO 2 Desde que ficou claro que o ex-presidente disputaria as eleições presidenciais, e com chance real de vitória, a fila de pedidos para um encontro com ele vem aumentando. Mas, com raras exceções, abertas a empresários conhecidos de longa data, Lula tem preferido agir em encontros.

TEMPO 3 O petista tem, por outro lado, privilegiado a agenda com movimentos sociais. Apenas nesta semana, ele visitou um assentamento do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto em Teresopolis, no Rio de Janeiro, e, em Paraná, ao lado de João Pedro Stedile, e visitou condomínios do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto com Guilherme Boulos (PSOL).

TEMPO 4 De acordo com interlocutores do ex-presidente, ele vai, sim, conversar com a elite de negócios do país, em encontros mais amplos do que os que tem feito.

Mas dentro de seu próprio tempo e de sua própria lógica, sem se submeter à agenda do mercado.

SABATINA Segundo ainda eles, Lula tem dito que não se submeterá a uma sabatina sobre a eventual futura escolha de ministros da área econômica, por exemplo. E pretende também questionar os representantes do mercado, além de ser questionado — num diálogo de mão dupla.

TODOS SABEM O ex-presidente afirma que não pretende apresentar uma nova Carta aos Brasileiros — documento que divulgou quando estava prestes a vencer pela primeira vez a eleição para presidente, em 2002. Nela, o petista se comprometeu com bandeiras caras ao mercado, como o respeito a contratos.

MEMÓRIA Lula afirma agora que uma nova carta é totalmente desnecessária, já que governou o país por oito anos com responsabilidade fiscal e nada precisa provar.

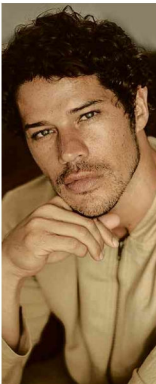
PONTE Ex-prefeito Fernando Haddad (PT) tem feito gestões junto ao entorno da ex-ministra Marina Silva para buscar uma reproximação. Os dois integraram o governo Lula em seus primeiros anos — ele, na pasta da Educação, e ela, no comando do Meio Ambiente.

PONTE 2 Marina rompeu com o PT em 2008, quando deixou o ministério com severas críticas a Lula na questão do meio ambiente. Fundou a Rede e foi candidata a presidente em 2010 e 2014 — as duas vezes contra Dilma Rousseff.

O acirramento da campanha eleitoral levou Marina a um afastamento ainda mais profundo dos antigos companheiros de partido. Em 2016, porém, ela declarou voto em Haddad contra Jair Bolsonaro.

PONTE 3 Lideranças da Rede e outros dizem que Marina sobre a possibilidade de ela ser candidata a deputada por São Paulo — mas ela ainda não anunciou a sua decisão.

com Blanka Vieira, Karina Matias e Manonella Smith



Violência Machucada/Divulgação

O ator José Loreto Jr interpreta Tadeu no remake de "Pantanal", que a Globo estreia na segunda (26). Para participar da novela, o artista teve de abandonar outro trabalho para o qual vinha se preparando há mais de dois anos: dar vida ao cantor Sidney Magal na biografia "O Meu Sangue Ferve Por Você". Loreto segue como produtor do filme. "Eu desisti, porque o personagem que eu mais queria fazer agora era o Tadeu mesmo. Não trocaria isso por nada", afirma o ator

AUDIÚO O show de estreia da primeira turnê de Juliette, que ocorre neste sábado (26), no Rio de Janeiro, vai arrecadar recursos para mulheres refugiadas no Brasil. A apresentação da cantora faz parte do projeto Lives Solidárias, uma parceria do YouTube Music com o Pacto Globo da ONU.

AUDIÚO 2 A performance da artista em palco carrega será gravada e transmitida posteriormente no canal dela no YouTube — em data que ainda não foi divulgada. O objetivo é dar visibilidade para uma iniciativa da ONU chamada Empoderando Refugiadas, que oferece assistência a mulheres apátridas no Brasil.

AUDIÚO 3 A doação dos recursos será efetivada pela plataforma de vídeos. A expectativa é atender mais de mil famílias recém-chegadas ao país, prestando ajuda com documentação e transporte, além de oferecer alimentos e roupas.

MPB A série "Do Som à Arte", que mostra a história da Bossa Nova e o legado de João Gilberto, estreia no próximo dia 14 de abril no canal Music Box Brazil. Roberto Menescal, Wanda Sá e João Donato são alguns dos entrevistados para a produção, que tem 13 episódios de 30 minutos cada.

HERANÇA Sofia Gilberto, neta de João Gilberto, participa da iniciativa. Ela compõe e canta a música da trilha de abertura da série.

MEMÓRIA O Itaú Cultural e a editora Todavia firmaram uma parceria para publicar todos os livros lançados em vida pelo escritor Machado de Assis. A coleção sairá em 2023. Serão 16 volumes de poesias, contos e romances — tudo o que o autor escreveu e editou, em ordem cronológica.

MEMÓRIA 2 O professor de literatura da USP Hélio Guimarães, especialista na obra de Machado, vai editar o livro de poemas. Para celebrar o lançamento, o Itaú Cultural planeja realizar no próximo ano uma série de eventos, como exposição, ciclos de filmes e peças baseadas nas obras do autor.



Ilustração de "Fronteira Híbrida", livro que reúne o trabalho de Luiz Gê com HQs, ópera e música

PAINEL DAS LETRAS

Walter Porto

walter.porto@spfolha.com.br

Companhia das Letras alarma livrarias ao indicar um novo modelo de vendas

Livrarias ligaram o alerta diante de sinalizações da Companhia das Letras, o grupo editorial de maior peso do país, de que pretende recorrer menos ao modelo de consignação, que rege a maior parte das relações comerciais entre livrarias e editores hoje.

A consignação é um acordo no qual as editoras deixam seus livros estocados nas livrarias — grosso modo, emprestados — e recebem só pelos exemplares que foram vendidos, num acordo que costuma ser mensal. Quando bem administrado, o modelo favorece as editoras ao assegurar vitrines para seus títulos e as lojas ao garantir um catálogo maior de obras à disposição.

Livrários ouvidos pela coluna relatam que a Companhia tem feito abordagens indicando a intenção de deixar aos poucos esse tipo de acordo. A ideia seria planejar renovações anuais até 2023, mantendo a consignação restrita aos lançamentos — livros que se beneficiam mais da exposição nas vitrines e, tradicionalmente, precisam mais das lojas físicas para vender. Procurada, a Companhia das Letras afirmou estar "impedida de se manifestar sobre

suas negociações, que estão sob acordo de sigilo" e ressaltou "que todas as suas decisões se baseiam na ética comercial e nos interesses de seus leitores e autores".

Do lado dos livreiros, há o temor que a medida prejudique a variedade de obras disponíveis em cada livraria, já que sem a consignação as compras de títulos precisam ser mais certas — isso num momento em que as lojas físicas lutam para se reerguer após o fechamento pandêmico, com competição cada vez mais acirrada da internet. Caso a movimentação se confirme, é possível que se dissemine para outros editores ou que, ao contrário, as rivais da Companhia aproveitem para ocupar o espaço deixado nas vitrines com seus próprios livros, aumentando seus acordos de consignação.

Quem pondera Alexandre Martins Fortes, que é tanto editor quanto livreiro e afirma não ver o movimento como uma má notícia, se não for feito de forma abrupta. "É um teste de mercado", diz. "Aumenta a responsabilidade do livreiro, que tem que fazer mais o papel dele de escolher o que quer ter dentro da loja."

"Essa nova postura da Companhia é um voto de confiança na capacidade de trabalho das livrarias", aponta. "No momento em que deixa de consignar, ela corre o risco de ver seus livros sumirem das livrarias. Mas está apostando na qualidade dos seus autores e na capacidade das livrarias de reconhecer essa qualidade."

SOLNASCENTE Para os fãs de literatura japonesa, a Estação Liberdade promete boas novidades nos próximos meses. Em maio, saem "O Marinheiro que Perdeu as Graças do Mar", do cultuado Yukio Mishima, e "O Rei e a Triunfadora", do vencedor do Nobel de literatura Yasunari Kawabata, ambos com tradução direta do japonês. Até o fim do ano também deve chegar o inédito "Mulheres", de Osamu Dazai.

VENTO DE LIBERDADE A Boiteiro traz ainda este ano um novo livro da intelectual americana Angela Davis. "The Meaning of Freedom: And Other Difficult Dialogues", ou o significado da liberdade e outros diálogos difíceis, foi publicado originalmente em 2012 e compila uma dúzia de discursos da feminista negra.

COMO COMPRAR

Site da coleção pensadores. folha.com.br

Telefone (11) 3224-3090 (Grande São Paulo) e 0800 75 8080 (outras localidades)

Frete Grátis para SP, RJ, MG e PR (na compra da coleção completa)

Nas bancas Por R\$ 22,90 o volume. Coleção completa: R\$ 664,10; lote avulso

Aquarela de Chris Eich no 24º volume da coleção Divulgação

Coleção Folha publica livro de Stuart Mill com clássica obra do pensamento liberal

Irineu Franco Perpetuo

SÃO PAULO A Coleção Folha traz agora uma das pedras de toque do pensamento liberal — "Sobre a Liberdade", de John Stuart Mill, com tradução de Denise Bottmann.

Membro do parlamento britânico e defensor do sufrágio feminino, o pensador John Stuart Mill, morto em 1873, publicou a obra em 1859. O livro vem se mantendo um clássico desde então. "O objetivo deste ensaio é

defender um princípio muito simples, como o único habilitado a reger de modo absoluto as relações da sociedade com o indivíduo por meio da obrigatoriedade e do controle, quer o meio usado seja a força física ou apenas da pena da lei ou a coerção moral da opinião pública", afirma Mill.

"Este princípio é o de que o único fim pelo qual a humanidade está autorizada, individual ou coletivamente, a interferir na liberdade de ação de qualquer um de seus integrantes é a autodifesa".

Mais adiante, ele argumenta que "a única parte da conduta de um indivíduo pela qual é responsável perante a sociedade é a que concerne ao outro". Stuart Mill elenca, então três tipos de liberdade — o primeiro deles seria "a liberdade de consciência em seu sentido mais abrangente, a liberdade de pensamento e sentimento, e liberdade absoluta de opinião e sentimento sobre todos os assuntos, práticos ou reflexivos, científicos, morais ou teológicos".

A segunda modalidade é "a liberdade dos gostos e escolhas de atividades", e a terceira, a da associação entre indivíduos, a liberdade de se unirem para qualquer finalidade que não envolva danos a outros, desde que as pessoas nessa união sejam maiores de idade e não tenham sido forçadas ou ludibriadas.

Segundo o autor, "nenhuma sociedade onde tais liberdades não sejam respeitadas como um bem do livre, qualquer que possa ser sua forma de governo, não produzirá completamente livre se essas liberdades não existirem de modo absoluto e incondicional".

RIVAL

«Refit»

Inaugurado em 1934, período áureo da Cinelândia, o Teatro Rival Refit abriu suas portas com a peça “Amor”, de Oduvaldo Vianna. Esse sentimento de amor, de amor à arte e à cultura brasileira, norteia nossos ideais e trajetória até hoje.

Somos um espaço democrático e berço da diversidade cultural no país. Tornamo-nos uma das marcas mais tradicionais do Rio de Janeiro por sempre empunhar a bandeira do amor e por lutar pela resistência da arte acima de qualquer ameaça.

Enfrentamos ditaduras, diversas obras no centro da cidade, e vencemos os vários planos econômicos fracassados. Agora, graças à resiliência, à competência de nossa equipe e à parceria sensível da Refit, seguimos firmes rumo a nove décadas como o palco da cultura carioca. Resistimos à pandemia mantendo-nos como porto seguro para nossos artistas e nosso mais que querido público.

O Teatro Rival Refit tem, em sua história, o compromisso com o humor, a irreverência e a ousadia, apontando para a diversidade, a tradição, a inovação e a qualidade artística.

Nestes 88 anos, inúmeros eventos de sucesso foram realizados em nosso palco, e posso dizer que estamos preparados para mais, para muito mais. Seguimos firmes em nossa missão de difundir a arte em suas mais diversas formas de expressão. O Teatro Rival Refit permanece vibrante com sua inequívoca capacidade de se reinventar culturalmente e representar – como poucas instituições – são capazes de fazer – a alma carioca.

Neste seu aniversário de 88 anos, o Teatro Rival Refit agradece aos funcionários, empresários, produtores, artistas, fornecedores, parceiros e ao público. Agora vamos viver juntos a retomada, construindo um futuro melhor e mais vibrante sempre. Sigam as nossas redes, venham conhecer o teatro da iniciativa privada mais antigo do Brasil. Estamos prontos e de braços abertos para recebê-los e realizar o seu evento.

Angela Leal
Diretora



www.rivalrefit.com.br
[@teatro.rival.refit](https://www.instagram.com/teatro.rival.refit)

Envolvida

Continuação da pág. C1

"Uma coisa é exportar canções. Outra é exportar talentos", diz Castello Branco. "Deixa correr o risco de perder tempo e dinheiro, já que, no Brasil, um artista estrangeiro pode rodar o país fazendo shows por até cinco anos."

Esse cenário parece estar prestes a mudar, no entanto. Giulia Be, que normalmente alcança posições mais altas em Portugal do que no Brasil, vai se mudar para Miami e produzir um EP em espanhol. Ela já testou com "Palabras". Isso ocorre, diz Castello Branco, porque a nova geração de cantores já nasce num mundo globalizado e aprende a cultura estrangeira e idiomas como o inglês e o espanhol ainda criança, antes mesmo de se dedicar à música.

"A Anita pode cantar na língua que quiser, porque não vai soar falso. Nem sotaque ela tem mais", diz o executivo sobre o inglês da cantora.

É uma realidade diferente da de Chitãozinho & Xororó ou de figuras mais novas, como Victor & Leo, que tentaram vender discos inteiros para o espanhol, mas fracassaram.

Rick Bonadio concorda que buscar carreira internacional hoje é muito mais fácil. Uma das figuras mais importantes da indústria musical brasileira nos anos 1990 e 2000, ele também tentou exportar os artistas que produzia, de Mamona Assassina a Rouge.

Com o streaming e as redes sociais, até o investimento que uma gravadora precisa fazer para lançar um artista lá fora diminuiu. Antes, só para começar o trabalho, diz, era preciso desembolsar meio milhão de dólares por território.

"Havia limitações físicas. Você precisava que a gravadora de fora fabricasse seus CDs e fizesse eles chegarem às lojas, além de levar o artista para uma turnê promocional para que ele se apresentasse aos novos fãs em potencial".

Os executivos também dizem ao tentar explicar o sucesso de Anita. Enquanto Bonadio diz que o que emplaca mais fácil lá fora é "o pop genérico, cantado em inglês", Castello Branco afirma que os brasileiros precisam "assumir que somos vira-latas, no bom sentido, e olhar para o espanhol e para a América Latina".

Por que a maior exportação até hoje é a bossa nova? Porque ela é absolutamente original, diz. "Ninguém quer uma cópia do que outros já fazem." Com exceção dos Estados Unidos, sete dos dez países que mais estão ouvindo "Envolver" no YouTube são da América Latina e os outros dois, embelezados, são línguas latinas como idioma principal — são Espanha e Portugal.

Outra evidência disso é que "Boys Don't Cry", a primeira música solo de Anita cantada em inglês, não figura entre as 200 mais tocadas do Spotify nos Estados Unidos — mais de 80% das audições dela vieram de brasileiros.

É como se o single, produzido por uma das maiores figuras da indústria musical americana, Max Martin, tivesse fracassado, já que, em português, Anita voou mais alto.

Mas os rankings precisam ser interpretados com cuidado, já que o sucesso que eles atestam podem ser efêmeros. Até "Caneta Azul" viralizou no YouTube, mas só porque era engraçada. Para saber se é sucesso mesmo, você tem que começar a cantar lá fora e todo mundo sair cantando junto, como faziam com "Ai Se Eu Te Pego", diz Bonadio.

É nesse sentido, Castello Branco afirma, que apostas anteriores da cantora não podem ser desconsideradas para explicar o sucesso de hoje.

"Girl from Rio" foi a música que posicionou Anita bem entre os grandes artistas estrangeiros, justamente por ser uma releitura da música brasileira mais conhecida."



Anitta colheu os frutos do acesso maior à internet e às redes sociais

Foi com 'Bum Bum Tam Tam', de MC Fioti, que o funk brasileiro explodiu no exterior e consagrou a cantora pop

ANÁLISE

Lucas Brêda

Não faz tanto tempo assim, mas no segundo semestre de 2017, quando Anitta lançou o projeto "Checkmate", ela não falava de outra coisa no pop nacional que não fossem as tentativas da cantora de estabelecer uma carreira internacional — a cujo auge ela chega agora, com o seu "Envolver" encabeçando o ranking de músicas mais ouvidas do Spotify. "Checkmate" é da mesma época em que foi lançada "Bum Bum Tam Tam", possivelmente o maior hit brasileiro no exterior dos últimos tempos, tendo passado o 1,5 bilhão de visualizações só no YouTube, produzido e cantado pelo MC Fioti.

Aquela altura, o sucesso do funk brasileiro no exterior era uma novidade. Em 2016, no Lollapalooza Brasil, a dupla de produtores americanos Skrillex e Diplo, se apresentando como Jack U, chamou o funkero Bin Laden para o palco para cantar o hit do MC. Tã Tranquilo, Tã Favorável. Antes, o show deles já havia contado com um remix de "Baile de Favela" — hit do MC João.

Já Anitta atraiu para todos os lados com o projeto "Checkmate", que rendeu um EP com quatro músicas e quatro cliques. Em "Will I See You", uma bossa nova pop cantada em inglês, ela arriscava o que viria a concretizar em "Girl from Rio", anos depois. Em "Is That for Me", ela também canta em inglês numa EDM, ou eletrônico dance music, genérica assinada pelo super DJ Alessio.

Mas as outras duas músicas do projeto foram sucessos absolutos. Uma delas era "Downtown", uma parceria com J Balvin com levada de reggaeton arrastado, letra em espanhol e temperada pela sensualidade da dupla.

É Anita soando como o melhor da música latina contemporânea. A faixa foi produzida por Sky Rompiendo, nome de primeira linha no reggaeton, e que recentemente trabalhou, por exemplo, em "Motomami", recém-lançado já aclamado disco da espanhola Rosalía.

A outra música de "Checkmate" a estourar foi "Vai Malandra", um funk afiado com toques de trap que é hit no Brasil e fora dele, possivelmente o que de mais interessante Anita fez em toda a sua carreira. A audiência de "Will I See You" e "Is That for Me" é só uma fração mínima dos números de "Downtown" e "Vai Malandra".

Não custa lembrar que 2017 também foi o ano de "Despacito", um hit de proporções globais que abriu caminho para o crescimento da música latina ou em língua espanhola que continua até hoje. O trapper porto-riquenho Bad Bunny, expoente desse movimento, é há dois anos o artista mais escutado do Spotify no mundo, por exemplo.

Esses processos passam pela disseminação de acesso à internet fácil e rápido através de smartphones em regiões mais pobres do mundo, como a América Latina.

Isso contribuiu para um crescimento exponencial das plataformas de streaming nessas regiões e representou um aumento também nos números das produções musicais desses lugares — o que se soma ao sucesso massivo global do k-pop, principalmente por meio do grupo sul-coreano BTS, que canta também em sua língua local.

Divulgado nesta terça-feira, um relatório da Federação Internacional da Indústria Fonográfica consolidou o streaming como dominante na maneira de se consumir e ganhar dinheiro com música, com crescimento especial ano a ano da participação da América Latina — onde o Brasil é o mercado mais importante, seguido pelo México — nos números globais.

Em 2018, ano em que a música "Vai Malandra" era febre, foi a primeira vez na história em que o streaming se tornou a maior fonte de receita da indústria fonográfica. Hoje, o consumo digital corresponde a 85,6% do do faturamento no Brasil.

Se o estrondoso sucesso de MC Fioti, do Capão Redondo, bairro no extremo sul de São Paulo, sam-pleando uma flauta de Johann Sebastian Bach, soava um tanto improvável, não é o que acontece com Anitta. A cantora entende o mercado e sabe que ele estava — ou está — propício para a ascensão internacional de uma estrela brasileira que dialoga com esses universos, da chamada "música urbana", com batidas eletrônicas e em geral feitas para dançar.

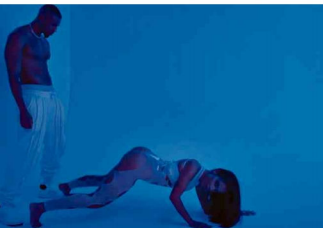
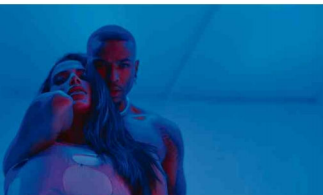
E ela não é a única aproveitando o momento. Tanto Anitta quanto Ludmilla fizeram músicas com a estrela do hip-hop americano Cardi B, que tocou um trecho de um funk de Redson Paulo durante a cerimônia do Grammy. Elas também gravaram um funk com o histórico americano Snoop Dogg "Onça Diferente".

O funkero Kevin O'Christave "Ela é o Tipo" regrava por Drake, gigante do rap no mundo todo, fora o convite memorável para cantar seus sucessos em 150 BPM, isto é, batidas por minuto, no show do rapper Post Malone no Lollapalooza Brasil de 2019.

Recentemente, Anitta voltou a cantar em inglês e o olhar o mercado americano com o single "Boys Don't Cry". Mesmo com grande esforço de divulgação, a música não chega perto do sucesso de "Envolver", hit que agora bate recorde ao alcançar a primeira posição entre as músicas mais ouvidas do mundo no Spotify — o motivo de toda esta reflexão.

Com batidas de reggaeton, cantada em espanhol e alavancada pelas danças e reboladas no TikTok, a música curiosamente demorou quatro meses para alcançar os números atuais.

De certa forma, na comparação com "Girl from Rio", "Boys Don't Cry", "Envolver" repete e ecoa o que aconteceu há cinco anos, quando as músicas "americanizadas" de "Checkmate" começaram poeira para a "brasileira" "Vai Malandra" e a mais "latina" "Downtown".



Sequências de cenas do clipe 'Envolver', de Anitta, que viralizou no exterior Reprodução



A cantora Pablo Vittar se apresenta no primeiro dia de Lollapalooza / Roberto Cavalli / Polhemus

Vaias, gestos políticos e acidente marcaram início do Lollapalooza

Pablo Vittar, que atrasou por causa da tempestade em SP, empunhou bandeira do PT sob um coro de 'fora, Bolsonaro'

SÃO PAULO O primeiro dia do festival de música Lollapalooza, nesta sexta-feira em São Paulo, foi marcado por vaias, dirigidas inclusive à organização do evento, e manifestações políticas, com bandeiras empunhadas e gritos contra Putin e a invasão da Ucrânia. Também houve interrupção de show, acidente com uma pessoa da plateia e o medo de que a chuva que caiu sobre a capital paulista causasse transtornos.

Primeiro, vaias contra Bolsonaro, que já havia enfrentado um coro pedindo sua saída do Alvorada no Onix Day, uma espécie de prévia do festival que ocorreu nesta quinta-feira para quem conseguiu ingressos distribuídos por meio de ações publicitárias na internet e nas ruas de São Paulo.

Em tom de chacota, os eleitores de Bolsonaro foram misturados a figuras como Fofão no telão atrás do rapper Edgar, que abriu a programação do palco Adidas por volta das 19h. A alguns metros de distância, no palco Budweiser, Tico Santa Cruz mandava "acenderem os celulares, isqueiros e buseados". Entre uma sequência de hits como "Você Me Faz Tio Bem" e uma com as mãos no chão para homenagear o sucesso internacional de Anitta, Santa Cruz disse que "nada importa sua ideologia, desde que você esteja no campo de suor". Mais uma vez, pe-

diram a cabeça de Bolsonaro.

Mais tarde, às 16h, as vaias se voltaram ao próprio festival. É que a organização precisou paralisar o show do The Wombats, que estava prestes a atingir seu clímax, após uma pancada de chuva atingir o Autódromo de Interlagos. Por 40 minutos, um funcionário implorou para que o público se afastasse do palco Onix e de suas estruturas metálicas, com medo de a plateia, ensofada, ser atingida por raios.

A mesma orientação foi dada a quem aguardava, no palco Adidas, a chegada de Pablo Vittar, que atrasou meia hora devido à tempestade e enfrentou uma falha no microfone, que a deixou sem voz por alguns segundos, mas ainda assim contagiou a plateia com saradas e rebeldias num repertório que mesclou sucessos recentes, como "Rajadão", com os que a levaram ao estrelato, caso de "K.O.", uma das mais aguardadas dos fãs.

Durante a apresentação, ela chegou a descer do palco e caminhar entre a plateia, que entregou uma bandeira vermelha estampada com o rosto do ex-presidente Lula. Entre mais um coro de "fora, Bolsonaro", pedidos da volta do petista e até alguns "fuck Putin" em crítica ao presidente russo, a drag queen se despediu do festival ovacionada. Se o medo da organização

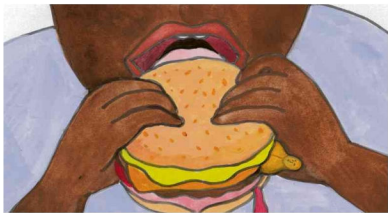
era que caísse um raio na plateia, o que acabou por desabar foi a estrutura metálica. Com cerca de três metros de altura, a peça, que fazia parte de uma ação publicitária, atingiu um homem que estava em frente ao palco Adidas. Ele foi socorrido com sangramentos, mas consciente, e levado à estrutura hospitalar do festival para receber os primeiros socorros. Até a conclusão desta edição, a organização não informou o estado de saúde da vítima.

Mas não houve chuva nem falhas técnicas capazes de pôr fim à alegria de quem, preso dentro de casa sem shows por mais de um ano durante a pandemia, ansiava pela volta do festival, que sofreu uma série de adiamentos e, com isso, inúmeras alterações em sua programação.

Prova disso foi que, logo pela manhã, era possível ver um público mais numeroso do que o costume neste horário caminhando pelo autódromo.

A energia parecia tão contagiante que até Matuê, diante de uma plateia que não é sua, estreou com o pé direito e fez um dos shows mais importantes de sua carreira, pontuando todos para cantar a plenos pulmões sucessos como "Máquina do Tempo" e "Banco". Ivan Finotti, Jairo Malta, Laura Lower, Lucas Brêda, Marina Lourenço e Pedro Martins

ilustrada



Bruno Biondi

O Oscar x-tudo está servido

Hollywood enfia o seu sanduichão abominável na goela da freguesia planetária

Mario Sergio Conti

jornalista, é autor de "Notícias do Planalto"

O Oscar é tão indigesto quanto a linguagem político-culnária. É duro engolir frases como Alcinin é uma açetina na empada da Lala. Bolsonaro enfia o pé no aqui. Cloro viajou na maionese. Moro é um banana. Doria e Mourão são farinhos do mesmo saco, as eleições vão acabar em pizza.

Mas a língua da cozinha bruta descreve direito o Oscar x-tudo que Hollywood servirá na noite de domingo. O

abominável sanduichão do cinema goteja banha, ofende o olfato, enfia o mau gosto goela abaixo da freguesia planetária, dá azia. Não há sal de frutas que dê jeito.

O festim não é de todo intragável. É possível apreciar os babados dos doces de coco. Bir dos marmanjos que penduram o cinema no pescoço para aparecer. Imaginar que as linsines viram albobora à meia-noite. O regufoje às vezes tem até

quitutes picantes. Ao ganhar a estatuetta de melhor ator por "Kramer vs. Kramer" (bleargh), Dustin Hoffman disse, olhando o Oscar: "Ele não tem genitalia, mas segura uma espada". Freud não diria melhor.

Quanto aos filmes, o Oscar desse ano não é um x-tudo qualquer: é de um food truck de porta de estádio. Hollywood está por baixo porque não é mais o topo da Califórnia que, nos anos 1970, vendia LPs. Negros,

tituída pela internet. Seus filmes são ruins até na ruindade. Como a função do jornalista é separar o trigo — para publicar o joio — seguir uma apreensão do cardápio do dogape.

*

"Licorice Pizza". Tem comida já no título, mas só a turnê da gourmet pode entendê-lo. Ele se refere a uma coadiva de lojões do sul da Califórnia que, nos anos 1970, vendia LPs. Negros,

os discos lembram alcaque, que em inglês é "licoria". Apreendeu? Uma tradução cabível seria "Bolachas Pretas", que é como Alcinin fala dos seus LPs de bolero. Pé de valsa, o Pico de Chuchin tem saudade das noites de sábado de antanho, quando saracoteava pelos salões de Pinda com dona Lu nos braços, soprando-lhe ao ouvido trovas de Agustín Lara.

Pois então: "Licorice Pizza" é nostalgia do mesmo jato, mas roqueira. Como não é romance de formação, ele anula nem passado que só diz respeito a quem dele participou. Para hugres ao sul do Equador, é frio como pepino, abacaxi alcaqueável.

"Amor, Sublime Amor". Para os fãs do gênero, o cozidão de Spielberg serve de prova que o original é insuperável.

"Duna". Outro refogado reciclado. Vide verbebe acima.

"O Boco do Pesadelo". Vi de novo o verbebe porque é a terceira refilmagem que concorre a melhor filme. Sem imaginação, Hollywood experimenta releituras de receitas da vovó, e só se piora.

"Inverno em Chamas". Quando concorreu ao Oscar de documentário, em 2006, ninguém ligou. Agora, com a invasão russa, ganharia de longe, já que é unânime a simpatia pela causa ucraniana — exceto na extrema direita (Bolsonaro) e na esquerda (PC do B).

Há cenas chocantes da luta do povo contra a polícia. Contudo, falta história e contexto ao filme, que quase não fala da Rússia, da Otan, dos EUA e mesmo da Ucrânia toda, restringindo-se à praça Maidan em Kiev. Há filmes que, mesmo não

sendo lá essas coisas, antevêm o algo do futuro. O Brasil não está imovado. Mas, do jeito que Bolsonaro age, uma "primavera em chamas" pode acontecer quando ele tentar roubar as eleições de outubro.

"Beijis". Atenção para uma regra cardinal do cinema: filme cujos protagonistas são crianças dão enjoo. O de Kenneth Branagh é uma gororoba sentimentalidade de vomitar.

"Drive My Car". O único filme adulto na lista é japonês. Não é divertido, é arte. Ryusuke Hamaguchi, o diretor, trata de culpa e remorso, amor e criação artística. Não é ralo nem faz concessões à gororoba de Los Angeles.

No conto do filme estão ensaiados "Tio Vânia", de Tchekhov. O diretor está de luto porque sua mulher morreu e se acha responsável. O ator principal está perdido na vida. A motorista do diretor tem um passado obscuro. Ninguém come sushi.

Dito é tudo com um minimalismo que se estende aos figurinos, à iluminação, aos movimentos da câmera e às paisagens japonesas. Há sequências clivantes com Yoo-jin Park, que é muda. Ela faz o seu papel na linguagem de sinais, prova que a arte vai além das palavras.

"Depoimento da Wail do Acari". Não é o Oscar porque nem filme é. Mas merece. É cine verbebe com diálogos subversivos entre procuradores e Wail, uma brasileira e trabalhadora. O filme conta a miséria da política oficial veio à luz de modo tão acachapante. Ausente, mas evidente, Bolsonaro interpreta um verme. Tem o "physique da rãle".

| SAC, Luiz Felipe Pondé | TER, João Pereira Coutinho | QUA, Marcelo Coelho | QUA, Fernanda Torres, Drauzio Varella | SEX, Djamil Ribeiro | SÁB, Mario Sergio Conti

Entre em nosso Grupo no Telegram: t.me/BRASILJORNALIS Atrizes acusam Sérgio Penna de assédio sexual

Um dos principais preparadores de elenco no cinema brasileiro, ele nega acusações e diz que as enfrentará na Justiça

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO Ramayana Régis era aluna do preparador de elenco Sérgio Penna quando, diz, ele pôs a mão dentro de sua calcinha e forçou um beijo. O episódio teria ocorrido em 2013, e a então aspirante a atriz é hoje uma das 36 mulheres que acusam o profissional de assédio sexual. Ela afirma que a fama do homem apelidado de "Mago" a inibiu de fazer uma denúncia. "O que fazer? Xingar?", disse ao contar a história a repórter. "Os ex-ferrados eram de mulheres se fermando, sendo demitidas ou esquecidas".

Ramayana, de 32 anos, é uma das quatro mulheres ouvidas

pela reportagem sobre a violência sexual atribuída a Penna, três das quais permitiram ser identificadas pelo nome.

O preparador se pronunciou por meio de seu advogado, João Francisco Neto, que enviou uma nota: "A trajetória pessoal e profissional de Sérgio Penna se ergue como um escudo em face de tais acusações, que serão enfrentadas nos autos do processo", diz. Penna atuou em grandes produções, tendo trabalhado com Rodrigo Santoro, Deboir Secco e Grazi Massafiera, que qualificou sua assistência como fundamental em "Verdades Secretas", da Globo. Foi no workshop que ministrou de 2013 a 2019, porém, que co-

nheceu as mulheres que hoje tentam fazer com que ele chegue ao banco dos réus.

No caso que corre sob sigilo de Justiça e a cujos autos o jornal teve acesso, Penna é acusado de abusar "de jovens atrizes, com beijos e abraços lascivos, toques nas partes íntimas (vagina, seios, nádegas, orelhas, boca) sem autorização". Na ocasião, as mulheres deram depoimento. Hoje elas já são 36, segundo a advogada que as representa, Luciana Terra.

Da leva de denúncias emergiu o retrato de um assessorador serial, que prefere atrizes em começo de carreira, ao menos duas delas menores de idade, e age tanto no curso quanto em confraternizações em bares.

Em janeiro, o Ministério Público do Rio de Janeiro o denunciou por importunação sexual contra quatro alunas, em peça assinada pela promotora Janaina Marques Corrêa Melo. Ramayana diz ter sido atacada em uma noite na qual ceu seu apartamento para um exercício. "Ele passou a mão por dentro da minha roupa, querendo colocar a mão na minha vagina. Consegui levantar e mandar ele ir embora". Em 2020, descobriu outras dispostas a denunciar Penna.

Julia Corrêa, de 28 anos, foi a primeira. Começou com um vídeo em rede social sem dar nomes. "Não dá mais para eu ficar calada", dizia na gravação. "Estava entalado. Vi muita coisa, trabalhei ali, indiquei o curso dele para outras meninas", conta à reportagem. Ela afirma que ter sido vítima de abuso físico porque "os meninos da equipe eram minha sombra". Ainda assim, Penna a teria chamado para tomar banho com ele, diz. Julia Ferrari, de 26 anos, também foi auxiliada pelo preparador. "Ele falava, chegou a Clara, meu amor da ilha da



Da esquerda para a direita, Julia Corrêa, Ramayana Régis e Clara Ferrari, que acusam o preparador de elenco Sérgio Penna de assédio sexual. Eduardo Araujo/Photopress

mágia". Eu me sentia importante", conta ela, que se mudou de Florianópolis para o Rio por sugestão de Penna.

Ferrari afirma que ele a convidou para um café. No caminho, diz, o preparador teria contado que trabalhava com Isis Valverde e pedido que mudasse a rota para um apartamento que a Globo cedia a ele. Ali, teriam conversado sobre os sonhos quando, segundo ela, ele começou a ficar agressivo, disse para parar de ser boba.

A ex-aluna afirma que Penna a aconselhou a se preparar para transar com superiores. Teria dito a ela que estava sendo legal ao alertar a jovem para a realidade e que, da forma como ela agia, demoraria dez anos para conseguir um papel.

Em seguida, afirma, Penna teria se aproximado, tentando beijá-la e boliná-la. Ela diz que se desencilhou, mas antes que saísse, o professor lambceu seu pescoço e a segurou forte, relata. "Ele tentou botar a mão por dentro da calcinha".

Ferrari conta ter pensado muitas vezes em morrer depois desse dia. "Me sentia suja". Ela engrossou as denúncias contra Penna, endossadas pelo MeTooBrasil e encaminhadas ao Ministério Público pela promotora Gabriela Manssour, referência no combate à violência contra a mulher no Brasil. As vítimas receberam apoio psicológico do Justicícias, rede de proteção a mulheres agredidas.

Por videochamada, com a estatua de um Buda no fundo, Ramayana diz que quer o silêncio trave alguma paz. "Quando nós, enquanto conjunto de atores, criamos essa imagem de seres inalcançáveis", ela questiona. "Onde foi assediado se confundiu com o lugar em que a gente idolatrava essa pessoa? A imagem que o Sérgio tinha de mago?"

Líliá Cabral
Giulia Bertoli

Texto: Gustavo Pinheiro
Direção: Guilherme Pinheiro
Produção: Carlos Lima

Sáb: 20h30
Dom: 18h00

Teatro
Renaissance
Al. Soneto, 223

A Lista

Venda de ingressos: www.ohohingresso.com.br

folhinha



Estela tem 9 anos, mora em São Paulo, e percebeu que, agora, um gibi custa o mesmo que um almanaque (que é bem maior que um gibi) custava até pouco tempo atrás. *Adriana Viciari/Folha Images*

Preço alto até do gibi ensina o que é a inflação

Educador financeiro explica às crianças por que tantas coisas, da carne à gasolina, estão mais caras na rotina de casa

TODO MUNDO LÊ JUNTO

Marcella Franco

SÃO PAULO Quem anda de carro com a família já deve ter reparado: encher o tanque de combustível ficou mais caro. Desde o ano passado, o preço da gasolina vem aumentando, e em 2022 ele subiu ainda mais, o que fez com que vários adultos venham pensando se dá para trocar o carro por outros meios de transporte mais baratos.

E não foi só o combustível que aumentou. O gás de cozinha, por exemplo, também está mais caro, e a carne de boi, junto de outros alimentos, tem deixado a conta no supermercado bem mais alta. Existe um nome para quando várias coisas ficam mais caras ao mesmo tempo: inflação. A inflação é diferente de quando apenas um ou outro item sofre aumento de preço. Quem nos ajuda a entender isso é o especialista em educação financeira Thiago Godoy, do perfil Papai Financeiro do Instagram.

"Se você vai à feira e o morango está mais caro, isso não necessariamente é culpa da inflação. Pode ser que tenha tido muita chuva e a lavoura estragou, ou mesmo porque aquela não é a época do morango. Mas, se junto com o morango, o tomate, o feijão,

a mensalidade da escola e o aluguel também subiram, isso, sim, é inflação", diz Thiago. Estela tem 9 anos, mora em São Paulo e anda preocupada. Ela reparou que muitas coisas estão mais caras — especialmente os gibis que ela gosta de comprar.

"Eu adoro muito ler gibi, leio há mais de dois anos, e percebi que o gibi tá aumentando o preço. Ano passado custava R\$ 7,90, e um almanaque custava R\$ 9,90. E aí esse ano o gibi ficou o preço de um almanaque e o almanaque ficou R\$ 11,90", conta.

Ela compra gibis sempre na mesma banca, perto de um parque que frequenta. As vezes vai acompanhada do pai, às vezes, da mãe. "Gosto da Turma da Mônica e dos gibis da Magali".

Assim como muitas crianças da sua idade — e até mesmo como vários adultos —, Estela não sabe o que é inflação. "Uma coisa eu sei, que a gasolina tá muito cara. Talvez tenha a ver com isso. As coisas estão ficando mais caras. Outro dia vi na TV que antes uma cenoura custava R\$ 1, e agora tá custando R\$ 5", espanta-se.

Na casa dela, algumas mudanças já aconteceram por causa do aumento dos preços. "A gente tá tentando diminuir um pouco a carne, mas, como é uma coisa que eu gosto, é complicado", conta.

"Minha mãe fala que tem que comer peixe uma vez por semana, só que eu não gosto. Outro dia ela fez frango e eu gostei mais. Tenho comido mais frango também. Acho que carne de boi é mais cara que frango, que é mais cara que peixe. Talvez o boi valha mais do que um peixe ou do que uma galinha", espula Estela.

Mas por que será que está acontecendo essa inflação agora? Thiago Godoy tenta explicar: "É como se fosse um efeito dominó. Junto à pandemia, que paralisou várias atividades econômicas, faltaram materiais básicos para produzir produtos, tivemos a crise hídrica, que impactou no preço da energia, e junta a questão do barril do petróleo, que está sendo negociado mais caro".

Pense assim: como é que os alimentos chegam à feira ou aos mercados? Eles precisam ir de caminhão. O caminhão usa o óleo diesel, que é derivado do petróleo. O petróleo está mais caro. Então, transportar os alimentos da fazenda até a feira está mais caro também", diz Thiago.

Isso sem contar outros vários fatores envolvidos na "vida" dos alimentos até o prato da gente em casa, como, por exemplo, a energia elétrica que é gasta para iluminar o depósito onde eles ficam até irem para o ponto de venda.

No caso da carne, Thiago comenta que não é só a carne bovina que ficou mais cara, mas, sim, todas as proteínas animais. "A gente sente mais a carne vermelha por que ela é mais cara no geral, e vai acabar sendo mais valorizada e mais procurada. Mas é um aumento geral", fala, lembrando que bois comem ração feita de farelo de soja, e a soja é outro produto que também sofreu aumento no preço.

No caso dos gibis, a questão está no valor que se paga para imprimir as páginas, para manter a luz da fábrica acesa, e até mesmo no aluguel que o dono da banca paga para manter seu negócio por lá.

Nos gibis que tanto adora, Estela viu há um tempo casos de crianças que ganhavam mesada. Ela, então, pediu à mãe para ganhar mesada também, e a mãe logo concordou. "Lá disse que é bom pra eu aprender a lidar com dinheiro", lembra Estela.

"Isso tem mais ou menos meio ano. Eu ganho uma mesada pra eu comprar gibi e coisas numa papelaria que eu gosto. Uma vez, comprei uma caneta pra mim, e outro dia fui comprar a mesma caneta numa amiga minha. Era R\$ 4 e agora tá R\$ 6", diz.

"Parece que é pouco, mas não é. Na minha escola, na cantina as coisas também estão mais caras. Não é um exa-

gero, mas tá mais caro do que antes", completa.

Estela ganhou R\$ 50 de mesada. Ela conta que coloca as notas em uma bolsinha pequeninha e guarda a bolsinha em seu armário. "Nunca gastei tudo. Sempre pego, gasto um pouquinho, e guardo porque, se tiver uma coisa superlegal, eu posso comprar".

Será que um gibi vai custar R\$ 20 quando eu fizer 20 anos?

Embora o Brasil enfrente atualmente um aumento considerável no preço de várias coisas, o especialista em educação financeira Thiago Godoy diz que a situação não está fora de controle. "Hoje a economia do país está mais estável".

Ele lembra que há 30 anos, o Brasil vivia um período da chamada "hiperinflação". Era uma inflação descontrolada onde o dinheiro perdía valor muito rápido", explica.

Thiago se refere ao final dos anos 1980, quando talvez seus pais fossem crianças. "Naquela época a gente ia ao mercado com os pais assim que eles recebiam o salário para já comprar a compra do mês inteiro. Os preços não ficavam numa gôndola, como hoje, mas uma etiquetinha colada no

produto".

"Era comum a gente ver o funcionário marcando preços diferentes duas vezes no mesmo dia", conta.

Thiago diz que esse problema só foi controlado em 1994, com o chamado Plano Real. De lá para cá, até existe inflação, mas ela é bem menor do que naqueles anos. "O Plano Real foi um conjunto de reformas na economia. O dinheiro até trocou de nome. Em maio de 1994, a inflação era de 47% ao mês. Em 1995, passou para 2%".

Ainda assim, Thiago lembra que, mesmo quando a inflação diminui, isso não quer dizer que as coisas vão diminuir de preço, mas, sim, que elas vão ter seus preços aumentando mais devagar.

"Um litro de leite hoje é com certeza mais caro do que há dez anos", exemplifica. Então, será que os gibis da paulistana Estela, 9, da da Turma da Mônica, vão custar R\$ 20 quando ela completar 20 anos?

"Não sabemos", responde Thiago. "Pode até ser que sim, mas aí a Estela tem que entender que o valor do salário dela também vai ser mais alto, e ela provavelmente vai conseguir comprar o seu gibi. Essa é uma boa notícia".

TODO MUNDO LÊ JUNTO
Texto com este selo é indicado para ser lido por responsáveis e educadores com a criança

Livro revela o que tem embaixo da cama da gente quando a noite vai chegando

DEIXA QUE EU

LEIO SOZINHO

SÃO PAULO Você saberia dizer o que tem embaixo da sua cama? Aposto que é muito mais coisas do que você pensa. Eu, por exemplo, pensava que embaixo da minha cama só havia um par de sapatos — mas, agora que fui lá olhar, descobri que, junto dos sapatos, estavam um brinquedo da minha cachorra e meus óculos, que achei que tivesse perdido.

Pois imagine que escrevam um livro sobre esse as-

sunto. O protagonista de "Debaixo da Minha Cama" (Ireia Freitas, Edições Barbatana, R\$ 48, 40 páginas) começa a história ouvindo barulhos esquisitos na hora de dormir. E, como qualquer pessoa normal, ela acha que os barulhos estão vindo de um monstro.

Ela, então, toma coragem, respira fundo, e no escuro mesmo encara o medo de olhar o espaço assustador que tem entre o chão e o estrado.

Não vou estragar a surpresa e contar o que ela encon-

tra, você vai precisar ler o livro para saber. Mas posso adiantar que, com tudo que há lá embaixo, nossa protagonista não só aprende a lidar com o desconhecido como também pratica controle de três parafusos!

O único spoiler que deixo aqui é de que não, não há nenhum monstro — ao menos não ali embaixo da cama dela. **MIF**

DEIXA QUE EU LEIO SOZINHO
Obra está indicada para ser lida por criança e leitura autônoma



Entre 6 gatinhos e nenhum monstro, personagem enfrenta medo do desconhecido. *Ilustração*



(atti relativi al 1994)

Downloaded from <http://ajph.org/> on November 10, 2015

EstúdioFOLHA: APRESENTA

FOCO

NOS
BAIROS
MOEMA**Viver bem**Conheça cinco motivos
para escolher Moema
como lar para
sua família**Pág. 2**

Sabores de Moema

Pizzaria
SperanzaEntre em nosso Grupo no Telegram: t.me/BRASILJORNAIS

Leticia Moreira/Folhapress

Um dos bairros mais valorizados de São Paulo apresenta restaurantes consagrados, como a pizzaria Speranza, e novidades modernas que formam um cenário gastronômico interessante e imperdível

Estúdio**FOLHA**: APRESENTA

Gafsa/Divulgação



Estação Moema

Shopping JK Iguatemi/Divulgação



Escolha perfeita

Um dos bairros mais valorizados de São Paulo, Moema oferece ótima localização e as melhores opções de compras, lazer e serviços, além de ruas que convidam a um passeio a pé para escapar da correria da metrópole

Um dos bairros mais valorizados de São Paulo, Moema proporciona um estilo de vida único na maior metrópole do país. Ruas calmas e arborizadas convidam os moradores a sair de casa a pé.

Com uma ampla oferta de comércio e serviços de qualidade, é possível fazer tudo sem entrar no carro —a bike também é uma ótima companhia.

O bairro oferece uma mobilidade única e proporciona acesso fácil e tranquilo a diversas regiões da cidade.

Nem para se divertir é preciso se deslocar muito. Moema e seu entorno estão repletos de opções de cultura, lazer, gastronomia e contato com a natureza.

Conheça cinco razões que tornam Moema um dos bairros mais queridos, valorizados e

charmosos de São Paulo.

1. MOBILIDADE

As estações Escalópolis e Moema chegam para transformar a mobilidade do bairro. A linha 5-Bilás vai até a Chácara Klabin e promove integração com as linhas 1-azul e 2-verde.

A estação Escalópolis está localizada em frente ao shopping Ibirapuera.

Para quem quer chegar ou sair do bairro de carro, há diversas alternativas como as avenidas Ibirapuera, Santa Amaro, Hélio Pellegrini, Moreira Guimarães e dos Bandeirantes. A infraestrutura viária também permite fácil acesso à marginal Pinheiros e aos eixos de negócios da Berrini e da Faria Lima.

O morador de Moema que



Pedro Guida/Bourbon Street/Divulgação

precisa viajar a trabalho ou a lazer com frequência conta com a comodidade de estar a poucos quilômetros do aeroporto de Congonhas —de carro, a distância pode ser percorrida em até 15 minutos.

O bairro também é amigável com quem gosta de pedalar ou se deslocar com patinetes. Várias ruas e avenidas do bairro contam com ciclovias ou ciclofaixas.

2. COMPRAS

Moema apresenta um variado comércio de rua. Entre as marcas que instalaram suas lojas na região estão Alidas, Le Lis Blanc, Clube Melissa, Lacoste, Tess Concept, L'Occitane, Kalunga e Tok&Stok.

O bairro tem como principal centro de compras o shopping

Ibirapuera, com 400 lojas e serviços, além de cafés, restaurantes, lanchonetes e salas de cinema.

A poucos minutos dali está um dos mais exclusivos shoppings da cidade. O JK Iguatemi, com suas 180 lojas, é um dos principais destinos para compras de luxo em São Paulo.

O morador de Moema também tem fácil acesso aos shoppings Morumbi, Vila Olímpia e Market Place, que apresentam ótimos mixes de lojas, restaurantes, bares, teatros e cinema.

3. CULTURA

Moema está a poucos minutos de alguns dos principais museus e casas de shows da cidade, oferece teatros, cinemas e centros culturais e abriga o tradicional Bourbon Street, com sua

excelente programação musical.

O bairro é vizinho do parque Ibirapuera e suas atrações culturais, como Museu Afro Brasil, Oca, Fundação Bial, MAC e MAM, além do Auditório Ibirapuera, um charmoso palco para shows de música, teatro e performances.

Moema também abriga atividades lúdicas, como a Escape 60 e o Roller Jam (pista de patinação), uma unidade da Livraria da Vila e um centro cultural.

4. BEM-ESTAR

Moema tem um dos quintais mais espetaculares da cidade. O parque Ibirapuera, um dos principais cartões-postais da cidade, proporciona lazer e contato com a natureza aos moradores do bairro.

O local é um espaço completo para entretenimento com lindas paisagens, ruas e trilhas para corrida, caminhada e passeios de bike, playgrounds, quadras, jardins e muitas outras atrações.

Já o parque das Bicicletas oferece pistas para quem anda sobre duas rodas ou gosta de correr, caminhar, patinar, andar de skate e patinete.

5. SERVIÇOS

Moema dispõe de uma excelente estrutura de comércio e serviços. É possível realizar tranquilamente as compras do dia a dia nas dezenas de supermercados que se espalham pelas ruas do bairro, como Pão de Açúcar, Pão de Mel, Carrefour, Dia e Mambó, entre outros.

Os empórios oferecem também opções de comidas e bebidas para os momentos mais especiais.

Os pets encontram todos os tipos de serviços, de comida e banho a creche, nos muitos pet shops da região.

Moema também facilita os cuidados com a saúde. Os hospitais Santa Paula e Alvorada são referência. É possível realizar exames com tranquilidade e conforto em laboratórios como Fleury, Salomão Zoppi, A+ e Cura, entre outros.

Escolas que são referência e estão entre as melhores do país atraem moradores do bairro, como Möbius, Augusto Laranja, Escola Viva e Octagon.

Estúdio**FOLHA**: APRESENTA

Moema para todos os gostos

Restaurantes e bares, como a pizzaria Speranza, fazem do bairro um destino gastronômico imperdível



The Fillets/Divulgação

TORO SUSHI

Citado pelo "Guia Michelin", oferece uma cozinha japonesa com toques modernos. Um dos destaques do cardápio é o Shake Butter Garlic (sashimi de salmão selado com chips de alho e regado com molho ponzu cremoso). **AL. dos Anapurus, 1430; tel.: 2386-6966**

VILA CONTE

Moderninho e intimista, investe na culinária contemporânea voltada para culinária italo-mediterrânea. Entre as especialidades do chef está o risotto aspargi e zucchini, com aspargos verdes, abobrinha, tomate seco e parmesão. **Av. Macuco, 579; tel.: 5054-0166**

THE FIFTIES

Um dos hambúrgueres mais famosos da cidade é servido em lanchonetes com decoração inspirada nos anos 1950. O restaurante tem um cardápio de alérgicos para os clientes terem certeza do que estão comendo. **AL. Jauaperi, 1468; tel.: 2387-4868**

Pizzaria Speranza/Divulgação



PIZZARIA SPERANZA

A família Tarallo trouxe para o Brasil a pizza Margherita, clássica de Nápoles, no final dos anos 50 quando se mudou para o Brasil. Em 1958 fundou a Cantina e Pizzaria Speranza. A pizza mais querida de São Paulo é apresentada em duas versões na casa: Tradizionale (com a mozzarella de leite de vaca) e Speciale (mozzarella de leite de búfala). Outros clássicos de Nápoles também foram trazidos para cá pelos Tarallo e permanecem, inalterados e muito apreciados, no cardápio da Speranza: a pizza Napoletana, o Calzone (pizza fechada) e o tortano (pão de linguiça napolitano). **Av. Sabá, 786; tel.: 5051-1229**

CAFÉ JOURNAL

O bar e restaurante é decorado com obras de arte e apresenta uma programação musical com ritmos como jazz, MPB e bossa nova. É especializado em gastronomia contemporânea. **AL. dos Anapurus, 1121; tel.: 5055-9454**

FOGO DE CHÃO

Em ambiente elegante, a tradicional churrasceria oferece seus cortes especiais em sistema de rodízio. A refeição inclui bufê de salada, antepastos e diversas sobremesas. A unidade de Moema foi a primeira da rede na capital paulista. **Av. Moreira Guimarães, 964; tel.: 5056-1795**

CHEZ VOUS

O bistrô apresenta clássicos da culinária belga, como as almondegas ao molho de cerveja, preparadas com ingredientes orgânicos. O restaurante está instalado em uma charmosa casa dos anos 1940. **Av. Lavandisca, 395; tel.: 5051-6263**

SI SEÑOR

Especializado em culinária tex-mex. Serve pratos como as fajitas (carne grelhada acompanhada de nachos chips, tortillas, taco shells, frijoles, guacamole, sour cream e pico de gallo), além de drinks como margarita e molito. **AL. Jauaperi, 626; tel.: 3476-4650**



Si Señor/Divulgação